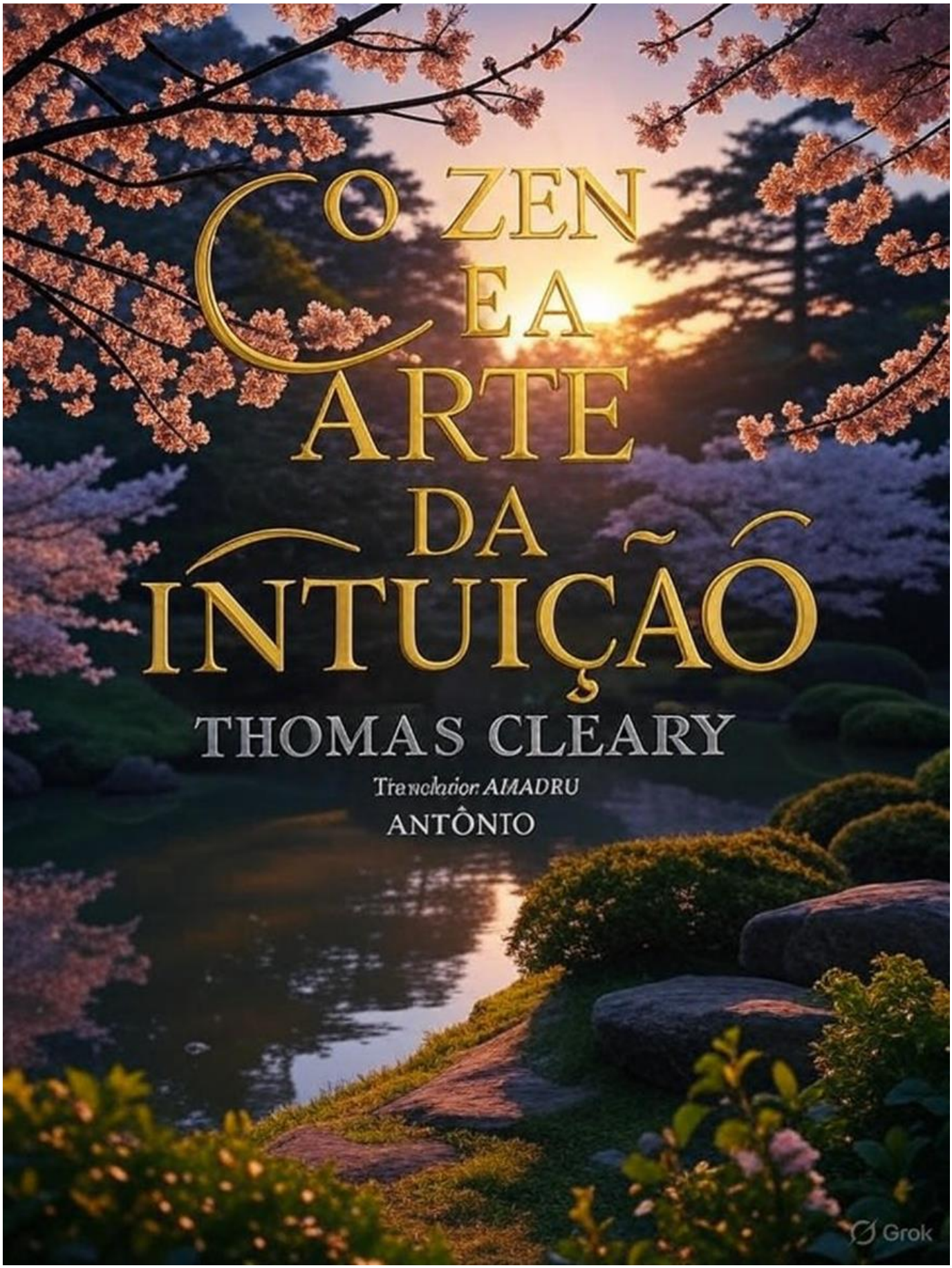
O ZEN E A ARTE DA INTUIÇÃO
THOMAS CLEARY
Tradução: AMADRU
ANTÔNIO
Grok

INTRODUÇÃO

“Como sabes?” O que é que isto significa… para ti? Significa “Como sabes?” ou “Como sabes?” Ou significa “Como sabes?” Normalmente, isto é apenas uma pergunta retórica, usada como réplica. As implicações, no entanto, são mais profundas do que o cliché habitual. Um dos grandes mestres taoistas zen escreveu: “Expressões comuns e ditados vulgares estão de acordo com o caminho dos sábios; deves recorrer a eles para uma pesquisa cuidadosa.”

Deste ponto de vista, “Como sabes?” abre a porta para um mundo de admiração. Existem fontes fiáveis de conhecimento? Do que podemos ter a certeza? Como podemos saber isto? A mentalidade afeta materialmente as questões de conhecimento? Existe um caminho da opinião para o conhecimento? Que tipos de conhecimento estão disponíveis para nós? Como é que aquilo que pensamos saber influencia as nossas vidas quotidianas?

Se dedicarmos tempo a perguntar a nós próprios “Como sabes?” — como réplica, como pergunta, como desafio — podemos chegar ao pivô das nossas relações com os nossos próprios pensamentos e sentimentos, com os nossos semelhantes e com o mundo em geral. Tomada pelo que pode render nestes papéis, a pergunta contém em si um desafio à raiz de toda a ignorância e complacência.

A questão de como sabemos o que sabemos e como sabemos que o sabemos pode ser uma das mais ameaçadoras que se pode colocar, porque nos força a examinar as nossas suposições mais básicas sobre nós próprios, o nosso mundo e o nosso ser no mundo. No entanto, pode também revelar-se uma das questões mais intrigantes e importantes, pois é um primeiro passo para a realidade mais ampla além do limite do preconceito oculto e da suposição inconsciente.

Como sabemos se as nossas perceções e crenças são válidas? Se usarmos o nosso próprio conhecimento para verificar o nosso próprio conhecimento, como podemos saber que não estamos a girar em círculos? Se usarmos o conhecimento dos outros para verificar o nosso conhecimento, cujo conhecimento usamos, como sabemos que é conhecimento, e como podemos saber se ou como os outros sabem quando nós próprios não sabemos se sabemos o que sabemos?

Se prosseguirmos estes pensamentos demasiado longe, podemos rapidamente paralisar-nos e perder o nosso sentido de significado; no entanto, se não nos colocarmos estas perguntas, não podemos saber o que podemos estar a perder, ou a interpretar mal, por causa de suposições inconscientes.

Uma das dificuldades de abordar esta questão de como sabemos no nosso contexto ocidental é que aprendemos a desarmar a pergunta existencialmente,

dando-lhe termos como epistemologia e prosseguindo-a intelectualmente. Esse hábito não é peculiar ao Ocidente, como mostram os escritos orientais, e não é uma barreira intransponível para a visão experiencial, desde que não persista nenhuma suposição subconsciente de que a abordagem conceptual ou intelectual familiar é a única forma de compreender ou conhecer as coisas.

Quando vemos a religião em termos de crença e culto, a questão do conhecimento não está em causa. Na religião dogmática, o conhecimento é identificado com o dogma, e a questão da sua validade não pode surgir sem criar um sentido de violação ou ameaça à religião. Para evitar a pergunta, o dogma pode ser chamado revelação divina ou tradição sagrada, mas pode ser que qualquer racionalização para o não exame de crenças tenda a satisfazer o desejo inconsciente de permanecer ao nível da crença e do culto.

Embora isto possa confortar os desorientados dentro de certos limites, o desejo por este conforto pode também ser explorado para manipular pessoas, até ao ponto de as virar umas contra as outras em nome das suas crenças e desviá-las dos seus próprios melhores interesses em nome da salvação. Para nós no Ocidente, que fomos expostos a algumas das piores perseguições religiosas na história do mundo, e mesmo hoje ouvimos falar de violência a favor e contra a religião em todo o globo, pode ser emocional e intelectualmente difícil conceber uma religião que não se baseie em dogma, crença ou culto.

No entanto, é precisamente isso que encontramos no Budismo, que visa a perceção direta da verdade e da realidade, não a defesa da doutrina ou a destruição dos dissidentes. Não há dúvida de que os ensinamentos budistas, como outras religiões, empregaram vários edifícios de fé e preceito de tempos a tempos para a proteção e maturação de indivíduos e comunidades espiritualmente imaturos.

Também está além de dúvida que tais edifícios foram desviados, em várias etapas da sua história, para propósitos diferentes daqueles para os quais foram originalmente concebidos. Isto é historicamente verdadeiro para todas as religiões institucionalizadas, incluindo o Budismo, como está registado nos escritos dos seus próprios sábios.

Os ensinamentos budistas sobre a perfeição da visão mostram, para aqueles que atingiram um certo nível de maturidade e para quem o momento é certo, como romper a casca da crença cultivada e espalhar as asas da visão independente no céu da liberdade. Estes ensinamentos conduzem o caminho da projeção do eu no labirinto desconcertante de espelhos para a luz aberta do dia do espaço amplo e desobstruído da visão penetrante.

Quando os indivíduos ainda estão num estágio em que precisam de estruturas de crença e prática impostas externamente para modificar instintos, hábitos e vícios desregrados, a visão gnóstica não dogmática e não sectária do Budismo é impercetível e efetivamente indisponível. Isto também é verdade para

indivíduos que estão apegados a edifícios de doutrina e preceito ao nível de os impor aos outros para poder ou de os comercializar para lucro.

De acordo com os ensinamentos budistas sobre este assunto, em qualquer dos casos, pode ser prejudicial para tais pessoas até ouvir falar da visão perfeita, por isso a sua subtileza aparentemente inatingível é na verdade uma forma de misericórdia para o mundo. Esta é uma das aparentes paradoxos dos ensinamentos sobre a visão perfeita; declaram-se ser para o benefício do mundo inteiro, mas ao mesmo tempo não são para todos.

O efeito é comparado a um medicamento poderoso que pode curar a doença, mas também pode danificar uma constituição fraca. A visão pode ser uma experiência arrebatadora, além da capacidade de uma mente imatura ou desequilibrada para suportar com equanimidade. Os ensinamentos budistas sobre a visão, além disso, são de tal natureza que certos tipos de mentalidade são propensos a interpretá-los de formas prejudiciais.

Fanáticos de todos os tipos, além disso, instintivamente temem os ensinamentos da visão e deliberadamente os deturpam a quem quiser ouvir. A história diz-nos que os primeiros dois grandes mestres do Zen na China, por exemplo, foram na verdade assassinados por formalistas que temiam que o ensinamento da visão zen minasse a sua autoridade. A própria escritura budista clássica inclui os avisos apropriados com as suas prescrições, tal como a medicina moderna.

A escritura também fornece ensinamentos e práticas remediais para aqueles que ainda não conseguem beneficiar de exercícios na visão penetrante, bem como material avançado para aqueles que conseguem despertar esta visão. Não há uma única palavra que corresponda totalmente ao termo budista para visão perfeita na língua inglesa. No sânscrito budista canónico, usa-se a palavra prajnaparamita.

Este termo não pode ser traduzido em uma ou duas palavras, e por isso precisa de expansão nos seus elementos para ser compreendido ao nível da razão comum e do senso comum. A raiz jna representa conhecimento, cognata com o gno da palavra grega/inglesa gnosis e o kno da palavra inglesa knowledge.

Esta é uma categoria muito geral de função mental em sânscrito, no entanto, que está sujeita a mais definição por meio de prefixos. O prefixo sânscrito comum pra é em alguns sentidos na verdade cognato com o pre e pro ainda de forma semelhante no inglês (significando “antes” e “para a frente”), mas o seu espectro de significado em sânscrito é mais amplo. Quando usado com substantivos, o prefixo pra pode transmitir os sentidos de “poder”, “intensidade”, “fonte”, “completude”, “perfeição”, “separação”, “excelência”, “pureza” e “cessação”.

Embora o significado exato de qualquer prefixo multissignificado possa variar de acordo com o verbo ao qual é prefixado, quando este prefixo multissignificado pra é ligado ao verbo raiz de conhecer, no contexto budista da relatividade do conhecedor, do conhecer e do conhecido, então todos estes significados do prefixo estão incluídos no termo prajna para visão perfeita.

Por esta razão, a imagem complexa construída pela raiz jna e pelo prefixo pra não pode ser capturada por uma palavra ou termo simples, seja insight, sabedoria ou perfeito conhecimento. No entanto, quando exemplos reais são traduzidos em contexto, o efeito do uso é enriquecer os significados de quaisquer palavras ou termos da língua hospedeira que sejam empregues como aproximações expedientes. Assim, palavras como insight, sabedoria e conhecimento passam a ter significados especiais quando usadas no contexto do relativismo e transcendentalismo budistas.

A literatura budista sobre visão em particular avisa os leitores para não tomarem os termos demasiado literalmente de acordo com os seus conceitos convencionais. Esta é uma razão pela qual muita escrita budista é altamente metafórica. Alguma da riqueza de significado em prajna pode ser apreciada considerando-a à luz daqueles vários sentidos de pra à medida que se relacionam com descrições escriturais do que a visão perfeita é e pode fazer: Diz-se que a visão perfeita é conhecimento poderoso na medida em que pode superar toda a ilusão e toda a confusão, enquanto nada a pode superar.

A visão perfeita é conhecimento intenso na medida em que pode penetrar aparências externas para intuir a essência interna das coisas.

A visão perfeita é o conhecimento fonte na medida em que é a fonte da iluminação, e é a fonte da iluminação porque é visão na fonte de tudo.

A visão perfeita é conhecimento completo na medida em que não há nada que não compreenda por penetração intuitiva.

A visão perfeita é conhecimento separado na medida em que está desapegado de, e outro que, pensamentos e imaginações, e no entanto é capaz de separar coisas no sentido de as distinguir.

A visão perfeita é conhecimento excelente na medida em que é mais objetivo do que a conceptualização, mais realista do que versões de realidade construídas mentalmente.

A visão perfeita é conhecimento puro porque não é afetado por estados internos ou objetos externos.

A visão perfeita é cessação, ou conhecimento terminal, na medida em que emerge através da cessação de todas as visões e porque o seu despertar termina hábitos mentais compulsivos e ideias falsas.

As escrituras budistas que se especializam nos ensinamentos sobre visão perfeita geralmente seguem um padrão de raciocínio para mostrar as limitações intrínsecas do pensamento discursivo. Isto é um exercício de atenção, não de conceptualização, destinado a efetuar uma mudança de atenção do conceptual para o modo intuitivo.

A visão intuitiva não pode ser diretamente descrita, por isso a mudança da lógica linear para a perceção direta é abordada pela desconstrução de conceptualizações. Daí o termo paramita, ou perfeito, que literalmente significa "ido além". Este método é por vezes mal compreendido para racionalizar a irracionalidade ou dissociação, que não são meios eficazes de despertar visão.

Por outro lado, é por vezes interpretado em termos de lógica conceptual per se e não praticado por aqueles que não conseguem ver a sua ligação à visão penetrante pragmática. O irracionalismo, a dissociação e o niilismo já foram diagnosticados nas escrituras budistas e nos comentários e tratados dos mestres antigos, e avisos sobre eles são repetidos geração após geração. Isto é particularmente proeminente na tradição zen, que está intimamente associada à especialização na perfeição da visão.

Shaku Soen, um dos mestres zen mais distintos do Japão moderno, escreveu em 1898: Hoje em dia, acontece frequentemente que aqueles que confundem a "iluminação silenciosa" da "realização no escuro" com a compreensão zen tendem a odiar escritos como se fossem serpentes venenosas, e temer as escrituras, tratados e registos de ditados como se fossem feras ferozes, dizendo que a "transmissão especial fora da doutrina não insiste em escritos".

Ah, não é isso estreito e baixo? Um antigo iluminado disse: "Se o que está além da doutrina é claro, então como pode o que está nos ensinamentos inibi-lo? Se o que está além da doutrina não admite os ensinamentos, então o que está além da doutrina também não é verdadeiro. Porquê? Se um espelho está perfeitamente claro, não escolhe entre imagens de coisas. Se as imagens não são refletidas, isso significa que o espelho ainda não está claro. Estás a rejeitar as imagens das coisas por causa da poeira e sujidade que cobre o espelho. Se estás no Grande Caminho, não fabricas tais visões." Estas podem ser chamadas palavras de sabedoria.

1 Os exercícios nos ensinamentos escriturais sobre visão perfeita destinam-se aos chamados bodisatvas, significando pessoas essencialmente devotadas ao bodhi, ou iluminação; especialmente os mahasattvas, pessoas maduras. Isto não se refere a devoção religiosa ou idade cronológica per se, mas à mentalidade e espiritualidade. A "iluminação silenciosa" da "realização no escuro" mencionada pelo mestre zen refere-se a uma visão falsa que é realmente uma forma de auto-ilusão procurada por escapistas, niilistas e outros tradicionalmente referidos como imaturos ou de mente fraca e incapazes de beneficiar dos ensinamentos sobre perfeição da visão.

Estas escrituras dirigem os seus ensinamentos tanto a homens como a mulheres na vida leiga, sem qualquer discriminação adicional no que diz respeito ao género ou posição social. No entanto, é verdade que nas tradições zen e tântricas budistas a visão é personificada como uma deusa; e na tradição zen e zen-taoista sobre visão transcendente foi escrito que normalmente é um pouco mais fácil para as mulheres aceder à intuição do que para os homens.

Alguns atribuem isto aos efeitos específicos de diferentes formas em que homens e mulheres foram treinados; alguns atribuem-no a certas diferenças em hábitos de atenção e perceção resultantes de diferenças biológicas entre homens e mulheres. Seja como for explicado, esta é uma razão pela qual o Budismo tântrico retrata o modelo de iluminação como um homem e uma mulher abraçados. Este livro contém exercícios na perfeição da visão de escrituras e tratados especializados nesta dimensão do Budismo. Estes são traduzidos de fontes canónicas e explicados com referência particular à comunhão mística do Zen e do pan-Budismo, centrada na perfeição da visão além do dogma e da dependência.

Do prefácio a Tenkei Zenji Teisho Hekiganroku Kogi. Tóquio: Koyukan, 1898, 1908, 1910.

ESCRITURA SOBRE A VISÃO PERFEITA

DESPERTANDO PARA A ESSÊNCIA

1

Se os bodisatvas puderem compreender realisticamente a base da igualdade da escuridão e da luz em toda a matéria, quando entenderem isto todas as coisas são assim. Estes bodisatvas rapidamente realizam a iluminação perfeita suprema. Isto também é verdade para a sensação, cognição, condicionamentos e consciência. Se os bodisatvas puderem compreender realisticamente a base da igualdade da escuridão e da luz em todas as consciências, quando entenderem isto todas as coisas são assim. Estes bodisatvas rapidamente realizam a iluminação perfeita suprema.

A igualdade da escuridão e da luz;
Em todas as coisas é assim;
Conhecendo a base e compreendendo-a,
Alcança-se a iluminação.

Comentário

A igualdade da escuridão e da luz significa a identidade do vazio e da existência. Num sentido absoluto, a essência das coisas é inatingível,

inacessível à perceção ou conceção; isto chama-se escuridão. No sentido convencional, as características das coisas podem ser distinguidas, relativas à faculdade mental; isto chama-se luz.

Quando a “igualdade da escuridão e da luz em todas as coisas” é realizada, isso significa que a inatingibilidade das coisas na sua essência absoluta não interfere com o discernimento das coisas na sua atualidade quotidiana; e da mesma forma, a consciência quotidiana das características das coisas não interfere com a visão intuitiva na sua inatingibilidade absoluta. Este é o princípio do centro, do meio ou do caminho do meio, o caminho budista do equilíbrio baseado em transcender o mundo enquanto no seu meio, nem insistindo nem negando, nem agarrando nem rejeitando, nem obcecando nem ignorando. Este equilíbrio é sentido, praticado e realizado no contexto da totalidade da vida, por isso a escritura fala de realizar a igualdade da escuridão e da luz em todas as coisas.

2

Matéria, sensação, cognição, condicionamentos e consciência ocorrem em três naturezas — uma natureza inexistente, uma natureza temporária condicional e uma natureza verdadeira. Se as pessoas sábias realizarem isto como realmente é, então não criam apegos à consciência e não manifestam excitação; as suas mentes estão abertas e claras. Porque já não desenvolvem apegos de agarrar à consciência e as suas mentes estão abertas e claras, podem então atingir a emancipação através dos ensinamentos do Grande Veículo.

Comentário

Matéria (ou forma), sensação, cognição (incluindo perceção e conceção), condicionamentos (padrões de atividade) e consciência são os chamados cinco agregados, um termo para um método budista clássico de analisar um ser humano para ilustrar o facto de que o que pensamos como o nosso eu ou a nossa pessoa não é a unidade que imaginamos. Esta fórmula é usada repetidamente nesta literatura, particularmente como ponto de partida para enumerar os elementos de toda a experiência, tanto mundana como espiritual.

As três naturezas em que os cinco agregados ocorrem — inexistente, temporária e verdadeira — devem ser compreendidas para fazer sentido dos ensinamentos sobre o vazio e visão perfeita que dizem que todas as coisas são inexistentes ou irreais. A natureza inexistente também é chamada a natureza puramente conceptual, referindo-se aos conteúdos das nossas descrições mentais das coisas. Essas descrições mentais não são as coisas em si, não são realidades objetivas como tal, e por isso são referidas como a natureza inexistente das coisas.

Porque as nossas confusões e ilusões derivam de confundir conceptualizações ou imaginações subjetivas com realidades objetivas, o ensinamento da visão perfeita diz que aquelas “coisas” que imaginamos são vazias; isto é, estão vazias de realidade absoluta. Nesse sentido, as coisas como as concebemos são chamadas irreais ou inexistentes.

Isso não significa que nada existe, apenas que não é como o concebemos; o ensinamento diz que há outra natureza, uma natureza temporária, que é a ocorrência interdependente de fenómenos. Percebemo-la e descrevemo-la como assim e assado, mas isso é a nossa interpretação, não a ocorrência em si. A natureza real das coisas é a essência da sua natureza dependente sem a sobreposição projetada da natureza conceptualizada inexistente.

Esta distinção de três naturezas ajuda a mente a sentir e manter o equilíbrio entre “escuridão e luz”, entre desapego e envolvimento. É chave para compreender, num sentido prático, as afirmações escriturais aparentemente contraditórias sobre coisas em termos de existência ou inexistência, realidade ou irrealidade, pureza ou impureza, e assim por diante. Se esta prática escritural de pseudoparadoxo fosse destinada a ser um exercício em filosofia escolástica, o nível de significado seria invariavelmente definido.

O primeiro passo do exercício é perceber qual das três naturezas a escritura se refere, e em que sentido, quando diz, por exemplo, que as coisas são irreais ou inexistentes. Este exercício elementar em discernimento é então desenvolvido na capacidade de focar a atenção deliberadamente em cada natureza, primeiro individualmente e depois coletivamente, a fim de adquirir a capacidade mental de combinar liberdade flutuante ou não apego com participação desperta e consciente no mundo.

3

Se os bodisatvas desenvolverem apegos a formas como são descritas e agirem sobre elas na prática, praticar desta forma é agir sobre a noção da existência de um corpo real e também agir sobre o desejo de existência. Por outro lado, se realizarem qualquer busca à parte da existência, isso significa que não conhecem realmente a forma.

O mesmo é verdade para a sensação, cognição, condicionamentos e consciência. Se os bodisatvas desenvolverem apegos a consciências como são descritas e agirem sobre elas na prática, praticar desta forma é agir sobre a visão da existência de um corpo real e também praticar o desejo de existência. Se, por outro lado, realizarem qualquer busca divorciada da existência, isso não é realmente conhecer a consciência.

Comentário

Prática baseada em sensação, cognição, condicionamentos e consciência como são descritas pode ser interpretada como significando meditação sobre

definições técnicas destes fatores de ser em vez de sobre experiência direta da sua operação. No entanto, há também sintomas ou manifestações específicas de tentativas de cultivar espiritualidade com apegos ou fixações subjacentes em conceções ilusórias do que está a ser cultivado.

Praticar com base no apego a formas como são descritas pode ser observado em cultos onde há uma atenção obsessiva colocada em parafernália ritual, regalias, vestuário e pantomima, ou onde ritos e práticas são definidos e santificados em termos de formalidades de valor santificado em si mesmos em vez de prescritos a pessoas particulares para propósitos específicos.

Prática baseada no apego a sensações como descritas pode ser observada em cultos obcecados com experiências sensoriais incomuns, cultivadas por meditação, oração ou outras práticas, que são identificadas como santas ou espirituais pela sua falta de familiaridade.

Prática baseada em cognições como descritas pode ser observada tanto em dogmáticas cultuais como académicas, onde formulações verbais e conceptuais provisórias temporárias são rigidificadas em doutrinas e regras fixas.

Prática baseada em condicionamentos como descritos pode ser observada em tentativas de realizar práticas religiosas baseadas em motivos egocêntricos ou egoístas, tentando alcançar a espiritualidade de formas influenciadas por padrões instintivos inconscientes ou não examinados e enraizados de hábito.

Prática baseada em consciência como descrita pode ser observada em cultos devotados à alteração da consciência como um fim em si mesmo. A sua futilidade está na sua obsessão com mudanças cujo possível valor ou detrimento lhes é desconhecido porque estão fixados em identificar os seus sentimentos subjetivos com descrições de mudanças acreditadas como significativas ou espirituais.

Um ditado da famosa Escritura do Nome Puro ajuda a manter estes princípios em mente: “Se praticares o ensinamento através de ver e ouvir, sentido e reconhecimento, então isso é ver e ouvir, sentir e reconhecer — não é praticar o ensinamento.”

A alternativa a isto não é uma “busca divorciada da existência”, que pode referir-se a alguma forma de misticismo alienado, ou ao niilismo, nenhum dos quais resolve o problema fundamental da obsessividade. Alienação e niilismo também são formas de exagero.

4

Se os bodisatvas não desenvolverem apegos a formas como são descritas e não as aplicarem na prática, não estão a agir sobre a noção de um corpo real e não estão a agir sobre o desejo de existência; e, no entanto, não realizam qualquer busca à parte da existência. Isto é realmente conhecer a forma. Sensação, cognição, condicionamentos e consciência também são assim. Se os bodisatvas não desenvolverem apegos a consciências como são descritas e não as aplicarem na prática, não estão a agir sobre a noção de um corpo real e não estão a agir sobre o desejo de existência; e, no entanto, não realizam qualquer busca à parte da existência. Isto é realmente conhecer a consciência.

Comentário

Um propósito essencial da prática de visão perfeita, um classicamente enfatizado pelos mestres zen, é superar o estágio de relações dogmáticas e fixadas com o ensinamento como é expresso, compreendido, aplicado e realizado. Isto restaura a flexibilidade original do ensinamento à medida que se relaciona com as necessidades do indivíduo em cada estágio sucessivo de refinamento espiritual. Sem esta flexibilidade, versões dogmatizadas e rigidificadas do ensinamento tornam-se obstáculos ao progresso, até prisões do espírito.

O mestre zen Zhenjing disse: “Algumas pessoas não confiam no buda em si mesmas e apenas se apoiam num pouco das reflexões e ecos dos antigos como sabedoria de imitação, como objetos de conhecimento, como doutrinas fixas. Tendem a afastar-se do despertar e misturar-se com objetos sensoriais; continuam a agarrar-se a eles e não conseguem libertar-se.”

Mostrando o caminho além tanto do materialismo espiritual como da alienação espiritual ou niilismo, o mestre zen Baizhang disse: “Agora mesmo, desapega-te de todas as coisas — existência, inexistência, o que for — e desapega-te até do desapego em si.”

A Escritura sobre Desvendar os Mistérios explica: “A característica do agarrar conceptual pode ser conhecida através da associação de nomes e caracterizações. A característica da origem dependente pode ser conhecida através do agarrar conceptual sobreposto à existência dependente. A característica perfeita da realidade pode ser conhecida por não se agarrar às conceções sobrepostas à existência dependente.” (Yoga Budista) Este não agarrar é chave para a visão perfeita, como elaborado abaixo.

5

Os bodisatvas que são mahasattvas devem desenvolver três atitudes em relação a todas as formas materiais. Primeiro é uma atitude de não apego. Segundo é uma atitude de não envolvimento. Terceiro é uma atitude de pureza de coração. Por esta razão, quer as mentes dos bodisatvas que são mahasattvas sejam excitadas em relação a essas formas materiais ou não excitadas, ou grandemente excitadas ou imparcialmente excitadas, tudo deve ser examinado realisticamente e imparcialmente. Sendo capazes de observar imparcialmente desta forma, estes bodisatvas rapidamente realizam a iluminação perfeita suprema.

Isto também é verdade para sensações, cognições, condicionamentos e consciências. Os bodisatvas que são mahasattvas devem desenvolver três atitudes em relação à consciência. Primeiro é uma atitude de não apego. Segundo é uma atitude de não envolvimento. Terceiro é uma atitude de pureza de coração.

Por esta razão, quer as mentes dos bodisatvas que são mahasattvas sejam excitadas em relação a essas consciências ou não excitadas, ou grandemente excitadas ou imparcialmente excitadas, tudo deve ser examinado realisticamente e imparcialmente. Sendo capazes de observar imparcialmente desta forma, estes bodisatvas rapidamente realizam a iluminação perfeita suprema.

Comentário

Não apego, não envolvimento e pureza de coração são atitudes que abrem o caminho à objetividade. Aqui a objetividade é aplicada ao “exame realístico e imparcial” da excitação da mente. O exame realístico e imparcial da excitação da mente ajuda a sentir tendências para distorções subjetivas na relação com o mundo.

O mestre zen Huanglong escreveu: “Quando não levantas nada de todo, não consegues suportar o fardo; subitamente percebendo que estás errado, o teu coração enche-se de alegria infinita. Uma vez que o veneno sai do teu coração, até serpentes e tigres são teus amigos.” Não levantar nada de todo significa não se agarrar a coisas; não suportar o fardo de nada de todo significa não se agarrar ao nada. Alegria infinita no coração é a clareza e flutuabilidade da mente não encumbrada por obsessões. A amizade de serpentes e tigres significa a capacidade de permanecer desapegado, não envolvido e puro de coração no meio de toda a atividade mental, até pensamentos e emoções negativos. Isto é como a capacidade dos bodisatvas de examinar realisticamente e imparcialmente a excitação das suas mentes mesmo que estejam desapegados.

6

Se os bodisatvas que são mahasattvas virem existência ou inexistência em formas materiais, não conhecem ou compreendem realmente. O mesmo é verdade para sensações, cognições, condicionamentos e consciências. Se os bodisatvas que são mahasattvas virem existência ou inexistência em consciências, não conhecem ou compreendem realmente.

Comentário

Ver existência significa estar fixado na afirmação; ver inexistência significa estar fixado na negação. Para evitar estes extremos e manter o equilíbrio central, vê-se as coisas como nem absolutamente existentes nem absolutamente inexistentes. Num sentido, a questão crítica não é ver que as coisas existem ou não, mas sim como as coisas existem ou não.

O mestre zen Longji disse: “Se afirmas o pilar, não vês o pilar. Se negas o pilar, não vês o pilar. Quando a afirmação e a negação estão completamente ausentes, então ganhas compreensão dentro da afirmação e da negação.”

O mestre zen Shoushan costumava erguer um bastão e dizer: “Se o chamares bastão, estás a agarrar-te. Se não o chamares bastão, estás a ignorar. Então, como o chamas?”

7

Se os bodisatvas que são mahasattvas excitarem a intenção de habitar no reino da equanimidade, então quando as suas mentes buscarem libertação da forma material as suas mentes são movidas pela forma, abaladas e totalmente agitadas. Por causa disto, estes bodisatvas acham difícil atingir a libertação.

O mesmo é verdade para sensação, cognição, condicionamento e consciência. Se os bodisatvas que são mahasattvas excitarem a intenção de habitar no reino da equanimidade, quando as suas mentes buscarem libertação da consciência as suas mentes são movidas pela consciência; são abaladas e tornam-se totalmente agitadas. Por causa disto, estes bodisatvas acham difícil atingir a libertação.

Se os bodisatvas que são mahasattvas pretenderem habitar na equanimidade, quando buscarem libertação da forma material, se as suas mentes não estiverem nem apegadas à forma nem desconectadas, por causa disto estes bodisatva-mahasattvas atingem habilmente a libertação.

O mesmo é verdade para sensação, cognição, condicionamento e consciência. Se os bodisatva-mahasattvas pretenderem habitar na equanimidade, quando buscarem libertação da consciência, se as suas mentes não estiverem nem apegadas à consciência nem dissociadas, por causa disto estes bodisatvas atingem habilmente a libertação.

Comentário

Quando a intenção de atingir libertação e habitar na equanimidade é uma reação à perturbação pela instabilidade e mudança, na medida em que a reatividade é a base da intenção, essa mesma reatividade acompanha a prossecução da intenção através de qualquer curso de ação subsequente. O Terceiro Grande Mestre do Zen disse: “Se tentares parar o movimento para retornar à quietude, parar faz ainda mais agitação.” Assim, a fixação da intenção torna a empresa fútil. É por isso que a meditação pode produzir agitação e até desarranjo em algumas pessoas. O remédio é o equilíbrio descrito na escritura aqui, sendo “nem apegado nem dissociado”. O Terceiro Grande Mestre do Zen disse: “Tentar livrar-se da existência é obscurecer o ser; tentar seguir o vazio é virar as costas ao vazio.”

ESSENCIAL DA GRANDE ESCRITURA

SOBRE VISÃO PERFEITA

1

A visão é provisoriamente dita ser de dois tipos; no entanto, estando além de sujeito e objeto, são ultimamente não diferentes. Porquê? Quando os bodisatvas cultivam visão, mentalmente buscam a natureza e características das coisas; seja eu ou ausência de eu, permanência ou impermanência, origem ou destruição, existência ou vazio, nada como isto pode ser encontrado. Não encontram quaisquer características para agarrar e não concebem quaisquer visões de agarrar.

Nesta altura desapegam-se de todas as visões de características e realizam imparcialmente o aspeto verdadeiro de todas as coisas, que não tem dualidade, não tem diferença, não tem começo, não tem fim, não tem origem e não tem destruição. Não é existente e não é vazio; transcende toda a forma de expressão verbal e está para sempre além do reino de todos os construtos mentais.

Comentário

Quando a visão é dita ser de dois tipos, isto refere-se à observação visionária das características das coisas e visão intuitiva na natureza ou essência das coisas. Esta passagem ilustra a combinação prática destes dois modos de visão, como um leva ao outro. O exame minucioso de características leva à realização da sua inatingibilidade última, abrindo assim a visão intuitiva na essência. Pela virtude da visão intuitiva na essência, a mente é libertada da fixação nas características das coisas como convencionalmente definidas, permitindo assim à visão observacional ver aspetos das coisas ordinariamente não percebidos. É assim que a cooperação destes dois modos de visão pode

despertar faculdades de criatividade e arte de formas aparentemente misteriosas. A aparente negatividade das formulações de visão — “não isto, não aquilo, não o outro” — representa o processo de limpar a mente de preocupação com visões limitadas da realidade.

2

A visão é de cinco tipos: visão no aspeto verdadeiro das coisas; visão observadora; visão literária; visão em objetos, referindo-se às duas verdades, absoluta e convencional; e visão auxiliar, referindo-se a todo o conhecimento benéfico. O aspeto verdadeiro das coisas é a essência da visão. Observar é a característica da visão. Literatura é a causa da visão. Objetos são a esfera da visão. Auxiliares são acompanhamentos da visão.

Comentário

É normal para textos budistas definir termos técnicos de forma diferente. Na perspetiva da visão budista, não há definição fixa de nada e não pode haver, porque a definição é construída relativa à perceção. Diferentes definições foram portanto fornecidas para diferentes indivíduos e comunidades em diferentes tempos, de acordo com os seus estágios particulares de desenvolvimento e o que então precisam para progredir mais. Assim, a definição de um termo, ou o significado de um princípio, pode na verdade mudar para um indivíduo ou grupo no curso do progresso. A literatura budista contém muitos exemplos disto, incluindo ilustrações do que acontece quando o processo ou é parado ou sai do controlo e produz dissociação intelectual.

Em alguns casos, definições relativamente simples e relativamente complexas de termos técnicos podem aparecer no mesmo texto, como aqui nesta obra sobre visão perfeita. Uma definição relativamente simples pode ser utilizada como forma de focar em básicos ou essenciais, enquanto uma definição relativamente complexa pode seguir como meio de contornar tendências para simplificar excessivamente e dogmatizar fórmulas de trabalho. Aqueles que se fixam em qualquer um dos cinco tipos de visão, por exemplo, desenvolverão distorções e defeitos de mente correspondentes.

Fixação na visão na natureza verdadeira das coisas sozinha destrói o intelecto, mina a vontade e fomenta o niilismo; fixação na visão observadora sozinha resulta em paralisia através de inundação, viés através de seleção arbitrária, ou vaguear sem rumo da mente; fixação na visão literária sozinha produz intelectualismo estéril e poética imitativa; fixação na visão em objetos sozinha divide a mente e divide a atenção; fixação na visão auxiliar sozinha torna alguém cativo de causas e objetivos mundanos.

O mestre zen Baizhang disse que se buscas conhecimento e bênçãos antes de ter realizado a verdade absoluta, serás cavalgado pelo conhecimento e bênçãos e não poderás ser livre para usá-los livremente; se ganhares

conhecimento e bênçãos depois de ter realizado a verdade absoluta, por outro lado, então será possível não só ser livre tu mesmo, mas também empregar conhecimento e bênçãos livremente. O ponto importante é que estes vários aspetos ou modos de visão devem trabalhar juntos nas suas relações apropriadas para efetuar o equilíbrio e a totalidade da iluminação.

3

A compreensão significa compreensão porque consegue compreender todos os objetos do conhecimento.

A compreensão significa ausência de conhecimento porque, se há algo conhecido, não conheces o verdadeiro aspeto.

A compreensão significa destruição no sentido de que destrói a possibilidade de expressar verbalmente todas as coisas, quer em termos de natureza quer de características.

A compreensão significa não-destruição porque testemunha o verdadeiro aspeto sem destruir definições temporais.

A compreensão significa desapego porque está para sempre afastada de toda a obsessão de apego.

A compreensão significa não-dissociação porque testemunha as características de todas as coisas.

A compreensão significa nem desapego nem não-desapego porque não está dissociada de nada, mas ainda assim está desapegada de tudo.

A compreensão significa nem destruição nem não-destruição porque nunca destrói nem deixa de destruir nada.

Comentário

A compreensão significa, antes de mais, compreensão, porque, na ausência desta, não haveria sequer noção ou menção de compreensão. As várias modalidades de compreensão mencionadas abrangem as diversas naturezas em que os fenómenos ocorrem — a natureza inexistente (concebida ou imaginada), a natureza temporária e condicional (relativa ou dependente) e a natureza verdadeira (real ou perfeita).

A compreensão significa ausência de conhecimento no que respeita à verdadeira ou real natureza das coisas, definindo-se aqui conhecimento como o reconhecimento das aparências externas. Quando a mente se concentra no reconhecimento das aparências externas mais grosseiras, a perceção da essência mais subtil fica obscurecida pela preocupação com a função mais crua do “conhecimento” comum. Isto não significa, naturalmente, que a ignorância do evidente seja, por si só, o caminho para o inefável.

A compreensão é destruição no sentido de que destrói a noção de que a essência das coisas pode ser captada por palavras, e destrói a noção de que as definições verbais das características das coisas têm uma correspondência exclusiva, necessária e precisa com as coisas em si mesmas. A literatura zen está repleta de imagens de quebrar, destruir, matar e assim por diante, todas representando a dissolução de hábitos mentais rígidos, incluindo o hábito inconsciente de confundir descrições com realidades.

Resolver o problema de confundir descrições com realidades não destrói nem as descrições nem as realidades. O que faz é colocá-las em perspetiva relativa, para que a mente possa operar no nível comum sem que isso se torne uma forma de aprisionamento ou um limite de perspetiva. A descrição das coisas, quer mental quer verbalmente, é muitas vezes útil e necessária na vida quotidiana, mas pode tornar-se uma prisão quando esquecemos a sua origem e o seu propósito original. Quando pensamos que o que pensamos é o que é, então, se surgirem problemas — como inevitavelmente acontece no decurso da evolução — tendemos a tentar mudar as coisas sem perceber que precisamos de mudar as nossas ideias sobre as coisas.

Isto pode resultar numa espécie de involução que, em formas extremas, pode levar uma personalidade individual, uma família ou um grupo social a colapsar sobre si mesmo. Entretanto, cria barreiras invisíveis e intransponíveis ao crescimento e ao progresso. A função da compreensão perfeita é penetrar neste círculo vicioso e libertar a mente do seu padrão fechado de autoenvolvimento disfarçado.

A compreensão significa simultaneamente desapego e não-dissociação porque ambos os fatores são necessários para alcançar o equilíbrio mental. O desapego, por si só, conduz à dissociação, enquanto a imersão, por si só, conduz ao encapsulamento da consciência. O desapego sem dissociação — o caminho do meio do equilíbrio centrado — é uma fórmula para a coevolução da sabedoria e da compaixão.

A compreensão vai além das polaridades de desapego e imersão, ou de destruição e conservação, pois incorpora cada um destes fatores em equilíbrio adequado — nem demasiado desapegada nem demasiado imersa, não destruindo o que não deve ser destruído e não mantendo o que não deve ser mantido. No início, existe uma pseudo-polaridade no processo de meditação, concentração e contemplação; mas, na integração final das capacidades mentais, esta polaridade provisória é transcendida e tanto o comum como o inefável podem ser percebidos simultaneamente. Esta é a integração harmoniosa das várias modalidades da compreensão perfeita.

TRATADO SOBRE A GRANDE ESCRITURA

DA COMPREENSÃO PERFEITA

1

Escritura: Em virtude do desapego a todas as coisas, deves possuir compreensão perfeita.

Comentário

Mais uma vez, a escritura enfatiza o desapego como pré-requisito essencial para a compreensão perfeita. Claro que o desapego das coisas não significa negá-las ou ignorá-las. De forma mais precisa, na linguagem mais discriminatória usada na escritura citada acima, isto significa desapego da natureza inexistente de todas as coisas. A natureza inexistente de todas as coisas refere-se à forma como concebemos ou imaginamos que elas sejam, e não à forma como realmente são. Ao desapegarmo-nos das conceptualizações ou imaginações sobre como as coisas são, podemos aceder à compreensão da forma como elas realmente são.

Tratado

Pergunta: O que é a compreensão perfeita?

Resposta: Os bodhisattvas procuram conhecimento de todos os tipos desde a sua primeira inspiração; a compreensão que aí reconhece o verdadeiro aspeto de todas as coisas é a compreensão perfeita.

Comentário

Vale a pena notar que o tratado afirma explicitamente que os bodhisattvas, ou seres iluminadores, procuram conhecimento de todos os tipos desde a sua primeira inspiração. O conhecimento de todos os tipos é a omnisciência dos budas, frequentemente descrita em termos de dez poderes de conhecimento: conhecimento do que é e do que não é; conhecimento dos resultados das ações; conhecimento de todos os tipos de interesses de todos os tipos de pessoas; conhecimento de todos os tipos de reinos; conhecimento de diferentes faculdades, superiores e inferiores; conhecimento de todos os destinos; conhecimento de todos os estados de meditação e concentração, incluindo como são corrompidos, como são purificados e como entrar e sair deles; conhecimento de estados passados de existência; conhecimento das condições em que outros seres serão reconstituídos quando as suas condições atuais mudarem; conhecimento do fim da contaminação da mente por qualquer coisa.

Estes poderes de conhecimento abrangem os cinco tipos de compreensão definidos no tratado anteriormente citado, Essenciais da Escritura sobre a Compreensão Perfeita — compreensão absoluta, ou compreensão da

verdadeira natureza interior das coisas; compreensão observadora, ou testemunho direto das características das coisas; compreensão literária, ou entendimento dos significados e expressões; compreensão objetiva, ou entendimento das realidades absolutas e relativas das coisas; e compreensão auxiliar, que consiste em “todo o conhecimento benéfico” de qualquer tipo.

Algumas destas formas de saber fazem parte da nossa experiência quotidiana, baseadas nas necessidades comuns. O budismo ensina que podemos aperfeiçoar estes modos familiares de conhecimento e também ativar outros que não nos são geralmente familiares, mas que são possíveis, acessíveis e potencialmente benéficos para a humanidade.

Por agora, talvez o mais essencial a reter deste ensinamento é que o bodhisattva, ou praticante budista, não se torna devoto de apenas uma forma de conhecimento, mesmo a compreensão perfeita. Ao longo do tempo, pode ser necessário concentrar-se mais num ou noutro modo de saber para completar o desenvolvimento mental do indivíduo ou da comunidade, mas, no geral, não é iluminador fixar-se exclusivamente numa capacidade parcial.

A obsessão pelo modo transcendental da compreensão perfeita é particularmente mencionada no folclore zen — sem dúvida como contrapeso à própria intensidade do Zen neste domínio — como uma perigosa forma de intoxicação que pode privar o indivíduo obcecado do bom senso. Para fins práticos, este aviso importante pode ser facilmente recordado através do provérbio zen: “Se ficares a olhar para isso, ficarás cego.”

Pergunta: Se assim é, não deveria ser chamada perfeita, porque não atingiu o limite do conhecimento.

Resposta: O conhecimento que um buda realiza é realmente perfeito; a prática dos bodhisattvas também é chamada perfeita porque se baseia nessa perfeição, referindo-se ao resultado no contexto da causa. Na mente de um buda, esta compreensão perfeita transforma-se em conhecimento de todos os tipos.

Os bodhisattvas que cultivam conhecimento procuram atravessar para a outra margem, e por isso é chamada perfeição. Os budas já atravessaram para a outra margem, e por isso é então chamada conhecimento de todos os tipos.

Comentário

Esta questão aborda o problema da ordem. Como referido antes, uma preocupação excessiva com o conhecimento formal no início do estudo espiritual — para além do necessário à vida comum e à orientação superior — tende a constituir um obstáculo ou interferência. Este é um dos significados do termo budista barreira do conhecimento, em que a consciência de um modo ou nível de conhecimento se torna ela própria uma barreira a uma perceção mais subtil.

Assim, o bodhisattva que está no processo de “atravessar” para a “outra margem” — transcendendo a fixação da atenção para alcançar a libertação e a liberdade — necessita da perfeição da compreensão para realizar esta transformação mental. As outras formas de conhecimento e prática cultivadas durante este processo são utilizadas para despertar a compreensão, primeiro criando uma personalidade equilibrada e uma relação saudável com o mundo, e depois desfazendo os nós interiores do pensamento. Uma vez alcançada a transcendência e obtida a budeidade, o buda então “regressa” ao mundo, munido de todos os tipos de conhecimento adquiridos no processo, que agora podem ser usados em benefício dos outros.

Pergunta: Nos budas, todas as aflições e hábitos já terminaram, e o seu olho de sabedoria é puro; eles devem apreender realisticamente o verdadeiro aspeto de todas as coisas. O verdadeiro aspeto de todas as coisas é a compreensão perfeita. Os bodhisattvas ainda não acabaram com toda a contaminação, e o seu olho de sabedoria ainda não é puro — como podem apreender o verdadeiro aspeto de todas as coisas?

Resposta: Para dar uma breve explicação, é como pessoas que entram no oceano. Algumas acabaram de entrar, outras chegaram até às profundezas. Embora haja uma diferença entre o raso e o fundo, ambas são consideradas como tendo entrado. Assim acontece com budas e bodhisattvas. Os budas sondaram totalmente as profundezas, mas os bodhisattvas ainda não cortaram todas as aflições e hábitos, e por isso têm pouco poder e não conseguem entrar profundamente.

Suponhamos que alguém acende uma lâmpada numa sala escura, iluminando os objetos da sala de modo que todos possam ser claramente distinguidos. Se uma lâmpada maior e mais brilhante for trazida, tornando tudo ainda mais claro, então percebe-se que a escuridão dissipada por esta segunda lâmpada ainda estava presente com a primeira. No entanto, mesmo havendo ainda escuridão com a primeira lâmpada, ela podia, ainda assim, iluminar as coisas. Se não restasse nenhuma escuridão deixada pela primeira lâmpada, não haveria luz acrescentada pela segunda.

Assim é com o conhecimento dos budas e dos bodhisattvas. Embora o conhecimento dos bodhisattvas esteja misturado com aflições e hábitos, ainda assim pode apreender o aspeto real das coisas, tal como a primeira lâmpada ainda consegue iluminar. O conhecimento dos budas também apreende o aspeto real das coisas, mas sem qualquer aflição ou hábito, tal como a segunda lâmpada é mais brilhante e clara.

Comentário

A Escritura da Guirlanda de Flores diz: “A mente, o intelecto e a consciência de Buda são inatingíveis. Só se pode conhecer a mente de Buda em termos da infinitude do conhecimento. Tal como o espaço é o lugar de repouso de todas

as coisas, enquanto o próprio espaço não tem lugar de repouso, assim também o conhecimento de Buda é o lugar de repouso de todo o conhecimento mundano e transcendente, enquanto o conhecimento de Buda não tem lugar de repouso." ("Manifestação de Buda")

Pergunta: O que é o aspeto real das coisas?

Resposta: Todos falam sobre o aspeto real das coisas como se a sua opinião fosse facto. O aspeto real de tudo isto é indestrutível, permanente, imutável e não tem criador. Como Buda diz a Subhuti na escritura: "Se os bodhisattvas virem tudo como nem permanente nem impermanente, nem doloroso nem prazeroso, nem si mesmo nem não-si mesmo, nem existente nem inexistente, e, ainda assim, não mantiverem estas perceções como pontos de vista, eles são chamados à prática da compreensão perfeita dos bodhisattvas."

Isto significa abandonar todos os pontos de vista, cessar toda a fala, desapegar-se de todos os padrões mentais; é originalmente não-produzido e imperecível, como o nirvana. Tal é o caráter de todas as coisas. Isto é chamado o aspeto real de todas as coisas.

Comentário

A frase-chave ou "olho" desta passagem é a primeira: "Todos falam sobre o aspeto real das coisas como se a sua opinião fosse facto." A prática de abandonar pontos de vista, parar o discurso mental e desapegar-se dos padrões mentais é um exercício utilizado para alcançar a objetividade pela qual a opinião se distingue do facto. O mestre zen Foyan disse: "Se queres libertar-te da busca subjetiva, simplesmente não concebas opiniões e pontos de vista." Tal como nos escritos sobre compreensão perfeita, o mestre zen deixa claro que esta prática de desapego não significa dissociação: "Esta não-busca não significa desligar-se ou ignorar tudo. Na vida quotidiana, vinte e quatro horas por dia, quando há falta de clareza na situação imediata, geralmente é porque a mente opinativa está a agarrar e a rejeitar." (Zen Instantâneo)

Tratado

Como dizem os versos que louvam a compreensão perfeita:
A compreensão perfeita é verdadeiramente objetiva, não distorcida:
O pensamento, a imaginação e a visualização cessaram,
Os modos de expressão verbal também desaparecem.

Comentário

As perceções e noções comuns das coisas, sobre as quais agimos, são condicionadas pelo pensamento, pela imaginação, pelas imagens mentais e pelo discurso mental. Todas estas atividades internas que influenciam a nossa perceção e comportamento são também condicionadas por outros fatores, tanto herdados como adquiridos. Por isso, uma cessação temporária do fluxo

de pensamento condicionado, da imaginação, da visualização e da descrição é utilizada para dar espaço à mente para perceber as coisas mais diretamente.

Termos como “cessaram” e “desaparecem” referem-se a esta prática de parar ou suspender o fluxo do hábito; não querem dizer que as pessoas perspicazes já não possam pensar, imaginar, visualizar ou falar. O que a cessação significa é que a mente não está aprisionada pelos modos de pensar, imaginar, visualizar ou falar.

Pecados infinitos removidos,
Mente pura e limpa sempre unificada —
Uma pessoa assim tão íntegra
É capaz de ver a compreensão.

Comentário

O ensinamento budista geralmente vê o pecado como resultado da ignorância, pois ações prejudiciais e más resultam de perceções erradas da realidade. Essas perceções erradas podem incluir todo o tipo de mal-entendidos interpessoais, elaboração paranoica de emoções negativas, cálculo incorreto dos efeitos das ações e má compreensão do próprio interesse. Cultivar a capacidade de interromper o fluxo automático das energias habituais compulsivas é proposto para permitir que o indivíduo supere tendências desviantes ao nível inconsciente. Desta forma, “pecados infinitos” são “removidos”.

A “mente pura e limpa” em termos budistas não significa pensar pensamentos puros e limpos ou pensar coisas boas; significa a mente na sua clareza e fluidez primordiais, não aprisionada por hábitos automáticos de pensamento e emoção, consciente de tudo sem se fixar em nada.

Como o espaço, sem impurezas,
Não é uma teoria fantástica, nem literal —
Se conseguires ver assim,
Isto é ver Buda.

Comentário

A Escritura da Guirlanda de Flores diz: “Se queres conhecer o reino da budeidade, torna a tua mente clara como o espaço.” Esta fórmula é usada no Zen clássico para representar o caminho do equilíbrio central, em que não há nem apego nem dissociação. O espaço contém tudo, mas nada adere a ele; de forma semelhante, a mente espelhada vê tudo sem se fixar em nada. Isto não é uma teoria fantástica, nem é para ser tomado literalmente, no sentido de propor que a mente esteja literalmente vazia ou em branco. É comparado à clareza de um espelho, no qual tudo é refletido de forma imparcial.

Se realmente vês Buda, a compreensão e o nirvana,
Estes três são um só — realmente não há diferença.
Os budas e bodhisattvas podem beneficiar todos:
A compreensão é a sua mãe, que os dá à luz e alimenta.

Sendo Buda um pai para todos os seres,
E a compreensão dando à luz os budas,
É, portanto, a avó de todos os seres vivos.

A compreensão é uma só realidade,
Mas Buda fala dela em vários termos,
Usando palavras diferentes conforme as capacidades das pessoas.
Se as pessoas veem a compreensão, já não querem discutir;
É como o orvalho a secar de uma vez quando o sol aparece.

Comentário

São usados muitos termos diferentes para “compreensão”, assim como para outros elementos do budismo, a fim de comunicar com pessoas de diferentes culturas, mentalidades e capacidades. Seguidores superficiais podem discutir entre si sobre os termos que preferem ou debater minúcias de nuances subjetivas, mas aqueles que realmente despertam para a compreensão já não têm tal inclinação. Para os que compreendem, as palavras e os ensinamentos foram meios para “atravessar” o lodo do pensamento aprisionado; uma vez postos em prática e viva a compreensão, as palavras em si já não são o ponto. À luz da compreensão, não há mais nada sobre que discutir, pois nenhuma projeção subjetiva é imposta à realidade, e a verdade torna-se autoevidente.

O poder da compreensão pode mover dois tipos de pessoas;
Os ignorantes têm medo, os conhecedores alegram-se.

Comentário

Os ignorantes têm medo da compreensão porque receiam que as suas opiniões e crenças queridas sejam ameaçadas, pondo em causa a estabilidade da sua visão do mundo e do seu sentido de identidade. Os conhecedores alegram-se porque percebem que o desfazer ou dissolver de fixações rígidas não destrói a integridade do eu ou do mundo, mas introduz um domínio de liberdade construtiva de escolha. Também se pode dizer que os “ignorantes” ou “tolos” que temem a compreensão incluem aqueles que têm pouca força de vontade e se retraem das responsabilidades inerentes a qualquer forma de liberdade.

Se as pessoas alcançam a compreensão, tornam-se perspicazes;
Não se deixam obcecar nem pela própria compreensão,
Quanto mais por outras coisas!

Comentário

A obsessão pela compreensão antes de ela ser realizada interfere com a sua própria realização. A obsessão pela compreensão depois de realizada interfere com a integração completa da mente. Na poesia zen, a obsessão pela compreensão é representada como ficar encandeado por uma luz que brilha diretamente nos olhos, fazendo perder o caminho de casa.

A compreensão não vem de lado nenhum e não vai para lado nenhum; os inteligentes podem procurar em todo o lado, mas não a conseguem encontrar em parte alguma.

Comentário

A compreensão perfeita não é conceito, noção, ideia ou construção mental; por isso, o intelecto não a pode apreender. A compreensão direta e o intelecto discursivo são modalidades diferentes de consciência.

Se não veem a compreensão, a isto chama-se estar preso;
Se as pessoas veem a compreensão, também a isto se chama estar preso.

Comentário

Sem compreensão, a mente fica presa às suas próprias construções enquanto as projeta sobre a realidade em geral. Por outro lado, se a "compreensão" for objetivada ou reificada, então a mente fica presa a essa própria reificação da compreensão.

Se as pessoas veem a compreensão, a isto chama-se alcançar a libertação;
Se não veem a compreensão, também alcançam a libertação.

Comentário

A compreensão liberta a mente da prisão da atenção congelada, das perceções fixas e dos hábitos rígidos de pensamento. Depois de desconstruir tudo, a própria compreensão não permanece; isto é o "não ver a compreensão" num sentido mais elevado, ir "além do além", para se libertar até da própria noção de libertação.

Isto é verdadeiramente maravilhoso, extremamente profundo e muito significativo. É como um objeto mágico, que se vê embora não possa ser visto.

Comentário

Um objeto mágico é uma ilusão: parece estar lá, mas não está realmente lá como é percebido; por isso, pode "ver-se" mesmo que "não possa ser visto". Esta é uma metáfora comum para as três naturezas das coisas. A aparência ilusória é a natureza conceptualizada, imaginada ou "inexistente". Os elementos usados para criar a ilusão constituem a natureza dependente, relativa ou condicional. O facto de que o objeto aparentemente percecionado

na ilusão não estar realmente presente nos elementos subjacentes é a natureza perfeita ou real. Esta análise aplica-se não só às coisas mundanas, mas também às transcendentes; como se verá mais adiante, toda a estrutura do "budismo" em si é, em última instância, desconstruída no caminho da compreensão perfeita.

Os budas e bodhisattvas,
Os ouvintes e iluminados individuais,
A libertação, o nirvana e o Caminho,
São todos realizados através da compreensão.

Comentário

Falando nos termos das duas ou cinco formas de compreensão definidas anteriormente, pode dizer-se que, do ponto de vista do budismo Mahayana, a compreensão comum a budas, bodhisattvas, ouvintes e iluminados individuais — pessoas de diferentes níveis de realização — é a compreensão fundamental da verdadeira natureza das coisas. Neste sentido, o ensinamento que se especializa na compreensão perfeita é referido como o Ensinamento Comum na classificação do budismo Tiantai, que integra todos os ensinamentos exotéricos mas se apoia fortemente nos ensinamentos de compreensão perfeita para a metafísica e a meditação.

Mesmo admitindo que não há diferença ou dualidade na natureza essencial da compreensão primordial que é comum a todos os níveis de iluminação, o ponto essencial a perceber é que a compreensão desempenha um papel diferente no equilíbrio geral de cada nível. Ainda que se possa dizer que a compreensão de um seja, de certo modo, mais profunda ou mais vasta do que a de outro, isso não se refere propriamente à compreensão em si, mas sim às diferentes medidas e modos de cooperação da compreensão com outros elementos da iluminação.

Falam em termos convencionais para o mundo,
Por compaixão por todos,
Explicando as coisas em termos provisórios,
Não explicando mesmo quando explicam.

Comentário

O clássico taoista Tao-te Ching diz: "Os caminhos podem ser articulados, mas não um caminho fixo; os nomes podem ser designados, mas não termos fixos." O ensinamento budista Mahayana enfatiza a natureza convencional e provisória dos ensinamentos falados para que as pessoas não se prendam a superficialidades externas, mas usem as palavras para direcionar a mente ao cerne da questão. Explicar sem explicar significa usar a explicação como meio para algo mais, não como um fim em si mesma.

A religião é frequentemente associada, mesmo inconscientemente, à manutenção e promoção de certas doutrinas, ligadas a formulações verbais específicas. Como já se notou, é sobre isto que as pessoas discutem e lutam; a compreensão não sustenta este tipo de controvérsia religiosa ou filosófica.

É neste sentido que se diz que Buda afirmou, no fim da sua vida, que não tinha dito nada durante quarenta e nove anos. Os clássicos zen interpretam isto como significando que o próprio Buda, o iluminado, não estabeleceu nenhum dogma; isso foi feito mais tarde por pessoas que tentaram transformar o ensinamento num objeto.

Como objeto, podia ser venerado, possuído, trocado, vendido, usurpado, e assim foi feito à memória de Buda e do seu ensinamento, tal como aconteceu com a memória de todos os grandes mestres espirituais e dos seus ensinamentos antigos. O ensinamento budista da compreensão perfeita foi projetado para levar as pessoas para além desta fase de apego a vestígios em nome da religião. E essa é, afinal, a própria razão pela qual o ensinamento da compreensão perfeita não faz sentido em si mesmo, na medida em que parece ser uma série de negações.

A compreensão perfeita é como uma fogueira,
Inapreensível a partir das quatro direções.

Comentário

A imagem da fogueira representa a inapreensibilidade da compreensão pelos processos habituais de pensamento. As quatro direções são as premissas da existência, da inexistência, de nenhuma das duas e de ambas. Se a disposição mental com que se aborda qualquer coisa, mesmo a compreensão, está enraizada na presunção de que as coisas, tal como parecem ou como são concebidas, existem de facto, ou são totalmente inexistentes, ou não estão nem presentes nem ausentes, ou estão simultaneamente presentes e ausentes, então essa disposição desvia-se do caminho direto da compreensão. Tal como os insetos podem pousar em qualquer lugar exceto no fogo, diz-se que a mente humana pode apegar-se a qualquer coisa, exceto à compreensão perfeita.

Não agarrar nem sequer é agarrado —
Todo o agarrar é abandonado.
Isto é chamado o inapreensível —
Agarrar o inapreensível
É chamado obter um agarrar.

Comentário

O mestre zen clássico Baizhang disse que a totalidade dos ensinamentos se resume a três fases: primeiro vem o desapego, depois o desapego do desapego, e depois nem sequer manter a compreensão de não permanecer no

desapego. Ele também disse que a prática da compreensão perfeita no Zen é o não-buscar; mas se alguém busca o não-buscar, isso já é buscar. Da mesma forma, se alguém ouve falar do não-agarrar e depois agarra um conceito rígido e absolutizado de não-agarrar, ao segui-lo religiosamente pode tornar-se demasiado passivo, talvez irreversivelmente fraco de vontade ou até agressivamente niilista. O não-agarrar é uma porta para um mundo mais amplo, não um mundo em si mesmo. Uma vez aberta a porta e atravessada, o que importa é o mundo mais vasto.

A compreensão não tem destruição;
Está além de todas as palavras e discursos.
Para onde quer que vá, não permanece —
Quem pode cantar os seus méritos?

2

Pergunta: Porque é que apenas a compreensão perfeita é chamada grande, e não as outras cinco perfeições?

Resposta: Porque pode chegar à outra margem do oceano do conhecimento, alcançando o fim de todo o conhecimento e sondando o seu limite extremo; por isso é chamada perfeita, no sentido de que chega à outra margem, ou ao fim último. Quanto à grandeza, os budas são os maiores em todos os mundos e em todos os tempos; depois vêm os bodhisattvas, os iluminados individuais e os ouvintes.

Estes quatro tipos de grandes seres nascem todos da compreensão perfeita, por isso ela é chamada grande. Além disso, pode dar às pessoas uma grande recompensa como resultado, que é imensurável e inesgotável, permanente e imutável — nomeadamente, o nirvana. As outras cinco perfeições não podem fazer isto. A dádiva e as outras perfeições, sem a perfeição da compreensão, só podem proporcionar recompensas mundanas como resultado, por isso não podem ser chamadas grandes.

Comentário

As cinco perfeições preliminares à compreensão são a dádiva, a moralidade, a tolerância, a diligência e a meditação. Sem a compreensão perfeita, estas cinco outras perfeições — mesmo a meditação — permanecem práticas mundanas, limitadas pelos limites da subjetividade. Como o texto diz, as cinco primeiras perfeições, sem a compreensão perfeita, só podem oferecer recompensas mundanas; na verdade, nestas condições, os resultados ou “recompensas” de tentar praticar a dádiva, a moralidade, a tolerância, a diligência e a meditação sem compreensão podem muito bem ser negativos.

3

Pergunta: O que é o conhecimento?

Resposta: A compreensão perfeita é assim chamada porque abarca todo o conhecimento. Como assim? Como os bodhisattvas procuram a budeidade, devem estudar todos os princípios e obter todo o conhecimento — isto é, o conhecimento dos ouvintes, dos iluminados individuais e dos budas. Estes conhecimentos são de três tipos: aprendido, não aprendido, e nem aprendido nem não aprendido.

O conhecimento que não é nem aprendido nem não aprendido é como o estágio da inteligência seca — impureza, seguir a respiração, os grilhões do reino do desejo, os quatro pontos da atenção plena, o estado de aquecimento, o estado de auge, o estado de tolerância, o estado mais elevado do mundo, e assim por diante.

Comentário

O estágio de inteligência seca representa a compreensão intelectual do budismo sem ainda ter realizado a verdadeira vacuidade.
Impureza refere-se à contemplação das impurezas, como a do corpo físico, um exercício elementar para cultivar o desapego da sensualidade grosseira.
Seguir a respiração é um exercício de concentração concebido para cultivar a atenção focada.
Os grilhões do reino do desejo referem-se à prática de analisar a prisão psicológica causada pelo desejo.

Os quatro pontos da atenção plena são um exercício contemplativo para libertar as fixações da atenção: atenção plena ao corpo como impuro; atenção plena à sensação como irritante; atenção plena à impermanência da mente; e atenção plena aos fenómenos como desprovidos de identidade inerente.
O estado de aquecimento é um limiar do conhecimento, comparado à produção de fogo com uma broca — o “aquecimento” é a fase antes de o “fogo” acender, quando as fixações endurecidas do hábito mental se suavizam e a mente começa a abrir-se.

O estado de auge é quando a contemplação se torna cada vez mais clara, como se se estivesse no cimo de uma montanha, podendo ver tudo à volta.
O estado de tolerância é o reconhecimento e a aceitação dos factos do sofrimento, da sua origem, da sua cessação e do caminho para a sua cessação.
O estado mais elevado do mundo é o estado mental mais refinado e elevado que pode ser alcançado antes da realização do noumeno; por ainda ser anterior a esta realização, permanece “no mundo” e não é ainda transcendental.

O conhecimento aprendido inclui conhecimento, aceitação e compreensão dos factos do sofrimento, até à compreensão do samadhi adamantino dos arhats no caminho sem obstáculos de nove etapas. Arhats são santos budistas que atingem o nirvana; o samadhi adamantino é uma absorção inquebrável. O caminho de nove etapas sem obstáculos refere-se à desconstrução contemplativa das confusões dos reinos do desejo, da forma e da ausência de forma: reino do desejo; quatro estágios de meditação no reino da forma; e quatro estágios de absorção no reino da ausência de forma.

O conhecimento não aprendido é todo o conhecimento sem aprendizagem a partir da nona libertação dos arhats, como o conhecimento do fim, o conhecimento da não-ocorrência, e assim por diante. O conhecimento da via dos iluminados individuais é também assim.

A nona libertação é a etapa final de libertação sucessiva das confusões e ilusões dos três reinos.
O conhecimento do fim refere-se à consciência consequente ao fim da ilusão, implicando a perceção de que não haverá mais regeneração dela.
O conhecimento da não-ocorrência baseia-se na perceção de que nada tem um início definitivo, apenas um continuum de interdependência no qual definimos tempo, espaço e fenómenos para podermos navegar nesta infinidade inconcebível.

4

Pergunta: Se o caminho dos iluminados individuais é também assim, como distingues os ouvintes dos iluminados individuais?

Comentário

Os ouvintes seguem um ensinamento ou caminho de libertação oferecido por um buda — alguém já iluminado. Os iluminados individuais encontram um caminho para a libertação por observação objetiva das coisas como são. A explicação desta distinção baseia-se na compreensão da vacuidade.

Resposta: Embora o caminho seja de um só tipo, os usos do conhecimento diferem. Na verdadeira vacuidade, há absorção na vacuidade da vacuidade. Uma vacuidade falsamente vista pode ter vacuidade, mas não tem absorção na vacuidade da vacuidade.

A vacuidade da vacuidade significa que a vacuidade é, ela própria, vazia — não uma “coisa” em si. Apesar de ser fácil de compreender intelectualmente, isto tem sido uma armadilha contemplativa ao longo dos tempos. Uma vacuidade falsamente vista leva à dissociação. Os meditadores que caem nesta vacuidade falsa e sobrevivem costumam estar fechados num invólucro de observâncias externas e fetiches, incluindo preceitos dogmáticos, doutrinas e rigidez pessoal.

O Quarto Grande Mestre do Zen disse: “Um bodhisattva no início percebe primeiro que tudo é vazio. Depois percebe que nada é vazio. Isto é conhecimento não discriminatório. Significa que a própria essência da forma é vazia. A prática dos bodhisattvas tem a vacuidade como realização, mas quando estudantes iniciantes veem a vacuidade, isso é ver vacuidade, não a vacuidade real. Aqueles que cultivam o caminho até atingirem a vacuidade real não veem vacuidade nem não-vacuidade — não têm pontos de vista.”

5

As pessoas que percebem a verdadeira vacuidade já praticaram antes caridade, disciplina e meditação concentrada em medida imensurável, de modo que os seus corações são suaves e os seus laços e compulsões são leves. Só depois de chegar a este estado alcançam a verdadeira vacuidade. Numa visão falsa de vacuidade, nada disto existe — há apenas o desejo de agarrar a vacuidade com a mente distorcida pelo pensamento e imaginação subjetivos.

Comentário

Esta é uma passagem crucial, digna de repetida reflexão para quem busca equilíbrio mental. Ela mostra que o budismo dissociado foi rejeitado desde os clássicos, e que o budismo engajado não é novidade. A diferença essencial entre aqueles que percebem a verdadeira vacuidade e os que apenas desejam subjetivamente agarrá-la está no elemento da cobiça. Loucura e agressão, as outras características principais dos falsos buscadores, parecem derivar dessa cobiça.

Quem realiza a vacuidade é quem não traz a cobiça para este domínio, seja a cobiça de se libertar magicamente de problemas que deveria enfrentar e resolver, seja a cobiça de se tornar “mestre” para ter adoradores, ou a cobiça de moldar a “iluminação” ao que quer que se pense ou imagine que seja. No folclore zen, isto é muito enfatizado: “O terreno plano está coberto de caveiras; os que atravessam os silvados são os mestres.”

6

Imaginemos um camponês que não sabe o que é o sal e vê pessoas a colocá-lo em diferentes carnes e legumes antes de comer. Ele pergunta por que fazem isso, e respondem-lhe que o sal realça o sabor dos alimentos. O homem então pensa que, se o sal consegue melhorar o sabor de outras coisas, o seu próprio sabor deve ser ótimo. Assim, pega num punhado de sal e come-o de uma vez. A amargura salgada fere-lhe a boca, e ele pergunta: “Por que disseram que o sal melhora o sabor?” As pessoas respondem: “Tolo! Tens de ajustar a quantidade e juntá-lo à comida para realçar o sabor — como podes comer sal puro?!”

As pessoas ignorantes que ouvem falar da porta da libertação através da vacuidade não praticam virtudes; apenas querem alcançar a vacuidade. Esta é uma visão errada que corta todas as raízes de bondade.

Comentário

Esta história divertida serve para ilustrar e ajudar a manter na memória os pontos anteriores sobre a vacuidade verdadeira e a vacuidade falsa, mostrando também a diferença entre o budismo alienado e o budismo engajado. Vale a pena memorizar esta história mesmo que nada mais deste texto fique retido, pois ela ajuda a evitar um erro fundamental sobre o budismo e uma futilidade essencial no treino mental. O grande mestre budista Nagarjuna, conhecido pelas suas obras sobre vacuidade e compreensão e a quem se atribui este tratado, também escreveu: “A vacuidade vista de forma errada destrói os fracos de espírito, como uma cobra mal segurada ou um feitiço mal executado.”

7

O poder da compreensão perfeita não é obstruído por nada. Se entrares no Abhidharma sem teres compreensão perfeita, cairás na existência; se entrares na doutrina da vacuidade, cairás na inexistência.

Comentário

O Abhidharma refere-se a obras dedicadas à análise dos elementos. Entrar neste modo de pensamento sem compreensão penetrante condiciona a mente à noção de que os elementos existem de facto. Por outro lado, entrar no ensinamento da vacuidade sem compreensão penetrante condiciona a mente à dissociação ou ao niilismo. A compreensão desfaz a reificação ou absolutização de pontos de vista sobre existência, vacuidade ou qualquer combinação destas.

8

Quando os bodhisattva-mahasattvas, usando a compreensão perfeita, conhecem a unidade de todas as coisas, também estão cientes da diversidade das coisas. Embora conheçam a diversidade das coisas, conhecem igualmente a sua unidade. Este conhecimento dos bodhisattvas é chamado compreensão perfeita.

Comentário

O clássico zen Registo do Penhasco Azul diz: “No um há muitos tipos; no dois não há dualidade.” Se só consegues ver tudo como um e não percebes as diferenças, isso paralisa-te e torna-te ineficaz, incapaz de focar a mente ou orientar-te. Se só consegues ver as diferenças e não percebes o todo, não consegues ver o contexto global dos acontecimentos, ficando a tua compreensão fragmentada e o teu julgamento parcial. O caminho budista é

integrar estes dois modos de consciência — o holístico e o particular — em complementaridade harmoniosa.

9

Pergunta: Como é que os bodhisattvas conhecem a diversidade das coisas? Como conhecem a unidade das coisas?

Resposta: Os bodhisattvas veem todas as coisas como uma só em termos de terem uma única forma, ou seja, a forma do ser. Com base nisso, há mente em tudo, produzindo todo este ser.

Comentário

Esta prática de ver todas as coisas como uma só, contemplando-as em termos do próprio ser e não das suas características específicas, é um exercício temporário para desapegar a mente da fixação nos objetos. Há um exercício zen tradicional que começa por concentrar a mente na unidade e depois rompe esse ponto de vista: “Todas as coisas regressam ao Um; para onde regressa o Um?”

Pergunta: Como pode haver mente a surgir onde nada existe?
Resposta: Se disseres que não existe tal coisa, isso, por si só, existe. Negar implica afirmar; tentar negar algo — seja metafísica ou psicologicamente — implica reconhecer a sua existência, real ou potencial. É por isso que o esforço para nos desapegarmos de algo pode, na verdade, fortalecer o apego, mesmo que este assuma a forma de rejeição.

10

Pergunta: Se a natureza de todas as coisas é a verdadeira vacuidade, por que diferenciar termos diversos para as coisas? Por que não falar apenas de verdadeira vacuidade?

Resposta: Os bodhisattva-mahasattvas não dizem que a vacuidade deva ser agarrada ou fixada. Se fosse para ser agarrada ou fixada, eles não falariam das várias características das coisas.

A vacuidade da não-apreensão não tem obstrução. Se houvesse obstrução, seria apreensível, não vacuidade de não-apreensão. Se os bodhisattvas conhecem a vacuidade de não-apreensão, ainda assim podem distinguir as coisas por compaixão pelas pessoas, para as libertar. Este é o poder da compreensão perfeita.

Comentário

Realizar a vacuidade como não-apreensão, obtida inicialmente pela investigação mental e pela penetração das coisas — e não por apagar a mente ou se dissociar da realidade —, não interfere com as capacidades comuns de perceção. A fixação na vacuidade, seja abstrata ou concreta, é como o caso do

ignorante que come um punhado de sal depois de ouvir que ele melhora o sabor: não só não liberta a mente, como prejudica o crescimento espiritual e atrapalha a vida quotidiana.

11

Através da meditação e da concentração rompe-se a distração e desapega-se do gozo ilegítimo dos desejos dos cinco sentidos, e assim é possível explicar a ausência de desejo às pessoas. A meditação é a base da compreensão perfeita; esta ocorre naturalmente a partir dessa meditação, como diz a escritura: “A concentração de mente única pode ver o aspeto real de todas as coisas.”

Comentário

O gozo ilegítimo dos desejos dos cinco sentidos significa uma atitude obsessiva em relação aos prazeres, que leva a comportamentos compulsivos e, em última análise, prejudiciais. O gozo legítimo faz parte do mecanismo de manutenção da vida. Uma das funções do desapego estratégico é permitir uma perceção mais objetiva do papel dos desejos, ajudando a distinguir entre o gozo legítimo e ilegítimo. Meditação, concentração e unificação da mente, quando orientadas corretamente, são meios para alcançar esse desapego e objetividade.

12

No reino dos desejos, são sobretudo as ações defeituosas de avareza e cobiça que fecham as portas da bondade. Ao praticar a caridade perfeita, rompe-se a avareza e a cobiça, abrindo as portas da bondade. Para manter essas portas abertas, praticam-se boas ações. Depois, como a conduta perfeita sem meditação, concentração e compreensão ainda não está livre do desejo, pratica-se a resignação. Sabendo que a caridade, a boa conduta e a resignação podem abrir as portas da felicidade, sabe-se também que as recompensas dessa virtude feliz são impermanentes: depois de experimentar felicidade, cai-se novamente no sofrimento. Cansado desta felicidade impermanente, procura-se a compreensão perfeita da realidade. Como realizá-la? É preciso ter mente única para realizá-la.

Comentário

As limitações das boas ações e da conduta correta sem compreensão são destacadas também no folclore zen, para prevenir a autossatisfação baseada em ideias subjetivas de bondade e para reduzir a cobiça implícita na expectativa de recompensas pelas boas ações. O mestre Muso Kokushi explicava que “virtude sem sabedoria é inimiga por três vidas”, pois:

Na primeira vida, a prática ignorante de virtudes contaminadas impede a clareza mental.

Na segunda, os estados prazerosos resultantes ainda pertencem ao campo das emoções e reforçam o apego mundano.

Na terceira, quando esses estados se esgotam, o apego mantido intensifica a ignorância, e a queda desses estados elevados gera reações negativas.

13

Escritura: Se os bodhisattva-mahasattvas quiserem praticar a caridade perfeita, a conduta perfeita, a tolerância perfeita, a diligência perfeita e a meditação perfeita, devem aprender a compreensão perfeita.

Tratado

Pergunta: Se são diferentes, porque se diz que quem quer praticar a caridade perfeita deve aprender a compreensão perfeita?

Resposta: Elas são ao mesmo tempo iguais e diferentes. A diferença é que a compreensão perfeita refere-se a ver o aspeto real de todas as coisas, sem agarrar-se ou apegar-se a nada. Caridade significa renunciar a todas as posses, internas e externas. Quando praticas a caridade com compreensão perfeita, então a caridade pode ser chamada perfeita.

As cinco primeiras perfeições plantam boas qualidades; a compreensão perfeita remove a obsessão e as visões erróneas. É como um trabalhador que planta o grão e outro que remove as ervas daninhas para que o grão possa crescer e dar fruto.

Comentário

O tratado recorre novamente a imagens fáceis de memorizar para manter viva a consciência da necessidade de equilíbrio no desenvolvimento integral do ser humano. A compreensão sem caridade não beneficia o mundo por omissão; a caridade sem compreensão não beneficia o mundo por defeito. O mesmo vale para a relação entre a compreensão e as outras virtudes das primeiras cinco perfeições ou meios de transcendência.

Pergunta: Por que é necessário aprender a compreensão perfeita para praticar a caridade perfeita?

Resposta: Há dois tipos de caridade, pura e impura.

A caridade impura inclui:

a caridade dada por orgulho, pensando “Outros inferiores a mim dão caridade, então porque não hei de eu dar?”;

a caridade dada por inveja, pensando “Os meus inimigos ganharam reputação pela caridade, superando-me; vou dar muito para os ultrapassar”;

a caridade dada por cobiça de recompensa, pensando “Se eu der um pouco, receberei um milhão de vezes mais”;

a caridade pela reputação, pensando “Se eu me dedicar à caridade, serei confiável e reconhecido como pessoa de bem”;

a caridade para ganhar adesão, pensando “As pessoas a quem dou vão tornar-se minhas aliadas”.

A caridade com tais complicações chama-se caridade impura.

A caridade pura não tem essas complicações; é simplesmente confiar na causa e efeito com coração puro, respeitando e tendo compaixão por quem a recebe, sem procurar lucro imediato, vendo-a como mérito para a vida futura. Há também a caridade pura que nem sequer é dada em vista de benefício futuro, mas apenas para cultivar a mente e ajudá-la a procurar o nirvana.

Existe ainda a caridade pura com compaixão universal, feita pelo bem dos outros, não para vantagem própria nem para uma rápida obtenção do nirvana, mas apenas para a iluminação suprema e perfeita. Chama-se pura porque tem a compreensão perfeita como fundamento.

Comentário

A caridade manchada por orgulho, inveja, desejo de recompensa, fama ou influência é, na verdade, uma forma de comércio — o oposto da verdadeira caridade. O budismo não recomenda este tipo de caridade transacional, pois tende a inflar o ego e a impedir a iluminação.

14

Sem compreensão perfeita, as outras cinco perfeições não podem ser chamadas perfeições. Tal como um grupo de cegos não pode chegar ao destino sem um guia, a compreensão perfeita conduz as outras cinco perfeições ao conhecimento total.

Comentário

A compreensão perfeita dissolve o apego cego a ideias formais de prática e ao uso subconsciente dessas ideias para inflar o ego e justificar o próprio comportamento: “Aqui estou eu a ser generoso. Aqui estou eu a ser bom. Aqui estou eu a ser tolerante. Aqui estou eu a ser diligente. Aqui estou eu a meditar. Aqui estou eu a ser sábio. Isto e só isto é caridade. Isto e só isto é moralidade. Isto e só isto é tolerância. Isto e só isto é diligência. Isto e só isto é meditação. Isto e só isto é sabedoria.” A compreensão perfeita silencia estes disfarçados orgulhos e impede que a mente seja capturada por ideias fixas e irreais sobre o significado destas virtudes e a forma de as praticar.

15

Escritura: Se queres conhecer a talidade, a verdadeira natureza e a realidade última de todas as coisas, aprende a compreensão perfeita.

Tratado: Há dois tipos de talidade das coisas: uma é o aspeto individual particular, a outra é o aspeto absoluto ou real.
O aspeto individual particular é como a solidez da terra, a humidade da água, o calor do fogo, o movimento do vento. Ao distinguir as coisas assim, cada uma tem as suas próprias características individuais.
Quanto ao aspeto absoluto ou real, quando se procura imaginativamente dentro dos aspetos individuais das coisas, a realidade absoluta não pode ser encontrada.

Comentário

Este é um exercício de perceção simultânea do particular e do universal, ou multiplicidade e unidade. Ambos os modos, em cooperação mútua, são essenciais para uma consciência equilibrada. Aqui, o foco começa nos aspetos individuais das coisas e, depois, desloca-se para a discrepância entre imaginação subjetiva e realidade objetiva, especialmente a incapacidade da primeira de se ligar à segunda. O objetivo é criar o grau de desapego necessário para perceber a talidade, ou as coisas como são.

16

Escritura: Buda disse: “Quando os bodhisattva-mahasattvas praticam a caridade com compreensão perfeita, pelo poder da perícia compassiva conseguem cumprir a caridade perfeita, a conduta perfeita, a paciência perfeita, a diligência perfeita, a meditação perfeita e a compreensão perfeita.”

Shariputra perguntou como isso é possível, e Buda respondeu: “Porque doador, recetor e oferta não podem ser apreendidos, podem cumprir a caridade perfeita. Porque culpa e inocência não podem ser apreendidas, podem cumprir a moralidade perfeita. Porque as suas mentes permanecem inabaláveis, cumprem a paciência perfeita. Porque os seus corpos e mentes são enérgicos e não preguiçosos, cumprem a diligência perfeita. Porque não estão confusos nem cegos, cumprem a meditação perfeita. Porque sabem que todas as coisas são inapreensíveis, cumprem a compreensão perfeita.”

Comentário

“Doador, recetor e oferta não podem ser apreendidos” significa que quem vê a verdadeira natureza das coisas não sente piedade nem orgulho por dar, não olha de cima para quem recebe nem espera retorno, e não sente qualquer custo ou perda pessoal pelo ato de dar.

A inocência e a culpa são relativas, não absolutas — um ato só pode ser julgado no contexto das condições que o rodeiam. A perceção desta relatividade é impossível sem discernimento profundo.

Se sentimentos de hostilidade ou ódio estão enraizados e são apenas suprimidos em nome da tolerância, essa paz será frágil, e o que é reprimido acabará por emergir, possivelmente nos momentos em que a tolerância é mais necessária. É por isso que o equilíbrio espontâneo e a estabilidade mental resultantes da compreensão perfeita são essenciais para a perfeição da paciência.

A compreensão perfeita não age nem evita agir, não se enreda emocional ou intelectualmente em nada. Assim, conserva energia mental e física. A poupança persistente dessa energia leva a um aumento natural de vigor e clareza, algo frequentemente enfatizado no Zen como parte da prática correta.

17

Se os bodhisattva-mahasattvas querem chegar à outra margem tanto das coisas compostas como das não compostas, devem aprender a compreensão perfeita.

Comentário

“Coisas compostas” refere-se a todos os fenómenos comuns, pois são compostos por partículas e elementos. “Coisas não compostas” refere-se ao espaço, ao nirvana realizado através da análise e ao nirvana não-analítico; algumas descrições incluem também a estabilidade, a aniquilação dos sentidos e a talidade nesta categoria. Coisas compostas e não compostas são também chamadas de coisas criadas e não criadas.

O Sutra Sandhinirmocana ilustra com grande clareza a perceção que atinge a outra margem tanto das coisas compostas como das não compostas: “‘Criado’ é uma definição artificial estabelecida temporariamente pelo Buda. Como tal, é uma expressão verbal montada por conceptualização. Se é uma expressão verbal montada por conceptualização, no fim de contas é uma expressão verbal de várias conceptualizações e não é realmente real. Portanto, não é criado. Se disseres que não é criado, também se resume a uma questão de palavras.

Se falares de algo fora do criado e do não criado, aplica-se o mesmo. Isso não significa, contudo, que não haja nada a ser discutido. O que é essa coisa? Os sábios, com o seu conhecimento e visão, desapegam-se de nomes e palavras e, por isso, atualizam a iluminação. Então, porque desejam tornar os outros conscientes desta natureza que está para além das palavras, estabelecem temporariamente nomes e características e chamam a algo de criado. ‘Não criado’ é também uma definição artificial estabelecida temporariamente pelo Buda.

Como tal, é uma expressão verbal montada por conceptualização, o que significa que é, no fundo, uma expressão verbal de várias conceptualizações e, portanto, não é realmente real. Assim, não é não criado. Se disseres que é criado, também se resume a uma questão de palavras.

Mesmo que fales de algo fora do criado e do não criado, aplica-se o mesmo. Isso não significa, contudo, que não haja nada a ser discutido. O que é essa coisa? Os sábios, com o seu conhecimento e visão, desapegam-se de nomes e palavras e, por isso, atualizam a iluminação. Então, porque querem tornar os outros conscientes desta natureza para além das palavras, estabelecem temporariamente nomes e características e chamam a algo de não criado." (Yoga Budista)

18

Se os bodhisattva-mahasattvas quiserem conhecer a talidade, as características e o domínio da não-ocorrência de todas as coisas passadas, presentes e futuras, devem aprender a visão perfeita.

Comentário

Talidade é o testemunho direto de todas as coisas sem mediação ou representação conceptual; na medida em que não há verbalização ou descrição interna, as coisas assim testemunhadas são simplesmente ditas ser assim ou tal, e o seu ser-assim é chamado de talidade. Características referem-se às particularidades de cada coisa individual.

O domínio da não-ocorrência refere-se ao sentido em que não existe um início absoluto de nada, na medida em que tudo faz parte de uma rede abrangente de condições interativas e interdependentes, e nada existe por si só. O conhecimento do domínio da não-ocorrência permite à mente apreender simultaneamente a talidade e as características, sem confusão. Assim, a visão perfeita é considerada a chave tanto para os modos holísticos como para os particularizantes de conhecimento.

19

Se os bodhisattva-mahasattvas quiserem evitar a avareza, a imoralidade, a ira, a preguiça, a distração e a insensatez, que aprendam a visão perfeita.

Comentário

Pietistas religiosos convencionais tentarão eliminar estes elementos negativos de personalidade definindo-os e identificando-os em certos comportamentos e depois tentando eliminar esses comportamentos e suprimi-los. Isso pode conseguir um certo grau de inibição, mas não atinge o estágio de evitação, no qual o indivíduo vê através dos mecanismos psicológicos subjacentes a esses elementos negativos e fica mentalmente capacitado, por meio desta visão

penetrante direta, para permanecer essencialmente fora do alcance das suas influências compulsivas.

O mestre zen Bunan disse: “É fácil abster-se de se aproximar das coisas; é mais difícil ser inacessível às coisas.” A disciplina comum, no seu melhor, consegue evitar aproximar-se de coisas censuráveis, quer na própria personalidade e comportamento, quer no mundo em geral; a disciplina da visão perfeita é ser interiormente inacessível a esses pensamentos e coisas.

ESCRITURA SOBRE A VISÃO PERFEITA PARA SOBERANOS BENEVOLENTES

1

O rei Prasenajit perguntou ao Buda: “Como é que todos os bodhisattvas preservam a budidade? Como preservam as condições para as práticas das dez etapas?”

O Buda disse: “Quando os bodhisattvas ensinam, não se fixam na talidade da forma; nem na talidade da sensação, da cognição, das formações mentais ou da consciência; nem na talidade dos seres, do eu, dos outros, da permanência, do prazer, da identidade ou da pureza; nem na talidade do conhecimento, ou do vivente; nem na talidade dos bodhisattvas; nem na talidade das seis perfeições, dos quatro métodos integrativos ou de todas as práticas; nem na talidade das duas verdades.

“Portanto, a natureza de todas as coisas é, na realidade absoluta, vazia — não vem nem vai, não tem origem nem destruição. É igual à realidade absoluta, equivalente à essência da realidade; não é outra, não é diferente, como o espaço.

“Assim, os agregados, as bases sensoriais e os elementos não têm eu nem características inerentes. Isto constitui a visão pela qual os bodhisattvas praticam e ensinam as dez etapas.”

Comentário

Não se fixar na talidade das coisas pode ser entendido em diferentes níveis, mas ambos são elementos importantes da prática. Primeiro, significa que não se pensa na talidade das coisas: “Esta é a talidade das coisas” ou “A talidade das coisas é assim e assado.” Segundo, significa que não se permanece o tempo todo no testemunho direto e não mediado, pois isso também criaria um desequilíbrio na mente.

O mestre zen Baizhang disse: “Falar de consciência em espelho ainda não está completamente certo. Discernir o puro através do impuro. Se disseres que a consciência imediata em espelho está correta, ou que há algo além da

consciência em espelho, isso é tudo ilusão. Se continuares a permanecer na consciência imediata em espelho, isso também é o mesmo que ilusão. Chama-se a isto o erro do naturalismo." (As Cinco Casas do Zen)

2

O rei disse ao Buda: "Se todas as coisas são assim, então a proteção e o ensino das pessoas por parte dos bodhisattvas é realmente ensinar as pessoas?"

O Buda disse: "Ó rei, em termos da natureza essencial, e da forma, sensação, cognição, formações mentais e consciência, eles não se fixam na forma, nem se fixam na negação da forma; nem se fixam na negação da negação da forma. Isto aplica-se também à sensação, à cognição, às formações mentais e à consciência — não se fixam em nenhuma delas, nem deixam de se fixar em nenhuma delas.

Comentário

O mestre zen Baizhang identificou três fases dos ensinamentos budistas como um todo, que estão claramente representadas aqui: Baizhang descreve a primeira fase como desapego (aqui: não se fixar na forma, etc.); a segunda fase como não se fixar no desapego (aqui: não se fixar "na negação da forma"); e a terceira fase como não alimentar a compreensão de não-fixação (aqui: não se fixar na negação da negação da forma, etc.).

A liberdade está para além destas três etapas. A aplicação aqui é que, quando pessoas com visão desperta ajudam e guiam outras, não veem essas pessoas da mesma forma que elas as veem, nem as veem da mesma forma que veem a si próprias. Contudo, isso não significa que não saibam ou percebam como as outras pessoas veem as coisas, apenas que não se apegam nem vivem dessas visões.

"Porquê? Porque não é a forma como a forma é, mas também não é não a forma como a forma é; mas, no sentido da verdade convencional, sob três condições se diz que veem as pessoas.

"No sentido de que a natureza de todas as coisas é real, os budas, sete graus de santos e oito graus de sábios dos Três Veículos podem ser ditos ver; e também aqueles que mantêm as sessenta e duas visões podem ser ditos ver.

"Ó rei, se nomes são chamados ver coisas, então os budas, aqueles dos Três Veículos e todos os seres não deixam de ver todas as coisas."

O mestre zen Mazu disse: "Todos os seres vivos sempre estiveram absorvidos na natureza das coisas. Estão sempre dentro da absorção na natureza das coisas, vestindo-se, comendo, conversando. As funções dos seis sentidos, e de facto todas as atividades, são todas a natureza das coisas."

O mestre zen Dogen escreveu: “Porque a natureza das coisas é o próprio ser, não é o eu como mal interpretado por externalistas ou obsessivos. Na natureza das coisas não há externalismo nem obsessão; é apenas tomar o pequeno-almoço, almoçar e lanchar. Mesmo assim, aqueles que afirmam ter estudado durante muito tempo, mesmo vinte ou trinta anos, passam toda a vida atordoados quando leem ou ouvem falar da natureza das coisas.

Aqueles que afirmam ter completado o estudo do Zen e assumem o posto de mestre, embora ouçam a voz da natureza das coisas e vejam as formas da natureza das coisas, ainda assim o seu corpo e mente, experiência objetiva e subjetiva, apenas sobem e descem no poço da confusão.

É como pensar erradamente que a natureza das coisas aparecerá quando o mundo inteiro que percebemos for obliterado, que a natureza das coisas não é a totalidade presente dos fenómenos. O princípio da natureza das coisas não pode ser assim.” (Shobogenzo: Ensaios Zen de Dogen)

3

O rei disse ao Buda: “Em termos de visão perfeita, as coisas existentes não são nem reais nem irreais. Como é que isto é percebido no Mahayana?”
O Buda disse: “Grande rei, o Mahayana não vê nem realidade nem irrealidade. Se as coisas não são nem reais nem irreais, isto chama-se a vacuidade de nem realidade nem irrealidade. A própria essência das coisas é vazia: forma, sensação, cognição, formações mentais e consciência são vazias; os doze campos sensoriais e dezoito elementos são vazios; os seis constituintes principais do ser são vazios; as quatro verdades e as doze condições são vazias.

“Estas coisas surgem, permanecem e desaparecem imediatamente; são simultaneamente existentes e vazias. É assim momento a momento — as coisas surgem, permanecem e desaparecem imediatamente. Porquê? Noventa momentos fazem um instante de pensamento; num instante de pensamento, um momento surge e extingue-se novecentas vezes. Todas as coisas, incluindo a matéria, são assim.”

Comentário

O momento a surgir e extinguir-se novecentas vezes significa que um momento é definido como a duração de novecentas ondas de pensamento. Noventa destes momentos fazem um instante, portanto existem oitenta e uma mil ondas de pensamento num instante. Naturalmente, isto não é uma cifra absoluta, mas uma ilustração para fins contemplativos. Contudo, embora seja difícil afirmar, com o conhecimento atual sobre o funcionamento do cérebro, que existe um número ou intervalo específico que possa ser medido, o princípio da velocidade do pensamento, ou da brevidade das ondas de pensamento, é sólido.

Considera-se que isto explica a aparente continuidade do mundo tal como o experienciamos na consciência quotidiana. O uso contemplativo da brevidade das ondas de pensamento como comparação para o fluxo constante da matéria, sensação, cognição, formações mentais e consciência é um método clássico para experienciar o nirvana anteriormente descrito como nirvana por via da análise. Este é o nirvana cultivado.

“Porque a visão perfeita é vazia, não vê objetos e não vê as verdades — todas as coisas são vazias. O interior é vazio, o exterior é vazio, interior e exterior são vazios, coisas compostas são vazias, coisas não compostas são vazias, origem é vazia, essência é vazia, verdade última é vazia, visão perfeita é vazia, causa é vazia, budidade é vazia e a vacuidade é vazia; assim, todas são vazias.”

O parágrafo anterior descreve a manobra contemplativa conhecida como entrar na vacuidade através da condicionalidade; este parágrafo representa a graduação do processo para o resultado, permanecendo temporariamente na visão da vacuidade.

“É apenas que as coisas existem devido à combinação. As sensações existem devido à combinação. As causas existem devido à combinação. Os efeitos existem devido à combinação. As dez práticas, portanto, existem, a budidade existe e assim também todos os outros estados de ser.”

Este parágrafo descreve a manobra seguinte depois de entrar na vacuidade e permanecer na visão da vacuidade, ou seja, reentrar no condicional a partir da vacuidade. Esta é a base da compaixão. Ir e voltar pelo percurso descrito por estas três etapas é um caminho para a realização contemplativa da via do meio, ou caminho do equilíbrio central.

Este “triplo portão” encontra-se em todas as escrituras budistas sobre a visão perfeita; este corpo de ensinamentos foi tomado como base da prática de meditação Tiantai na China, Coreia e Japão. Do Tiantai passou para o Zen, onde é evidente desde a era dos mestres fundadores e se mostra, nos registos zen, ter sido repetidamente reintroduzido ao longo dos séculos. (Parar e Ver)

“Bom homem, se os bodhisattvas veem coisas, seres, eu, outros ou conhecimento, estas pessoas estão a praticar convenções mundanas e não são diferentes dos mundanos.”

Este é um exemplo de parâmetros escriturais de iluminação que permitem ao aspirante sincero e atento diferenciar entre pessoas e instituições aparentemente religiosas que, na realidade, são veículos de aspirações mundanas, e pessoas ou estabelecimentos aparentemente mundanos que, na realidade, são veículos de conteúdo espiritual.

“Se permaneceres inabalável no meio de todas as coisas e não as procurares, elas não têm formas e, no entanto, não são sem forma. Todas as coisas são assim, e assim são os budas, os seus ensinamentos e as suas comunidades.

Isto é estar imbuído com oitenta e quatro mil visões perfeitas num único momento de consciência no primeiro estágio de iluminação."

A primeira frase deste parágrafo é o "olho", ou a orientação-chave. Permanecer inabalável no meio de todas as coisas significa não reagir automaticamente a elas, quer interiormente quer exteriormente, emocional ou intelectualmente. Não procurar as coisas significa não se obcecar, não se agarrar, não projetar desejos, medos, suposições, e assim por diante. Então, as coisas não têm formas no sentido de que não se mantém fixações rígidas sobre o que se supõe, teme ou deseja que sejam; contudo, as coisas não são sem forma, pois aquele que não está sujeito a distorções de pensamento consegue distinguir uma coisa de outra.

"Esta transmissão imediata é chamada de Mahayana ou Grande Veículo; o alívio imediato é chamado vajra, ou raio, e também estabilização." O método é chamado veículo no sentido em que conduz a mente até ao destino e não deve ser transformado em objeto de fixação por si próprio.

O veículo é dito imediato porque a visão pode ver diretamente quando a mente não é afetada pelas coisas e não as procura. O termo vajra significa raio ou diamante, representando a visão que despedaça ou corta as falsas perspetivas; é chamado alívio imediato porque o fardo dessas perspetivas é o que aflige a mente confusa.

4

O Buda disse: "Grande rei, se os bodhisattvas veem objetos, veem conhecimento, veem explicação, veem receção, isto não é visão iluminada. Estão a ver as coisas com conceções distorcidas; são pessoas comuns."

Comentário

Ver objetos, conhecimento, explicação e receção refere-se a acreditar subconscientemente que as coisas são tal como aparecem, que a descrição é conhecimento, que a repetição e elaboração de descrições convencionais é explicação, e que, assim, as pessoas podem compreender a verdade e a realidade.

Diz-se que estas são conceções distorcidas na medida em que se confundem inconscientemente noções subjetivas com realidades objetivas. Mesmo que isto ocorra num contexto ostensivamente religioso, filosófico ou espiritual, a abordagem continua a ser a da convenção mundana e não resulta em nada mais elevado do que isso.

5

Bodhisattvas plenamente cientes, como guardiões das quatro direções, estão simultaneamente conscientes das realidades absoluta e convencional; com técnicas de orientação imparciais ensinam os seres sencientes, atravessando

cem países, antes de finalmente ascenderem ao caminho sem forma do Veículo Único e entrarem na visão nouménica. Isto chama-se permanência. Permanecendo aí, desenvolvem conduta virtuosa, pelo que se chama a isto uma etapa. Na primeira etapa cumprem de forma concentrada a conduta virtuosa sem se afastarem da verdade última.

Comentário

Guardar as quatro direções significa despertar compaixão imparcial. Na descrição das Cinco Posições do caminho da iluminação segundo o Sutra do Lótus, a guarda das quatro direções é a terceira posição. O significado disto é mais explícito nas Cinco Posições do Zen que descrevem a inter-relação do absoluto e do relativo, um ensinamento que parece ter derivado de uma síntese das Cinco Posições do Sutra do Lótus com os Quatro Reinos da Realidade do Budismo da Flor do Ornamento.

O mestre zen Hakuin explica esta terceira posição, que no Zen é chamada “vir de dentro do absoluto”, em termos pragmáticos simples: “Os seres iluminados do veículo superior não permanecem no estado de resultado que realizaram; do oceano da ausência de esforço irradiam grande compaixão incondicional. Montados nos quatro votos universais puros, girando a roda do ensinamento, procuram a iluminação acima enquanto educam as pessoas abaixo.” (Kensho: O Coração do Zen)

6

A visão intuitiva não tem conhecimento nem perspetiva: não atua sobre nada, não se relaciona com nada, não provém de nada, nem sente nada. Não apreende nenhuma forma de perceção. Portanto, a forma de prática deste caminho é como o espaço. Sendo assim por virtude do seu caráter normal, como poderia ser alcançada pela atenção plena ou pela ausência de atenção?

Comentário

A Escritura do Monte de Joias diz: “A corporização da realidade não pode ser procurada através de perceção ou cognição. Não é o que é visto pelo olho físico porque não tem forma. Não é o que é visto pelo olho celestial porque não tem ilusão. Não é o que é visto pelo olho da sabedoria porque está para além dos atributos. Não é o que é visto pelo olho objetivo porque está para além de todas as configurações. Não é o que é visto pelo olho iluminado porque está para além de todos os modos de consciência.” O mestre zen Baizhang comentou: “Se alguém não produz tais perspetivas, isto é chamado a visão de um buda.”

7

A consciência dos seres vivos difere da madeira ou da pedra desde o momento inicial de consciência, que pode produzir o bem ou o mal. O mal é a raiz de infinitas consciências más; o bem é a raiz de infinitas consciências boas. Desde o primeiro momento de consciência até ao último, incontáveis consciências são produzidas, formando os corpos e mentes dos seres vivos.

Comentário

As reações a impressões têm efeitos, que são atribuídos às próprias impressões ou a objetivações destas, consideradas como causas de tudo o que aconteceu. A acumulação de reações habituais às impressões condiciona as características das impressões habitualmente formadas na mente. Estes hábitos psicológicos e comportamentais, desenvolvidos no curso da vida a partir de materiais instintivos brutos e emocionais e intelectuais adquiridos, formulam a atividade do corpo e da mente, incluindo os fatores que favorecem ou prejudicam a saúde física e mental.

O Sutra Avatamsaka diz: “Tal como as artes de um mágico podem fazer aparecer várias coisas, inconcebível é o número de reinos devido à força dos atos dos seres. Tal como quadros pintados por um artista, assim são todos os mundos feitos pela mente-pintora. As diferenças físicas dos seres surgem de discriminações mentais; assim variam as terras, todas dependendo de atos... Muitas terras são produzidas pela força dos atos dos seres, sustentadas por diferentes atmosferas. Os fenómenos dos mundos são assim vistos de formas variadas; contudo, realmente não têm origem nem dissolução. Em cada momento da mente produzem-se infinitas terras. Pela espiritualidade iluminada todas são vistas como puras.” (A Escritura do Ornamento de Flores)

8

Porque as seis consciências das pessoas comuns são grosseiras, apreendem inúmeros fenómenos materiais artificialmente definidos — azul, amarelo, quadrado, redondo, e assim por diante. Porque as seis consciências dos sábios são puras, apreendem todos os fenómenos materiais reais — cor, forma, aroma, sabor e textura reais.

Comentário

As chamadas pessoas comuns são aquelas que apreendem as coisas apenas como foram condicionadas a percebê-las e reconhecê-las. Os chamados sábios são aqueles que conseguem apreender os fenómenos de forma mais direta, sem a intervenção restritiva de noções preconcebidas. É por isso que se diz que os sábios veem mais, ou de forma mais verdadeira, do que as pessoas comuns geralmente veem, porque o seu conhecimento direto não é condicionado, limitado ou distorcido por expectativas ou suposições baseadas inconscientemente em boatos e convenções não questionadas.

9

Ser e não-ser são originalmente dois, como os dois chifres de um boi. Embora a compreensão percetiva veja a não-dualidade, as duas verdades são sempre não idênticas. A mente que compreende vê a não-dualidade — não consegue encontrar dualidade. Isto não significa que as duas verdades sejam uma; se não fossem duas, como poderiam ser apreendidas? Em termos de compreensão, são sempre intrinsecamente uma; em termos de verdade, são sempre inerentemente duas. Pela compreensão profunda desta não-dualidade, penetra-se verdadeiramente na verdade última.

Comentário

A expressão “duas verdades” refere-se à verdade relativa e à absoluta, ou à verdade temporal e à última. O que convencionalmente se diz existir é condicional e, portanto, inexistente num sentido absoluto; as coisas tal como as percebemos aparecem como são em relação aos nossos sentidos, não como são em si mesmas. Na contemplação da relatividade para entrar na realização da vacuidade, a mente passa da observação dos fenómenos relativos para a meditação sobre a própria relatividade, e daí para a absorção na vacuidade.

Ao sair da vacuidade para reentrar no mundo relativo, a mente desloca o foco da essência para as características. Uma vez que a vacuidade tenha sido realizada experiencialmente, a relatividade do viés percetivo já não interfere com a visão intuitiva do absoluto. Isto é o que se chama compreensão da não-dualidade. É a forma de experiência referida no ensino clássico do Zen como sendo como o espaço ou como o céu, contendo as formas de tudo mas não se apegando às aparências.

10

Na verdade mundana, as ilusões surgem como flores no céu, inexistentes como reflexos ou uma terceira mão. As ilusões parecem existir por causa de causas e condições; ver seres ilusórios é chamado facto da ilusão. Os magos veem que as ilusões não existem na verdadeira realidade; isto chama-se a visão de todos os budas, e também a visão dos bodhisattvas.

Comentário

Flores no céu, reflexos e uma terceira mão representam a chamada natureza conceptualizada das coisas, também referida como a natureza puramente imaginada ou a natureza inexistente. Isto não é uma inexistência absoluta, no sentido de que não signifique que nada está lá, mas sim que não existe realidade objetiva absoluta na natureza conceptualizada ou imaginada das coisas tal como parecem ou aparecem relativamente aos nossos sentidos e intelecto.

Isto implica que os iluminados e aqueles que iluminam não tomam necessariamente as coisas pelo seu valor aparente, mas também não desconsideram como as coisas parecem, para si e para os outros. É assim que podem ou se tornam insensíveis às reações automáticas a pensamentos e sentimentos sobre as próprias coisas, ao estarem ou tornarem-se conscientes da sua possível gama de efeitos sobre várias mentalidades ou padrões mentais não temperados por uma visão penetrante.

11

Os bodhisattva-mahasattvas iluminam sempre as duas verdades dentro da unidade para ensinar as pessoas. Budas e seres vivos são um, não dois, porque os seres vivos são vazios; assim, pode-se afirmar que a iluminação é vazia. Por causa da vacuidade da iluminação, pode-se afirmar que os seres vivos são vazios.

Comentário

O budismo ensina que existe um potencial original dentro de nós, chamado natureza de buda, e uma segunda natureza, uma natureza habitual, que é em parte herdada e em parte adquirida. O facto transcendental de que a natureza habitual não é absolutamente real, não é a nossa verdadeira identidade, é chamado a vacuidade dos seres vivos.

O facto quotidiano de que a natureza habitual existe mentalmente, e de que essa existência se reflete em padrões de comportamento que reconfirmam a natureza habitual mental, torna necessário recorrer às duas verdades para libertar a mente do confinamento excessivo à natureza habitual o suficiente para abrir a experiência consciente da natureza original de buda.

Ao penetrar a opacidade da natureza habitual com a visão, diz-se que se percebe que “os seres vivos” são “vazios”, e assim já não se fica mentalmente obscurecido pela natureza habitual, podendo ver e agir a partir da natureza de buda.

A natureza de buda pode operar no mesmo indivíduo que a natureza habitual porque a natureza habitual não é absoluta nem absolutamente vinculativa. Isto implica que a iluminação, ou realização da natureza de buda, não é uma coisa de qualquer ordem concebível de existência, pois tal noção seria mais um elemento sujeito ao processamento mecânico da natureza habitual.

A vacuidade da iluminação significa liberdade de noções preconcebidas, o que implica que a natureza habitual não prevalece. Isto é representado como a vacuidade dos seres vivos, o que também implica que as pessoas não estão necessariamente condenadas às limitações da sua natureza habitual, mas podem libertar-se da tirania de padrões mentais herdados e enraizados para que a sua natureza de buda possa prevalecer sobre a sua natureza humana secundária.

12

Porque todas as coisas são vazias, a vacuidade é, portanto, vazia. Porquê? Porque a visão é sem forma; as duas verdades são vazias, e a visão é vazia. Da ignorância à omnisciência, não há sinal de identidade própria ou alheia. Assim, quando os cinco olhos estão completos, veem sem ver nada e não apreendem se funcionam ou não, e não apreendem quando nem funcionam nem deixam de funcionar; não apreendem absolutamente nada.

Comentário

A vacuidade da vacuidade significa que a vacuidade não é algo em si mesma e não pode ser objetivada ou apreendida como um objeto. Desde a antiguidade, há registos de pessoas que cultivam um vazio mental, ou "escuridão indefinida", ou um reino de clareza como objeto mental, chamando-lhe vacuidade. Existem inúmeras referências a este erro na tradição zen.

Os "cinco olhos" do potencial humano completo são mencionados na seleção da Escritura do Monte de Joias citada acima no comentário ao segmento 6 deste grupo. São eles: o olho físico, o olho celestial (clarividente), o olho da sabedoria, o olho objetivo e o olho iluminado. Dizer que estes cinco olhos veem sem ver nada significa, no contexto das duas verdades, que veem tudo o que é relativo às suas capacidades percetivas, mas nenhuma capacidade percetiva pode transformar em objeto a verdade absoluta ou última que não é relativa a nada.

Qualquer objeto, ou objetivação, já está no domínio relativo pelo próprio facto da sua objetivação relativamente a uma capacidade percetiva ou cognitiva. É por isso que a passagem escriturária mencionada diz que a corporização da realidade está para além do alcance dos cinco olhos.

13

Quando os bodhisattvas ainda não atingiram a budidade, transformam a iluminação numa aflição. Quando os bodhisattvas atingem a budidade, transformam as aflições em iluminação. Como assim? Pela virtude da não-dualidade na verdade última, porque os budas e todas as coisas são assim.

Comentário

Transformar a iluminação numa aflição significa fazer da iluminação um objeto de desejo no plano comum. Transformar as aflições em iluminação significa libertar-se espiritualmente por meio da compreensão penetrante das complicações psicológicas. O mestre zen Muso cita um antigo ditado que ilustra este ponto e ajuda a mantê-lo presente para fins práticos: "Se te obcecares com o budismo, então o budismo é uma coisa mundana. Se não te obcecares com coisas mundanas, então as coisas mundanas são ensinamentos budistas."

14

Se, ao ver seres vivos, os bodhisattvas veem unidade ou dualidade, não veem unidade nem dualidade. Unidade e dualidade são a verdade última. Ser e não-ser são ambos verdades convencionais. Três verdades abrangem todas as coisas — a verdade da vacuidade, a verdade da matéria e a verdade da mente.

Comentário

As três verdades podem ser entendidas em termos do dispositivo de ensino das três naturezas referido anteriormente. A verdade da vacuidade é a natureza real ou perfeita das coisas; a verdade da matéria é a natureza relativa ou dependente das coisas; e a verdade da mente é a natureza conceptual, imaginária ou inexistente das coisas.

15

Quando o fogo que encerra o eão se apaga, todo o universo ficará vazio; as montanhas mais altas e os oceanos mais profundos serão reduzidos a cinzas. As fortunas dos deuses e espíritos acabarão aí. Mesmo o yin e o yang desaparecem; como pode um país perdurar? Nascimento, envelhecimento, doença, morte — continuam em ciclos sem fim. Os factos divergem dos desejos; a preocupação e a tristeza ferem. Quando os desejos são profundos, os problemas são pesados; as úlceras não vêm de fora. Os três mundos são todos desconfortáveis — de que pode um país depender?

A existência é, originalmente, inexistente; causas e condições fazem-na existir. O que floresce inevitavelmente declina, o que é sólido inevitavelmente se desfaz. Os seres vivos, por mais numerosos que sejam, são todos como presenças ilusórias; som e eco são ambos vazios, e assim também a nação e o país.

O espírito consciente não tem forma; monta temporariamente quatro serpentes. A ignorância toma conta dele, por isso pensa que é uma viagem agradável. O corpo físico não tem hospedeiro permanente, e o espírito não tem casa permanente; visto que até corpo e espírito se separam, como podes possuir uma nação?

Comentário

Esta é uma meditação sobre a vacuidade em termos de impermanência, usada para cultivar o desapego da ambição, da contenda e da possessividade. Aqui é dirigida aos reis, para que deixem de travar guerras de conquista e anexação e deixem de se engrandecer à custa dos outros. Aplica-se também, naturalmente, à atitude individual em relação ao autogoverno.

16

Bodhisattvas em treino praticam as dez virtudes, veem cada parte da terra, água, fogo, ar, éter e consciência do seu próprio corpo como impura. Depois veem os catorze órgãos — ou seja, cinco consciências, cinco sentidos, órgãos masculino e feminino, o órgão da ideação e a raiz da vida — como tendo inúmeras falhas. Por causa disto desenvolvem uma mente com raízes de bondade inigualáveis.

Ao cultivarem constantemente o pensamento de que tudo nos três mundos é impuro, alcançam o método contemplativo de reconhecer a impureza. Vivendo na casa de Buda, praticam as seis harmonias — nomeadamente, pensamento, palavra e ação semelhantes; visões semelhantes; conduta semelhante; e estudos semelhantes. Praticam oitenta e quatro mil caminhos de perfeição.

Quando praticam as dez virtudes antes de aprenderem a tolerância, os bodhisattvas podem regredir assim como progredir, como cabelos soprados de um lado para o outro pelo vento.

Comentário

“Em treino” significa prática elementar, incluindo a caridade e a bondade combinadas com desapego, altruísmo, sociabilidade e dedicação de todas as experiências internas e externas ao processo de iluminação completa. Nesta fase, as qualidades que cultivam ainda não estão desenvolvidas ao ponto de serem espontâneas e naturais, por isso as pessoas ainda não estão definitivamente estabilizadas e podem recuar de vez em quando no decurso da sua evolução espiritual.

17

Bodhisattvas naturalizados praticam dez contemplações perspicazes e extinguem dez ilusões. Mesmo eu, outros e conhecimento são irreais; qualquer forma, qualquer sensação, qualquer fenómeno, não pode ser apreendido. Não existem definições fixas, nem identidade nem alteridade. Assim, quando observam a prática da contemplação da vacuidade, praticam também um milhão de perfeições.

Comentário

As dez contemplações perspicazes são chamadas os quatro pontos de atenção plena, as três raízes da bondade e a contemplação dos três tempos. Os quatro pontos de atenção plena até à experiência do nirvana são: atenção plena do corpo como impuro, atenção plena da sensação como irritante, atenção plena da mente como inconstante e atenção plena dos fenómenos como sem identidade inerente. Após o nirvana, os quatro pontos de atenção plena são: atenção plena do corpo como semelhante ao espaço, atenção plena da sensação como nem interior nem exterior, atenção plena da mente como

inapreensível e atenção plena dos fenómenos como nem bons nem maus. As três raízes da bondade são a liberdade da cobiça, a liberdade do ódio e a liberdade da ignorância. Os três tempos contemplados são passado, presente e futuro.

As dez ilusões são também chamadas dez compulsões. Dividem-se em duas categorias, as agudas e as subtis. A cobiça, o ódio, a ignorância, a presunção e a dúvida são chamadas as cinco compulsões subtis. A noção do corpo como real, as visões extremas, as visões falsas, as visões ligadas a opiniões e as visões ligadas a preceitos e proibições são chamadas as cinco compulsões agudas.

18

Bodhisattvas no caminho permanecem em tolerância estável e veem todas as coisas como não tendo origem, não permanecendo e não sendo destruídas. Ou seja, os cinco sentidos, os três mundos e as duas verdades não têm identidade nem alteridade, porque a sua essência é inapreensível tal como é.

Comentário

O mestre zen Zhenjing disse: “Quando reconheces a ilusão, desapegas-te, sem realizar quaisquer técnicas expedientes. Quando te desapegas da ilusão, despertas, sem qualquer processo gradual.”

O mestre zen Baizhang disse: “Quando percebes que os sentidos e os objetos fundamentalmente não se ligam, libertas-te no ato.”

ENSINAMENTOS-CHAVE

DA GRANDE ESCRITURA DA PERFEITA VISÃO

1

Quando os bodhisattva-mahasattvas praticam a visão perfeita, não contemplam a vacuidade, nem o acordo nem o desacordo com a vacuidade. Não contemplam a ausência de sinais, nem o acordo nem o desacordo com a ausência de sinais. Não contemplam a ausência de desejos, nem o acordo nem o desacordo com a ausência de desejos.

Porquê? Porque não há nem acordo nem desacordo na vacuidade, na ausência de sinais e na ausência de desejos. Quando os bodhisattva-mahasattvas praticam a visão perfeita, é em virtude do acordo com tais verdades que se pode dizer que estão de acordo com a visão perfeita.

Quando os bodhisattva-mahasattvas, praticando a visão perfeita, penetraram na vacuidade inerente de todas as coisas, não contemplam a matéria em

termos de acordo ou desacordo; não contemplam a sensação, a cognição, as formações mentais ou a consciência em termos de acordo ou desacordo.

Estes bodhisattva-mahasattvas não contemplam a ligação ou a desconexão da matéria com o passado. Porquê? Porque não veem o passado. Não contemplam a ligação ou a desconexão da sensação, cognição, formações mentais ou consciência com o passado. Porquê? Porque não veem o passado.

Não contemplam a ligação ou a desconexão da matéria com o futuro. Porquê? Porque não veem o futuro. Não contemplam a ligação ou a desconexão da sensação, cognição, formações mentais ou consciência com o futuro. Porquê? Porque não veem o futuro.

Não contemplam a ligação ou a desconexão da matéria com o presente. Não contemplam a ligação ou a desconexão da sensação, cognição, formações mentais ou consciência com o presente. Porquê? Porque não veem o presente.

Quando os bodhisattva-mahasattvas praticam a visão perfeita, não contemplam a ligação ou a desconexão do passado com o futuro. Não contemplam a ligação ou a desconexão do passado com o presente. Não contemplam a ligação ou a desconexão do futuro com o passado. Não contemplam a ligação ou a desconexão do futuro com o presente. Não contemplam a ligação ou a desconexão do futuro com o passado e o presente. Não contemplam a ligação ou a desconexão do presente com o passado e o futuro. Não contemplam a ligação ou a desconexão do passado, futuro e presente. Porquê? Porque os três tempos são vazios.

Quando os bodhisattva-mahasattvas praticam a visão perfeita, é por se ligarem a estes princípios que se pode dizer que estão ligados à visão perfeita.

Comentário

A vacuidade, a ausência de sinais e a ausência de desejos são chamadas as três portas da libertação. A vacuidade é definida de dezoito maneiras na principal escritura sobre a visão perfeita; aqueles que já não contemplam a vacuidade, nem o acordo nem o desacordo com a vacuidade, são aqueles que já compreenderam as definições e experimentaram os seus fundamentos e, consequentemente, já não precisam de se deter em descrições de vacuidade nem de se deixar obcecar ou embriagar pela visão experiencial da vacuidade.

A ausência de sinais significa que as aparências externas das coisas tal como apreendidas pelos sentidos não são as realidades essenciais das coisas em si mesmas. Todas as coisas são ditas, na sua essência, sem sinais ou sem forma, porque a sua realidade objetiva não corresponde às nossas descrições subjetivas das suas características conforme nos relacionamos com elas.

Aqueles que já não contemplam a ausência de sinais são os que se libertaram da identificação inconsciente das descrições com as próprias coisas, que já

não precisam de se deter no princípio da ausência de sinais e que não objetivam a ausência de sinais como algo em si, nem se apegam a uma nebulosidade amorfa como realização dessa ausência. Veem que os sinais ou aparências não são marcas absolutas; a sua visão da ausência de sinais não elimina as aparências.

A ausência de desejos significa que as coisas em si mesmas não têm as intenções e planos que nós lhes atribuímos nas nossas relações com elas. Podemos pensar que estamos a seguir uma determinada direção em conformidade com as condições, podemos sentir que as circunstâncias nos levam por esse caminho e, portanto, que é natural seguir, quando, na verdade, estamos a seguir uma agenda inconsciente cujas suposições nunca paramos para examinar, porque atribuímos a lógica do percurso à força dos acontecimentos ou ao significado da vida tal como a concebemos.

Ao permanecer durante algum tempo na contemplação da natureza das coisas como inocentes em relação aos nossos propósitos e desígnios, podemos aprender a distinguir melhor os factos objetivos das projeções subjetivas e também ver como o nosso envolvimento afeta o curso dos acontecimentos. Aqueles que já não contemplam a ausência de desejos, nem o acordo nem o desacordo com a ausência de desejos, são aqueles que já clarificaram a sua própria mente a este respeito e já não necessitam dessa contemplação; permanecer fixado na noção de “ausência de desejos” passaria então a ser mórbido, produzindo uma sensação de falta de sentido em vez de libertação.

Passado, presente e futuro são quadros de referência relativos. O hoje é o amanhã de ontem, e também o ontem de amanhã — a forma como o vemos depende de pensarmos nas circunstâncias presentes como consequência de eventos passados ou nas possibilidades futuras como resultado das escolhas presentes. Algo que aconteceu no passado pode ainda estar a acontecer hoje, na continuidade de um processo ou na persistência dos seus efeitos; algo que possa acontecer no futuro pode ter um efeito no presente, na forma de preocupação com esperanças e medos e, consequentemente, nos pensamentos e ações. Assim, se pensarmos simplesmente em algo como estando apenas no passado, ou ainda por vir, ou temporariamente presente, podemos ser ineficazes na compreensão da nossa herança viva, para o bem ou para o mal; da nossa situação atual e do que poderíamos ou deveríamos estar a fazer; e da nossa potencialidade e possibilidades no futuro, bem como das consequências reais dos nossos atos presentes.

Embora as “não-contemplações” sejam apresentadas em termos negativos, quando compreendidas pragmaticamente no seu contexto total, e não ideologizadas isoladamente com base no conteúdo das palavras, vê-se que os

objetivos e resultados destes exercícios de visão ostensivamente desconstrutivos são, na verdade, positivos.

2

Os bodhisattva-mahasattvas que praticam a visão perfeita não formam este pensamento: “Estou a praticar a visão perfeita.” Não formam este pensamento: “Não estou a praticar a visão perfeita.” Não formam este pensamento: “Estou e não estou a praticar a visão perfeita.” Não formam este pensamento: “Nem pratico nem deixo de praticar a visão perfeita.” É em virtude do acordo com estes princípios que os bodhisattva-mahasattvas que praticam a visão perfeita se dizem estar de acordo com a visão perfeita.

Comentário

Formar pensamentos como “Estou a praticar a visão perfeita” ou “Não estou a praticar a visão perfeita” bloqueia a visão penetrante, ocupando a mente com autoconsciência. Símiles clássicos do Zen para a visão enfatizam este ponto, descrevendo-a como “o olho que vê mas não se vê a si mesmo, a faca que corta mas não se corta a si mesma.”

3

Quando os bodhisattva-mahasattvas praticam a visão perfeita, não veem bodhisattva-mahasattvas, nem a visão perfeita, nem mesmo estes dois nomes, quer no domínio do criado, quer no domínio do não-criado. Porquê? Porque, quando os bodhisattva-mahasattvas praticam a visão perfeita, não concebem noções sobre nada e não têm pensamento alienado. Quando praticam a visão perfeita, permanecem livres de conceitos.

Comentário

A operação da visão não é o mesmo tipo de atividade mental que a formação de conceitos, mesmo conceitos religiosos ou espirituais. Embora a visão opere de forma intuitiva, numa “frequência” diferente da razão, isso não significa que seja irracional; a visão não é nem razão nem falta de razão, nem pensamento racional nem pensamento alienado. Textos zen falam frequentemente daqueles que, ao não compreenderem este ponto, se tornam tolos ou desviados na crença de que “atingiram a visão” ao abandonarem a razão.

4

Quando os bodhisattva-mahasattvas praticam a visão perfeita, devem estar realisticamente conscientes da definição artificial dos termos e da definição artificial dos fenómenos. Uma vez conscientes da artificialidade dos termos e fenómenos, não se apegam à matéria, à sensação, à cognição, às formações mentais ou à consciência.

Comentário

Esta passagem segue-se à anterior, ilustrando o uso simultâneo dos modos racional e intuitivo de conhecimento. A consciência realista das definições artificiais significa compreensão racional da verdade convencional; a consciência realista da artificialidade significa visão da verdade última. A consciência realista e o não-apego são duas faces da mesma moeda, representando a consciência simultânea da verdade relativa e da verdade absoluta.

5

Todas as coisas não têm existência, porque o sujeito do apego, o objeto do apego, o lugar do apego e o tempo do apego são todos inapreensíveis.

Comentário

Isto não deve ser aceite pela fé como doutrina, mas examinado dentro de si próprio. A inapreensibilidade é realizada como experiência apenas após uma busca mental minuciosa pela essência última de algo em si mesmo. Este é um exercício contemplativo, não um exercício filosófico ou intelectual. Alguns pregadores zen que não sabem lidar com este tipo de material têm, contudo, frequentemente racionalizado a sua evasão e o seu desejo de o manter longe dos discípulos, chamando-lhe filosofia. Isso é um equívoco fundamental sobre a natureza do ensinamento budista e é uma forma de reconhecer um falso roshi.

O ponto é ilustrado na tradição zen por um diálogo entre o Fundador do Zen e o seu principal discípulo. O discípulo disse: “Por favor, pacifica a minha mente.” O Fundador respondeu: “Traz-me a tua mente e eu pacificá-la-ei para ti.” O discípulo disse: “Quando procuro a minha mente, não a consigo encontrar.” O Fundador disse: “Pacifiquei a tua mente para ti.” Ao ouvir isto, o discípulo despertou para a verdade. Para compreender realmente isto, não se pode saltar por declaração doutrinal para a inapreensibilidade do “Não a consigo encontrar” sem ter passado pela prática de “Quando procuro a minha mente.”

6

Quando os bodhisattva-mahasattvas praticam a visão perfeita, não têm apego a nada. Por isso, podem aperfeiçoar as perfeições da caridade, moralidade, tolerância, diligência, meditação, visão, habilidade em meios, compromisso, poder e conhecimento.

Comentário

Não ter apego a nada melhora a caridade, dissolvendo sentimentos vinculativos como orgulho pessoal ou satisfação por ter dado, um sentimento de relutância ou arrependimento ou perda ou incómodo ou despesa associados ao ato de dar, um sentimento de superioridade em relação ao recetor ou um subtil sentido de desprezo por ele. Ao não haver apego a nada, a visão perfeita

desfaz as complicações e contaminações psicológicas que entram em jogo quando o interesse próprio, o orgulho e outras fixações acompanham a prática da caridade.

Não ter apego a nada melhora a moralidade porque então não existe objeto de compulsão. Sem apego a nada, não há obsessão mental que impulsione a agir — não há cobiça que leve à desonestidade, não há ódio que leve à agressão, não há ignorância que leve à imprudência. No Zen clássico, isto chamava-se a disciplina informe do terreno mental; não se baseia em regras em si, mas na clareza transparente da consciência.

Não ter apego a nada melhora a tolerância porque então não há nada de que se ofender, visto que não se está ocupado a defender algum território conceptual, ideológico ou egotista contra as ameaças imaginadas de diferenças e mudanças.

Não ter apego a nada melhora a diligência porque poupa a energia mental que de outra forma seria gasta na manutenção e constante atualização de um inventário mental e de uma ordem conceptual tomada como realidade objetiva, mas que exige um envolvimento subjetivo quase total. Livre da aparente solidez e do peso preocupante de toda essa bagagem, a mente esclarecida e desapegada poupa e, assim, acumula energia muito maior do que a que pode ser gerada por mecanismos motivacionais comuns, como o desejo ou o entusiasmo.

Não ter apego a nada melhora a meditação, libertando a mente dos obstáculos que ela própria cria, como o pensamento circular e o pensamento emocionalizado. A restauração da fluidez original permite ao meditador entrar e sair livremente das faixas mais amplas da consciência humana, normalmente excluídas pelos hábitos mentais convencionais. Para meditadores que cultivam habitualmente certos estados especiais, o não apego torna possível um progresso adicional, permitindo-lhes evitar o tipo de obsessão conhecido como “renascer sob o domínio” de estados meditativos.

Não ter apego a nada melhora a visão, libertando a mente da influência distraidora da sugestão interna, ou do que se chama “o embalo das palavras”, que inclui o poder persuasivo do pensamento conceptual, o processo mental de contar histórias a nós próprios sobre o que pensamos de nós e do mundo tal como supomos que seja. As histórias que contamos a nós próprios baseiam-se, normalmente, em pressupostos não examinados que condicionam a forma como entendemos a nós próprios e as nossas histórias; por isso, o desapego e a visão têm de trabalhar juntos para penetrar as barreiras ocultas do nosso enquadramento mental inconsciente, herdado e adquirido.

Não ter apego melhora a habilidade nos meios, livrando o praticante da noção de que só há uma maneira de realizar a tarefa da iluminação. A visão sem apego permite-nos utilizar as coisas sem sermos utilizados ou cativados por elas. Isto inclui naturalmente as formas religiosas. Quando as observâncias são mantidas após a sua utilidade ter expirado, apenas porque foram herdadas de gerações anteriores e passaram a ser tidas como sagradas, ou quando são copiadas ou imitadas fora do contexto por admiradores que não compreendem e que as transformam em cultos, então essas observâncias não só são fúteis em si, como as obsessões dos que as mantêm religiosamente interferem ou até impedem a descoberta ou revelação e aplicação de outros meios para alcançar os mesmos fins que as observâncias agora caducas ou inaplicáveis pretendiam originalmente atingir.

Não ter apego melhora o compromisso, permitindo ao indivíduo fazer escolhas objetivas sem ser prejudicado por predileções pessoais e realizar empreendimentos altruístas sem ser influenciado pela esperança de lucro ou recompensa pessoais.

Não ter apego melhora o poder, dissolvendo inibições e medos.

Não ter apego melhora o conhecimento, impedindo a mente de transformar os objetos de conhecimento em limites da consciência e desfazendo preconceitos e vaidades intelectuais que limitam a recetividade ao conhecimento ainda desconhecido.

7

Subhuti disse ao Buda: “Honrado pelo Mundo, uma vez que ‘bodhisattva’ e fenómenos como a matéria e outros não podem ser apreendidos, dizer que a matéria e outros fenómenos são, eles próprios, o bodhisattva-mahasattva, ou que o bodhisattva-mahasattva é distinto da matéria e de outros fenómenos; ou dizer que existe um bodhisattva-mahasattva dentro da matéria e de outros fenómenos, ou que a matéria e outros fenómenos existem dentro do bodhisattva-mahasattva, ou que o bodhisattva-mahasattva existe à parte da matéria — tudo isto está incorreto.”

O Buda disse a Subhuti: “Bom, bom! Assim é, assim é. É como dizes, Subhuti. Visto que a matéria e outros fenómenos são inapreensíveis, o bodhisattva-mahasattva também não pode ser apreendido. Porque o bodhisattva-mahasattva, o grande herói cuja essência é a iluminação, não pode ser apreendido, a visão perfeita praticada também não pode ser apreendida.

“Subhuti, quando os bodhisattva-mahasattvas praticam a visão perfeita, devem aprender deste modo.”

Comentário

O buscador da iluminação não deve ser identificado com os componentes materiais e mentais do ser humano, nem deve ser imaginado separado desses componentes materiais e mentais. A identificação produz um tipo de autoconsciência que interfere com a visão; a dissociação provoca a debilitação das faculdades. A visão penetra ambas as barreiras — a da identificação e a da dissociação.

8

Suponhamos que bons homens e boas mulheres expõem a visão perfeita àqueles que puseram o coração na suprema iluminação perfeita, ou expõem a meditação perfeita, ou a diligência perfeita, ou a tolerância perfeita, ou a moralidade perfeita, ou a caridade perfeita, dizendo: “Vem, e eu ensinar-te-ei a praticar a visão perfeita, a meditação perfeita, a diligência perfeita, a tolerância perfeita e a caridade perfeita. Aqueles que praticarem e aprenderem de acordo com o meu ensinamento rapidamente realizarão o veículo dos ouvintes e o estágio da iluminação individual.”

Estes bons homens e boas mulheres estão a usar descrições formais como expedientes, usando possibilidades de realização como expedientes, bem como o conceito de divisões de tempo, para ensinar outros a praticar e aprender a visão perfeita, a meditação, a diligência, a tolerância, a moralidade e a caridade. Isto é, na realidade, pregar imitações das perfeições da visão, da meditação, da diligência, da tolerância, da moralidade e da caridade.

Suponhamos que bons homens e boas mulheres expõem a visão perfeita àqueles que puseram o coração na suprema iluminação perfeita, ou expõem a meditação perfeita, ou a diligência perfeita, ou a tolerância perfeita, ou a moralidade perfeita, ou a caridade perfeita, dizendo: “Vem, e eu ensinar-te-ei a praticar e aprender a visão perfeita, a meditação, a diligência, a tolerância, a moralidade e a caridade. Se praticares e aprenderes de acordo com o meu ensinamento, entrarás rapidamente no desapego que é a verdadeira natureza dos bodhisattvas. Uma vez que entres no desapego que é a verdadeira natureza dos bodhisattvas, alcançarás a tolerância dos bodhisattvas quanto à não-origem. Uma vez que alcances a tolerância dos bodhisattvas quanto à não-origem, alcançarás os poderes espirituais não regressivos dos bodhisattvas.

Uma vez que alcances os poderes espirituais não regressivos dos bodhisattvas, então poderás percorrer todos os campos de buda nas dez direções, indo de uma terra de buda a outra para apoiar, reverenciar, honrar e louvar todos os Realizados, os Dignos, os Verdadeiramente Iluminados. Desta forma, alcançarás rapidamente a suprema iluminação perfeita.” Estes bons homens e boas mulheres estão a usar descrições formais como expedientes, usando possibilidades de realização como expedientes, bem como a noção de pontos no tempo, para ensinar outros a praticar e aprender as perfeições da

visão, da meditação, da diligência, da tolerância, da moralidade e da caridade. Isto é, na realidade, ensinar imitações das perfeições da visão, da meditação, da diligência, da tolerância, da moralidade e da caridade.

Comentário

O ponto-chave aqui é a limitação inerente a tentar ensinar perfeições transcendentes através de descrições formais, possibilidades de realização e noções de pontos fixos no tempo. As desvantagens desta abordagem incluem as diferenças de compreensão das descrições formais, a tendência para confundir a absorção de descrições formais com a aquisição de conhecimento, o apelo das perspetivas de realização para os elementos gananciosos e agressivos da personalidade mundana e as deficiências de uma perceção fixa ou escala de tempo que não consegue acomodar a compreensão de fenómenos como eventos não sequenciais, movimento retrógrado e diferenças no tempo biológico e psicológico. As perfeições, quando pregadas de forma dogmática ou doutrinária, são chamadas de imitações porque não se baseiam nas realidades da vida tal como ela é, mas nos protocolos da conceptualização e do pensamento desejoso.

9

Suponhamos que bons homens e boas mulheres expõem a visão perfeita àqueles que colocaram o coração na suprema iluminação perfeita, ou expõem a meditação perfeita, ou a diligência perfeita, ou a tolerância perfeita, ou a moralidade perfeita, ou a caridade perfeita, dizendo: “Vem, e eu ensinar-te-ei a praticar e aprender a visão perfeita, a meditação perfeita, a diligência perfeita, a tolerância perfeita, a moralidade perfeita e a caridade perfeita. Enquanto estiveres a praticar e a aprender, não consideres que estes princípios têm algo em que se possa permanecer, transcender, penetrar, alcançar, realizar, aceitar e manter, ou quaisquer virtudes a obter, a alegrar-se por ou a dedicar à iluminação.

Porquê? Estas perfeições, da visão à caridade, no fundo não contêm nada em que se possa permanecer, transcender, alcançar, realizar, aceitar e manter, ou quaisquer virtudes a obter, a alegrar-se por ou a dedicar à iluminação. Porquê? Porque tudo é inerentemente vazio, sem existência. Se não têm existência, então estas são perfeições, da visão à caridade; nestas perfeições, da visão à caridade, nada pode ser apreendido que tenha entrada ou saída, origem ou destruição, aniquilação ou permanência, unidade ou variedade, ida ou vinda.” Se bons homens e boas mulheres explicarem desta forma, estão a expor as verdadeiras perfeições da visão, meditação, diligência, tolerância, moralidade e caridade.

Portanto, bons homens e boas mulheres devem usar a inapreensibilidade como método expedito para a perfeição da visão; lembrando-a e reiterando-a, refletindo sobre ela logicamente, devem usar todos os tipos de recursos

literários hábeis e subtis para a expor aos outros, estabelecendo e ampliando, clarificando e interpretando, analisando o significado e a importância, facilitando a sua compreensão.

Comentário

O clássico zen Registo do Penhasco Azul diz que os verdadeiros mestres zen não prendem as pessoas com doutrinas como se fossem coisas reais. Num ensaio sobre a visão perfeita, o mestre zen Dogen escreve que todos os ensinamentos budistas são “recursos do nada”, ecoando esta instrução escriturária de que os ensinamentos práticos não devem ser transformados em objetos de apego e obsessão, mas sim ferramentas para um propósito superior.

10

Shariputra disse ao Buda: “A visão perfeita nem aumenta nem diminui o todo-conhecimento.”

O Buda disse: “Isso é correto, por causa da pureza última.”

Shariputra perguntou: “Como é que a visão perfeita nem aumenta nem diminui o todo-conhecimento?”

O Buda respondeu: “Porque o domínio da realidade é permanente, a visão perfeita nem aumenta nem diminui o todo-conhecimento.”

Comentário

A visão perfeita não aumenta o todo-conhecimento porque não é, em si, um elemento ou objeto de conhecimento. A visão perfeita não diminui o todo-conhecimento porque não apaga as características das coisas.

11

Shariputra disse: “A visão perfeita pura não tem fixações em nada.”

O Buda disse: “Isso é correto, por causa da pureza última.”

Shariputra perguntou: “Como é que a visão perfeita pura não tem fixações em nada?”
O Buda respondeu: “Porque o domínio da realidade é imutável, portanto a visão perfeita pura não tem fixações em nada.”

O domínio imutável da realidade é omnipresente, intuído pela visão pura sem fixar a atenção em diferenciações das coisas.

12

Shariputra disse ao Buda: “Honrado pelo Mundo, porque o eu é puro, o todo-conhecimento é puro.”

O Buda disse: “Assim é, por causa da pureza última.”

Shariputra perguntou: “Honrado pelo Mundo, com que base dizes que o eu é puro, por isso o todo-conhecimento é puro, e que isto é a pureza última?”

O Buda respondeu: “O eu não tem aparência, nem realização, nem pensamento, nem conhecimento, por isso o todo-conhecimento não tem aparência, nem realização, nem pensamento, nem conhecimento; esta é a pureza última.”

O Mahaparinirvana-sutra identifica o verdadeiro eu com a natureza de buda. Representada como o ensinamento final do Buda, esta escritura diz que a natureza de buda é o eu permanente, venturoso e puro.

Shariputra disse: “Honrado pelo Mundo, a não-dualidade é pura e não tem realização nem visão.”

13

O Buda disse: “Isso é correto, por causa da pureza última.”

Shariputra perguntou: “Com que base dizes que a pureza da não-dualidade, sem realização ou visão, é a pureza última?”

O Buda respondeu: “Não há nem impureza nem purificação, portanto é pura em última instância.”

Comentário

A não-dualidade do absoluto e do relativo, resumida na vacuidade última de todas as coisas condicionadas, significa que os sentimentos e conceitos de impureza e pureza com que vemos as coisas são projetados sobre elas pelas perspetivas e pressupostos das nossas próprias mentes condicionadas, de acordo com os nossos contextos culturais e familiares e com os padrões adquiridos de reações habituais à experiência acumulada.

Um exemplo geral deste princípio é refletido num provérbio citado anteriormente, segundo o qual, para alguém obcecado emocionalmente com o budismo, na realidade os ensinamentos budistas são, de facto, coisas mundanas; enquanto que, para alguém que não esteja obcecado emocionalmente com as coisas mundanas, as coisas do mundo são, de facto, ensinamentos iluminadores. Qual é pura, qual é impura? Nem o budismo nem o mundo são puros ou impuros em si; é a forma como pensamos sobre eles e lidamos com eles que cria as noções de pureza e impureza, tal como são experienciadas e definidas relativamente uma à outra.

O Buda disse: “O conhecimento das características do Caminho é realizado com base na vacuidade última, na vacuidade ilimitada.”

13

Subhuti disse: “Honrado pelo Mundo, se os bodhisattva-mahasattvas praticam a visão perfeita, não permanecem nesta margem, nem permanecem na outra margem, nem permanecem a meio do rio. É assim que a visão perfeita dos bodhisattva-mahasattvas é pura em última instância.”

O Buda disse: “O conhecimento das características do Caminho é realizado com base na igualdade da natureza das coisas do passado, presente e futuro.”

Comentário

Não permanecer nesta margem significa que a mente não se fixa nas coisas. Não permanecer na outra margem significa que a mente não permanece no nirvana em quietude. Não permanecer a meio do rio significa que a mente não se deixa cativar pelo próprio processo.

A igualdade da natureza das coisas do passado, presente e futuro refere-se à sua relatividade e vacuidade de absoluto. Isto implica maleabilidade no plano relativo da existência condicionada, que inclui as possibilidades tanto de construção como de desconstrução, tanto do concreto como do abstrato. É com base na realização desta natureza que se transcende o mundo (“esta margem”) para alcançar o nirvana (“a outra margem”); e é também com esta base que se transcende o nirvana para reentrar deliberadamente no mundo.

Se alguém acreditasse interiormente que o tempo segue apenas numa direção e que as coisas são entidades inerentemente existentes em quadros fixos de tempo, então teria medo subconsciente de largar temporariamente o mundo mentalmente, mesmo que tivesse a ideia de que isso poderia ser feito para um propósito benéfico. Este fenómeno psicológico é mencionado nos sutras sobre a perfeita sabedoria e nos registos dos antigos mestres zen, que lhe chamavam medo de cair no vazio ou no abismo. A visão perfeita abre o caminho para a verdadeira libertação, penetrando esta barreira oculta com plena consciência.

14

Subhuti disse a Buda: «Venerado do Mundo, se bons homens e boas mulheres no veículo da bodisatvidade não têm habilidade em meios expedientes, concebem imagens mentais da perfeita visão. Por utilizarem a possibilidade de realização como um meio, abandonam a mais profunda perfeita visão e dela se alienam.» O Buda disse: «Bravo, bravo! Assim é, assim é! É como dizes. Esses bons homens e boas mulheres relacionam-se com esta perfeita visão através da fixação em rótulos e definições; assim, rejeitam-na e dela se afastam.» Subhuti perguntou: «Como é que esses bons homens e boas mulheres se fixam em rótulos e definições desta perfeita visão?»

O Buda respondeu: «Esses bons homens e boas mulheres agarram-se a rótulos e definições desta perfeita visão. Uma vez que se agarram a rótulos e definições, tornam-se obcecados com a “perfeita visão” e não conseguem de facto experienciar a visão da realidade. Portanto, esse tipo abandona a mais profunda perfeita visão e dela se aliena.»

Comentário

Esta é uma das provas mais explícitas de visão. Alguns dos textos de visão mais abreviados usam fórmulas arcanas como “X não é X” ou “não há X em X”, e, como resultado, têm sido considerados paradoxais. Esta ilustração de alienação da verdadeira espiritualidade pela fixação em imagens e ideias pode ser uma das lições mais úteis dos ensinamentos de visão para aqueles que preferem realidades a formalidades.

15

O Buda disse: «Se bons homens e boas mulheres no veículo da bodisatvidade não têm habilidade em meios, agarram-se a rótulos e agarram-se a definições desta perfeita visão; uma vez que se agarram a rótulos e definições, presumem ter perfeita visão e tornam-se vaidosos, pelo que não conseguem de facto experienciar a visão da realidade. Deste modo, esse tipo afasta-se da mais profunda perfeita visão.»

Comentário

Quando alguns mestres zen da antiguidade desvalorizaram as doutrinas do budismo, fizeram-no em ambientes onde estas doutrinas já eram conhecidas mas usadas convencionalmente como moeda de troca, por assim dizer, para posições, cargos, honrarias e poderes. Seguidores posteriores que os imitaram nessa desvalorização do estudo, sem possuírem o conhecimento para começar, também degeneraram nas suas meditações, porque lhes faltava a orientação das escrituras. Vaidade devido ao conhecimento e vaidade devido à ignorância são ambas vaidade; é isso que causa alienação da visão.

16

O Buda disse: «Se bons homens e boas mulheres no veículo da bodisatvidade têm habilidade em meios, utilizam a não-apreensibilidade como meio; não se agarram a rótulos nem a definições desta perfeita visão e não se tornam obcecados nem vaidosos. Assim, conseguem de facto experienciar a visão da realidade.»

Comentário

“Utilizam a não-apreensibilidade como meio” enfatiza o ponto-chave de que isto não é uma doutrina ou teoria, mas um meio, aquilo a que no zen se chama shinjutsu, ou técnica mental. Muitas vezes isto é recordado através da história

do Fundador do Zen citada anteriormente, com a frase operativa: “Quando procuro a minha mente, não a consigo encontrar.”

ESCRITURA SOBRE A PERFEITA VISÃO

As Perguntas de Suvikrantavikramin

1

A perfeita visão não é suscetível de verbalização em termos de qualquer princípio ou fenómeno. A perfeita visão está para além de toda a expressão verbal. Da perfeita visão não se pode dizer: “A perfeita visão é por meio daquilo” ou “A perfeita visão vem daquilo”. Nem sequer a visão é obtida ou adquirida, então como poderia a perfeita visão ser adquirida? A visão não tem conhecimento de todos os fenómenos e não tem reconhecimento de todos os fenómenos; por isso é chamada visão. Como é que a visão não tem reconhecimento de todas as coisas? Todas as coisas são faladas de uma forma ou de outra, mas todas as coisas não estão separadas da expressão verbal. Aquilo que não tem conhecimento nem reconhecimento de todas as coisas, as palavras não podem expressar, exceto como as pessoas entendem, razão pela qual é chamado visão. Isto chama-se representação, por isso é chamada visão.

Comentário

A Escritura sobre o Desvendar dos Mistérios diz: «Os sábios, com o seu conhecimento e visão, desprendem-se de nomes e palavras e, assim, atualizam a iluminação.» Desprender-se de nomes e palavras não significa ignorá-los ou não compreendê-los, mas vê-los através, entendendo que as descrições verbais são representações, não a essência das coisas em si. A capacidade de se desprender das palavras implica a capacidade de se desprender de processos mentais verbalizados, ou de processos mentais que usam verbalização interna, aqui referidos como “conhecimento” e “reconhecimento” nos seus sentidos convencionais.

2

As coisas não são suscetíveis de representação, de estabelecimento, de expressão ou de visão. Estar sem reconhecimento é chamado ter ausência de reconhecimento. A visão não é nem sem conhecimento nem não sem conhecimento, nem é conhecimento ignorante; assim é chamada visão.

Comentário

As coisas não são suscetíveis de representação, estabelecimento, expressão ou visão, na medida em que todas essas operações se baseiam em dados

sensoriais e na organização e interpretação percetiva e conceptual desses dados.

Objetivamente, os “dados”, na medida em que deles temos consciência, consistem em acontecimentos no nosso sistema nervoso e não são exatamente a mesma coisa que aquilo que mentalmente tomamos como sendo a sua representação. É isto que se quer dizer com o ditado zen de que os sentidos e os objetos fundamentalmente não entram em contacto. Quando a escritura diz que a visão não é reconhecimento ou conhecimento, isso significa que a visão não é o reconhecimento conceptual de interpretações de dados sensoriais como se isso fosse conhecimento dos objetos assim representados.

3

Isto não é o domínio do conhecimento nem da ignorância; não é um objeto da ignorância nem do conhecimento. Pois o conhecimento não tem objeto; se houvesse um objeto da ignorância, seria ignorância. Não há conhecimento a partir da ignorância nem ignorância a partir do conhecimento; nem é o conhecimento ignorância nem a ignorância conhecimento.

Comentário

Nem conhecimento nem ignorância significa que não se está a prender mentalmente às coisas nem a dizer a si mesmo que a água é molhada, mas também não se está a ignorar as coisas nem a dizer a si mesmo que o fogo é frio. Isto também é descrito como não ter noções conceptuais de nada e não ter pensamento alienado. O conhecimento não tem objeto, na medida em que a sua matéria-prima são dados sensoriais, não o objeto em si, tal como é representado pela forma como a mente interpreta esses dados.

Se um objeto de ignorância fosse conhecido, isso não seria ignorância mas conhecimento. Ignorância e conhecimento, nos seus sentidos mais profundos, não produzem um ao outro, pois não podem coexistir. O conhecimento não é assim chamado por causa da ignorância, nem é chamado conhecimento por causa do próprio conhecimento. O conhecimento é assim designado em referência à ignorância, mas não há ignorância nele a que se possa apontar e dizer: “Este é aquele conhecimento, esse conhecimento diz respeito a isto, esse conhecimento é por este meio.”

Assim, esse conhecimento não está lá como conhecimento, nem existe como entidade; a qualidade de “conhecer” desse conhecimento não é encontrada, nem esse conhecimento se funda em algo. Nem a ignorância é referida como conhecimento. O conhecimento não é chamado conhecimento em referência a algo de que possa ser ignorante, e não é chamado conhecimento por causa de um conteúdo particular.

Noutro sentido, o conhecimento é chamado conhecimento em contraste com a ignorância, mas qualquer ignorância em referência à qual o conhecimento seria

definido não pode ser encontrada no próprio conhecimento. Como este tipo de conhecimento não existe como conhecimento em si mesmo, nem como entidade ou coisa, não é da mesma natureza que o conhecimento convencional entendido como um corpo de aprendizagem, como o conhecimento académico. O facto de este conhecimento não estar presente como conhecimento ou como entidade significa que ninguém pode ser possessivo em relação a ele, atribuí-lo a si mesmo ou dele se orgulhar.

4

Se a ignorância fosse chamada conhecimento, então todas as criaturas ignorantes seriam conhecedoras. Mas a consciência perfeita do conhecimento e da ignorância tal como são, sem agarrar nem o conhecimento nem a ignorância — isso é chamado conhecimento.

Comentário

Falando no plano relativo, Confúcio exprimiu isto em termos simples quando disse a um discípulo: «Queres que te ensine a saber algo? Reconhece que sabes quando sabes e reconhece que não sabes quando não sabes.» Contudo, esse conhecimento não é como é falado. Porquê? O conhecimento não pode ser verbalizado, nem é objeto de alguém, pois o conhecimento transcende todos os objetos.

Nem é o conhecimento um objeto — esta é a exposição do conhecimento. Em termos budistas, o conhecimento que é a consciência perfeita não-apreensora do conhecimento e da ignorância tal como são não é um dos elementos do conhecimento convencional, mas uma visão que tudo permeia e que não é subsumida ou definida por qualquer categoria de experiência sensorial ou conhecimento intelectual.

5

A compreensão clara diretamente realizada por perceção intuitiva é chamada visão transmundana; contudo, não é visão transmundana como é falada. Porquê? Nem sequer o mundo é apreendido, quanto mais a visão para além do mundo. Como poderia então haver alguém que transcenda o mundo através da visão transmundana? Porquê? Não apreende o mundo, por isso não causa a transcendência de nada; assim é chamada visão transcendente.

Quanto ao “mundo”, isto é chamado representação, e uma representação não está para além do mundo. Aquilo que está totalmente para além de toda a representação é chamado transmundano. O transmundano, além disso, não é salvífico; o transmundano é não-salvífico. Porquê? Nada é encontrado aí para ser salvo, ou por meio do qual ser salvo — é por isso que é chamado transmundano. Pois o mundano não pode ser encontrado no transmundano, nem o transmundano — sendo o supremo do supremo, é por isso chamado transmundano. Isto é chamado exposição da visão transmundana, mas não é

“visão transmundana” como é falada. Porquê? Porque o que é transmundano não pode ser verbalizado; é transcendental. Não há aí nada mais a transcender — por isso é chamada visão transmundana.

Comentário

O mantra da perfeita visão é “Ido, ido, ido para além, totalmente ido para além — iluminação!” Esta é uma condensação do ensinamento aqui apresentado sobre a visão transmundana, anteriormente condensado como “não permanecer nesta margem, não permanecer na outra margem, não permanecer no meio do rio.”

6

Como pode a visão penetrante ser penetrada? Não há nela nada para ser penetrado. Se houvesse algo a penetrar, seria representado como “a visão penetra”. Não há penetração por qualquer coisa, nem há transcendência de qualquer coisa que pudesse ser penetrada. Em “penetra” nada penetra, e nada é penetrado; por isso é “penetrante”. Não há nela nada que atinja o fim, o meio ou o entretanto — por isso é “penetrante”. O penetrar penetrante é chamado visão. Penetra sem correr em direção a algo, atravessar algo ou chegar a algo; assim é chamado penetrante. O que é que a visão penetrante penetra? Penetra qualquer e toda a experiência. Como penetra? Penetra através da visão. O que significa penetrar através da visão? Penetra [as experiências] como definição representacional. Tudo o que é definição representacional é indefinido. Quem penetra com a visão de que “a definição representacional é indefinida” penetra o mundano.

Comentário

Quando percebemos que a forma como experienciamos as coisas está misturada com as nossas próprias interpretações e com as nossas reações a essas interpretações, aprendemos a abster-nos de tomar as nossas representações como realidades inevitáveis, reduzindo assim a nossa suscetibilidade à compulsão e à obsessão. Na calma e estabilidade que esta visão produz, conseguimos distinguir entre projeções subjetivas e verdades objetivas.

7

Como é que alguém acede a isso? Percebe que o mundano é imaterial. Não penetra qualquer elemento aqui presente, e assim percebe que o mundano é imaterial. Aquele por quem o mundano foi penetrado é dito estar imbuído de visão penetrante.

Comentário

Perceber que o mundano é imaterial não significa que alguém possa atravessar paredes, embora imagens como essa sejam, de facto, ocasionalmente usadas

como metáforas para esta visão. O mundano é imaterial porque “o mundo” tal como o “conhecemos” é uma representação.

As nossas mentes agarram-se a essa representação de forma tão firme que ela parece sólida e real; é isso que a torna “mundana”. Aprender a largar a representação é um caminho para testemunhar diretamente a talidade, a realidade objetiva para a qual não há descrição. Largar não significa destruir a representação, pois a faculdade de representar é uma ferramenta útil e necessária para navegar no infinito. Depois de deixar o mundo, o budista regressa, não permanecendo nem nesta margem nem na margem oposta. Danificar ou destruir o nosso poder de representar em nome do desapego privar-nos-ia de capacidades no caminho; acabaríamos então por nos afogar a meio, por assim dizer.

A desconstrução destrutiva não é realmente desapego, porque pressupõe demasiada realidade na representação desde o início; é por isso que se diz no budismo que a desconstrução não destrói nada. É compreendendo a representação pelo que ela é que se alcança o desapego, de modo a que a representação não seja confundida com a realidade absoluta. Então, a representação é restaurada ao seu devido lugar como ferramenta, em vez de se tornar numa prisão da mente.

8

Como é que alguém está imbuído de visão penetrante? Não há nada mau para penetrar; percebe-se que tudo é bom e transcende-se através da visão penetrante. Aquele que penetra tudo o que vê, ouve, cheira, prova, sente ou reconhece está imbuído desta visão penetrante. Como é que se penetra? Em termos de impermanência, dor, doença, nocividade, vacuidade, dano, stress, alteridade, destrutibilidade, inconstância, perecibilidade, ausência de eu, não-origem, não-destruição, ausência de sinais. Isto chama-se ter-se tornado fresco, liberto da dor. Tal como um tipo de medicamento chamado visalya remove e destrói todos os espinhos onde quer que seja aplicado, assim um mendicante imbuído dessas verdades, livre da dor, fresco, imbuído de visão penetrante, permanece no extremo último da existência rotineira, desapegado de tudo o que é mundano e para além do laço da morbidez.

Comentário

Como é que algo pode ser, ao mesmo tempo, vazio e doloroso? Se as coisas não existem realmente em si mesmas, como podem ser chamadas nocivas? Se tudo é bom e nada é mau, como é que algo pode ser chamado prejudicial? Como é que a dor, a nocividade ou o prejuízo são compatíveis com a não-origem ou a ausência de sinais? A resposta a estes aparentes paradoxos está em distinguir a natureza particular das coisas em discussão — a natureza imaginária ou inexistente, a natureza relativa ou a natureza absoluta.

A dor, o stress e outros atributos negativos de tudo referem-se às nossas experiências conflituosas das coisas tal como as imaginamos e como a elas reagimos emocionalmente. A vacuidade, a não-origem e a ausência de sinais das coisas referem-se à sua inocência essencial face às nossas representações subjetivas.

9

Onde quer que um diamante seja lançado para quebrar algo, ele quebra. A concentração semelhante a um diamante é assim: mantida pela visão penetrante, onde quer que se aplique, onde quer que opere, tudo é penetrado. Estar imbuído dessa visão penetrante, transcendente ao mundo, alcançando o verdadeiro fim do sofrimento, chama-se conhecimento triplo inalterado. Conhecimento é um termo para a cessação da ignorância. A compreensão da ignorância significa a cessação do conjunto do sofrimento. Suponhamos que há um médico instruído, inteligente, habilidoso e reflexivo, versado no uso de todos os medicamentos, versado nas origens de todas as doenças, um aliviador de todo o sofrimento.

Qualquer doença que trate, ele alivia. Porquê? Porque está tão bem versado no uso de todos os medicamentos, tão bem versado nas origens de todas as doenças, um aliviador de todas as doenças. De forma semelhante, o terceiro conhecimento é conducente à cessação de toda a ignorância, à libertação de todo o sofrimento e à cessação de todo o conjunto de sofrimento e depressão oriundo da mágoa e lamentação pela velhice e morte. Isto chama-se visão transcendente que atinge a penetração.

Comentário

O conhecimento triplo refere-se a três tipos de conhecimento absoluto. Primeiro, o conhecimento geral de tudo — visão sobre a vacuidade de todas as coisas. Segundo, o conhecimento dos modos do caminho — visão sobre as várias formas pelas quais a iluminação pode ser realizada. Terceiro, o conhecimento de todos os tipos — visão sobre as características gerais e específicas das coisas. Estes também são referidos como conhecimento da vacuidade, conhecimento do condicional e conhecimento do caminho do meio ou via do equilíbrio central. O terceiro conhecimento está simultaneamente consciente do absoluto e do relativo.

10

Suprema é a visão que atinge a penetração do mundo, pela qual se sabe com precisão o fim do devir e do nascimento. A que se refere “cessação do devir e do nascimento”? Refere-se à penetração da origem e da extinção. Como é que a origem e a extinção são penetradas? Tudo o que é composto desaparece — assim a origem e a extinção são penetradas. Composição significa produção,

extinção significa desaparecimento. Contudo, não é origem e extinção tal como é falado. Tudo o que é composto não é uma realidade efetiva em si mesmo.

Comentário

Perceber que tudo o que é composto inevitavelmente desaparece é compreender a vacuidade através da impermanência. Perceber que uma coisa composta não é uma realidade efetiva em si mesma é compreender a vacuidade essencial. Estas visões são cultivadas para fomentar o desapego e libertar a mente de fixações e compulsões habituais.

11

"Penetração" significa compreensão da ocorrência interdependente. Tudo o que ocorre dependente de algo, sendo dependente de outra coisa, não pode ser encontrado como existindo em si mesmo. Isto chama-se penetração da ocorrência interdependente. Isto é compreender a ocorrência interdependente tal como realmente é, como não-originada. Pois a ocorrência interdependente é não-produzida; sendo o mesmo que não-origem, é, pois, chamada ocorrência interdependente. Onde não há produção, como poderia haver destruição?

A consciência da ocorrência interdependente é extinção sem destruição. A não-produção é chamada ocorrência interdependente. Aquilo que não tem produção não tem origem; aquilo que não tem origem não é passado, futuro nem presente; não pode ser encontrado com qualquer destruição. Isto chama-se conhecimento da não-produção. Quem conhece a não-origem não cria mais, mas também não experiencia extinção. Quem não cria não destrói, sabendo intuitivamente que a realidade da origem é extinção. Quem cria mas reconhece, vê, compreende e percebe todas as coisas como extintas é, por isso, dito ter experienciado a extinção.

Comentário

O grande mestre Nagarjuna escreveu: «A ocorrência interdependente é vacuidade.» Também escreveu: «Não se pode encontrar nenhuma coisa que não tenha ocorrido de forma dependente; portanto, não se pode encontrar nenhuma coisa que não seja vazia.» Também escreveu: «Samsara não é diferente do nirvana; o nirvana não é diferente do samsara.»

12

Conhecimento terminal significa que a ignorância foi terminada. Porque a ignorância foi terminada, chama-se a isto conhecimento terminal. Como é que é terminada? É terminada em termos de interminabilidade — não se vê fim para ela. A cessação da ignorância é chamada conhecimento terminal. A terminação da ignorância é chamada conhecimento terminal porque é a compreensão perfeita da ignorância; contudo, a ignorância não é nem

terminada nem não terminada, mas o seu desaparecimento será conhecido, e por isso se chama conhecimento terminal.

Comentário

Conhecimento, neste sentido, não é definido como um corpo de saber, mas como a terminação da ignorância. Isso não significa que a ignorância seja colocada como um estado objetivo ou como objeto de intenção e depois terminada, mas sim que a dissolução da ignorância é registada na consciência. O mestre zen Dogen escreveu: «Basta cavar o lago, não te preocupes com a lua; quando o lago estiver completo, a lua estará naturalmente refletida nele.» Cavar o lago corresponde à cessação da ignorância; o reflexo espontâneo da lua na água do lago, quando ele está feito, representa a manifestação do conhecimento.

13

Compreender a ignorância tal como ela é realmente é chamado cessação. Nada mais é apreendido; isto é chamado cessação da ignorância. Nem sequer o conhecimento é apreendido, quanto mais a ignorância; assim é chamado conhecimento terminal, mas não é como se diz. Para qualquer pessoa com conhecimento terminal não há uso convencional, mas isto é expresso como a terminação da ignorância, ou conhecimento terminal.

Comentário

Ao propor a libertação dos conflitos e aflições psicológicas, o budismo não pode ser considerado escapista no sentido comum da palavra, porque ensina a cessação da ignorância pela sua compreensão. Este é o significado de penetração.

14

Quem conhece todas as coisas através do exame do conhecimento infinito e finito vai para além do conhecimento finito e alcança o limite do infinito. O limite do infinito é o limite do nirvana, embora não seja como se diz. O nirvana é inexprimível, separado de todo o uso convencional. Isto é uma expressão do reino do nirvana; contudo, não é como expresso, pois o reino do nirvana é inexprimível, para além de qualquer expressão. O reino do nirvana está separado de toda a expressão.

Comentário

Nagarjuna escreveu: «A verdade absoluta não pode ser expressa sem recorrer ao uso convencional; o nirvana não pode ser alcançado sem chegar à verdade absoluta.» E também: «O que é não-relativo e não-apreensor é ensinado como nirvana.»

15

A perfeita visão não tem “esta margem” nem “a outra margem”. Se qualquer margem próxima ou margem distante pudesse ser encontrada na perfeita visão, o Buda ensinaria a margem próxima ou distante da perfeita visão; mas, como nenhuma margem próxima da perfeita visão é encontrada, a sua “outra margem” não é apontada.

Comentário

A distinção entre “esta margem” e “a outra margem” é, em si mesma, uma visão a partir de “esta margem”, uma barreira à penetração criada pela fixação em conceitos e imagens.

16

Mas a perfeita visão é a outra margem de todas as coisas, do conhecimento e das obras. É por isso que é chamada perfeita visão; contudo, não é como se diz. Pois a perfeita visão não é alcançada por palavras nem por atos; a perfeita visão é inexprimível. É o reconhecimento de todas as coisas, embora o reconhecimento seja contraditório. Porquê? Aqui nada é reconhecido nem penetrado, pois a iluminação é a igualdade de reconhecimento e penetração; é chamada iluminação devido ao reconhecimento de todas as coisas.

Comentário

A perfeita visão não é alcançada por palavras nem por atos porque não é um conhecimento conceptual ou intelectual que possa ser transmitido por fala ou escrita, e não há forma de comportamento cujas intenções ou interpretações convencionais tenham ligação necessária à perfeita visão. Duas pessoas podem parecer estar a dizer e a fazer as mesmas coisas, mas as suas perspetivas e propósitos podem ser muito diferentes; uma pode agir a partir de uma visão independente, outra por imitação de aparências. Não se pode saber qual é qual sem ter visão própria.

17

Como é que a iluminação é o reconhecimento de todas as coisas? Não há iluminação aqui, nem qualquer reconhecimento. Porquê? Se a iluminação fosse encontrada, a iluminação seria encontrada na iluminação. Mas a iluminação não é encontrada na iluminação; isto é realizado como iluminação. É chamada reconhecimento devido à não-reconhecimento e não-penetração, mas não é como se diz. Pois todas as coisas são não-reconhecidas e não-penetradas; nada existe em si mesmo.

Assim, isto é chamado iluminação por virtude deste reconhecimento. A iluminação não é obtida pelo Buda, nem é representada pelo Buda. A iluminação não pode ser representada nem ensinada. A iluminação não é determinada nem produzida pelo Buda, pois a iluminação não é determinada

nem produzida. E a iluminação não é domínio de ninguém, e não há ser nem representação de ser na iluminação. Onde não há ser nem representação de ser, como pode dizer-se: “Este é um ser iluminador” ou “Esta é a perfeita visão de um ser iluminador”?

Comentário

A representação não é o mesmo que a realidade; nesse sentido, as coisas são não-reconhecidas e não-penetradas, pois o reconhecimento e a penetração são do reconhecimento e penetração da representação, e não das coisas em si. As coisas não existem em si mesmas, e por isso não podem ser apreendidas; o que reconhecemos são reflexos de representações. A iluminação, por virtude deste reconhecimento, não pode, portanto, ser considerada uma coisa em si, nem mesmo um estado mental ou um domínio de compreensão, porque penetra todas as representações, mesmo as representações de iluminação.

18

Não há iluminação na iluminação e não há ser na iluminação. Pois esta iluminação é transcendente; esta iluminação é não-produzida; esta iluminação é não-originada; esta iluminação não tem aparência externa. Nenhum ser é encontrado ou apreendido nela. A iluminação não é representada em termos de ser, pois o reconhecimento de que não há ser é chamado iluminação. Quem sabe que a iluminação é isenta de ser é chamado bodisatva ou ser iluminador.

Porquê? Um bodisatva não é revelado pelo conceito de ser; é por não produzir um conceito de ser que alguém é chamado bodisatva. Contudo, não é como se diz. Porquê? Um bodisatva é inexprimível em palavras, pois um bodisatva está desapegado da essência inerente de um ser, assim como a iluminação está desapegada de todas as conceções. Qualquer pessoa a quem esta iluminação seja conhecida é chamada bodisatva. A iluminação está desapegada de todas as conceções, incluindo a conceção de desapego.

19

O que significa que a iluminação é conhecida? Esta iluminação é transcendente, e esta iluminação não pode ser fabricada, pois esta iluminação é não-originada e não-perecível. A iluminação não representa a iluminação; de facto, a iluminação não é suscetível de representação. O irrepresentável, o incomunicável, o não-produzível é chamado iluminação.

Comentário

Dizer que a iluminação não pode ser fabricada, representada, comunicada ou produzida significa que não é a manutenção de um sistema particular de crenças nem o cultivo de um estado mental específico.

20

Aquele que percebe e conhece sem imaginação fantasiosa, tendo-se libertado da imaginação, é por isso chamado bodisatva ou ser iluminador, mas não é como se diz. Como assim? Por causa da ausência de ser. Se um ser iluminador pudesse ser apreendido, a iluminação seria obtida — “Isto é iluminação, aquilo é um ser.” Mas um bodisatva é assim chamado por reconhecer os seres como não-seres e isentos de ser. Um bodisatva ou ser iluminador é assim chamado por causa da ausência de ser, por não desenvolver a noção de ser.

O reino dos seres refere-se à não-existência de ser, pois nenhum ser é encontrado num ser; é o reino dos seres por causa desse não-ser-encontrado. Se houvesse um ser num ser, não seria chamado reino dos seres. A manifestação de nenhum reino é chamada reino dos seres, porque o reino dos seres é um não-reino. Se houvesse um reino dos seres no reino dos seres, haveria a vida e o corpo. Então haveria um reino distinto do reino dos seres, pois o reino dos seres é isento de reino. “Reino” é uma expressão convencional, mas não há reino que se encontre no reino dos seres, nem o reino dos seres se encontra noutro reino dos seres, pois todas as coisas são isentas de reino.

Comentário

Perceber e conhecer sem imaginação fantasiosa não gera um sentido de si próprio como alguém que está a perceber e a conhecer, nem uma noção de perceção e conhecimento, nem um conceito de ausência de imaginação fantasiosa.

21

Não se encontra nem falta nem plenitude no reino dos seres. Porquê? Por causa da ausência de ser do reino dos seres, por causa da desconexão do reino dos seres. Tal como não se encontra nem falta nem plenitude no reino dos seres, também não se encontra falta nem plenitude em todas as coisas, pois não há realidade absoluta em todas as coisas em função da qual pudesse haver falta ou plenitude. O reconhecimento de todas as coisas como tal é chamado reconhecimento de todas as coisas.

Comentário

O Terceiro Grande Mestre do Zen escreveu: «Se não conheces a verdade oculta, trabalhas em vão para acalmar o pensamento. É completa como o próprio espaço, sem falta nem excesso. É por causa de agarrar e rejeitar que não és assim.» (Zen Instantâneo).

22

Assim como não se encontra falta nem plenitude no reino dos seres, também não se encontra falta nem plenitude em todas as coisas. A não-falta e não-plenitude de todas as coisas, que se deve ao facto de não possuírem realidade absoluta, é, em si, a não-falta e não-plenitude dos elementos da budeidade. Assim, a não-falta e não-plenitude dos elementos da budeidade provém do reconhecimento de todas as coisas. Por causa da não-falta e não-plenitude de todas as coisas, chamam-se a isso elementos da iluminação.

Assim, isso refere-se aos elementos da budeidade, pois os elementos da budeidade não podem ser diminuídos nem preenchidos por nada. Porquê? Porque é reconhecimento de todas as coisas, e no reconhecimento de todas as coisas não há falta nem plenitude de nada. “Todas as coisas” refere-se ao cosmos elementar, e não há falta nem plenitude no cosmos elementar. Porquê? O cosmos elementar é infinito.

Comentário

Diz-se que as coisas não têm falta nem plenitude devido à sua vacuidade de realidade absoluta, pois, como tal, não têm um estado intrínseco de completude relativamente ao qual possam estar em falta ou plenas. Em termos práticos comuns, ver as coisas como não tendo falta significa reconhecê-las tal como são; ver as coisas como não tendo plenitude significa reconhecer a mudança.

23

Nenhuma distinção pode ser apreendida no reino dos seres e no reino dos fenómenos; nem pode qualquer falta ou plenitude ser apreendida ou encontrada no reino dos seres e no reino dos fenómenos. A realização disto é chamada iluminação. Por isso se diz que não se percebe falta nem excesso na totalidade dos elementos da budeidade. “Nem falta nem excesso” refere-se a ver o ser tal como é, sem conceptualização específica. Não há nada a ser removido ou acrescentado. A realização disto é chamada iluminação.

Comentário

Ver o ser tal como é, sem conceptualização específica ou pensamento alienado, refere-se à experiência zen da consciência como espelho. Isto pratica-se acolhendo tudo de uma só vez como um único campo total de consciência, sem se fixar em nada em particular nem pensar em nada.

24

A iluminação é característica de Buda. O que é característico de Buda? As aparências externas de todas as coisas não são características intrínsecas — esta é a marca da budeidade. Pois a iluminação não tem aparência, sendo desprovida de autoexistência das aparências. A realização disto é chamada iluminação, mas não como é falado. Pela virtude da realização destas verdades, alguém é chamado bodisatva ou ser iluminador.

Comentário

O autor pré-Zen Sengzhao escreveu: «A essência da sabedoria é sem nome e não pode ser expressa em palavras; é impossível permanecer na porta vazia da verdade tal como ela é realmente.»

25

Quem se considerar um bodisatva sem conhecer ou realizar estas verdades está longe do estágio da bodisatvidade, longe dos princípios da bodisatvidade. Se alguém pudesse ser um bodisatva apenas por palavras, então todos os seres seriam bodisatvas. O estágio da bodisatvidade não é apenas uma palavra. A iluminação perfeita suprema não pode ser realizada por palavras. A iluminação não é alcançada por discurso, nem as realidades da bodisatvidade.

Comentário

Isto implica que interesses e atividades intelectuais, académicas ou literárias, por si só, não fazem parte da essência da iluminação.

26

Todos os seres realizam as suas atividades dentro da iluminação, mas não a conhecem nem a realizam, e por isso não são chamados seres iluminadores. Porquê? Os seres não conhecem o facto da ausência de ser. Se o conhecessem, seriam bodisatvas pela virtude das suas próprias ações.

Comentário

De acordo com o Avatamsaka-sutra, todas as pessoas têm as qualidades e a sabedoria dos budas latentes dentro de si, mas não o percebem devido a ideias falsas e fixações obsessivas. Conhecer o facto da ausência de ser significa compreender a irrealidade das ideias falsas e, assim, libertar-se da força compulsiva da sugestão criada pela sua repetição.

27

Os seres deturpados, além disso, não conhecem a sua própria ação, o seu próprio objeto ou o seu próprio domínio. Se conhecessem a sua própria ação, não agiriam mais sobre qualquer imaginação falsa. Pelas suas ações baseadas em imaginação falsa, todas as criaturas ignorantes agem sobre objetos irreais; chegam até a pensar na iluminação como um objeto. Como pode haver iluminação nesses atos perante objetos, atos baseados em imaginação falsa; como podem estes ser qualidades da bodisatvidade? Aqueles que conhecem a verdade já não agem sobre objetos irreais e não pensam mais em nada. Um bodisatva-mahasatva que pratica a perfeita visão não pratica nada. Porquê? Porque todas as coisas são estabelecidas com base na irrealidade; são inexistentes, falsas, não assim.

Comentário

As pessoas com visões invertidas projetam confusões e conflitos internos em situações externas. Não conhecem os seus próprios hábitos mentais, não percebem que estão a objetivar os seus próprios processos de pensamento e não reconhecem as projeções das suas próprias ideias. Se soubessem como distorcem a realidade, veriam a fonte da sua confusão e já não agiriam sobre pressupostos errados, incluindo pressupostos sobre o que pode ser a iluminação.

28

Enquanto alguém praticar algo, está a agir sobre a irrealidade; agindo sobre a irrealidade, não age sobre a realidade. E a bodisatvidade não se manifesta agindo sobre a irrealidade, nem se manifesta agindo sobre o inexistente; um bodisatva não pratica a perfeita visão agindo sobre o irreal ou o inexistente. E o que é irreal é inexistente; não há prática aí, por isso o bodisatva não age sobre isso.

Comentário

O mestre zen Baizhang disse: «Agora que me ouviste dizer para não te apegares a nada — bom, mau, existente, inexistente, seja o que for — tomas isso imediatamente como cair no vazio. Não sabes que abandonar a raiz para perseguir os ramos é cair no vazio. Procurar a budeidade, procurar a iluminação ou qualquer outra coisa, quer exista ou não, é abandonar a raiz e perseguir os ramos.»

29

“Irrealidade” significa o que não é assim. Isto é apreendido pelas criaturas ignorantes, não tal como é. Aquilo que não é tal como é tomado como sendo chama-se irreal, e portanto inexistente.

Comentário

O Avatamsaka-sutra diz: «As criaturas ignorantes produzem rebentos de vida mundana subsequente por continuamente caírem em visões erradas, por terem as mentes envoltas na escuridão da ignorância, por se encherem de orgulho, por causa de conceções, por causa de fixações mentais de desejos presas na rede da ânsia, por causa de esperanças perseguidas por ações no emaranhado de engano e falsidade, por causa de atos ligados à inveja e ao ciúme que produzem estados mundanos, por causa da acumulação de ações cheias de ganância, ódio e loucura, por causa das chamas da mente acesas pela raiva e pelo ressentimento, por causa de empreendimentos de ações ligadas à ilusão, por causa de sementes na mente, intelecto e consciência ligadas aos fluxos de desejo, existência e ignorância.» (A Escritura da Guirlanda de Flores).

30

Assim, um bodisatva-mahasatva não age sobre o irreal ou o inexistente, o erróneo ou o falso. Um bodisatva é aquele que diz a verdade e age sem falsidade. Onde há verdade e realidade, não há prática; portanto, a prática do bodisatva é dita ser não-prática.

Comentário

Não há prática na verdade e na realidade no sentido de que já se chegou, no sentido de que a verdade e a realidade não são coisas a cultivar, e no sentido de que a evolução após esta realização é espontânea e não envolve qualquer esforço especial.

31

A prática do bodisatva está cortada de toda a prática. Não se pode indicar que “esta é a prática do bodisatva”, ou que “a prática do bodisatva é por este meio”, ou que “a prática do bodisatva está aqui”, ou que “a prática do bodisatva vem disto”. A prática do bodisatva não se manifesta desta forma.

Comentário

Quando Qingyuan encontrou o Sexto Grande Mestre do Zen, perguntou: «Que prática deve alguém fazer para evitar ficar preso em estágios?» O Grande Mestre disse: «O que tens feito?» Qingyuan respondeu: «Nem sequer pratico as verdades sagradas.» O Grande Mestre disse: «Então de que estágios estás a falar?»

32

Os bodisatvas realizam a prática do bodisatva pela cessação de todas as práticas: pela cessação das práticas das pessoas comuns, pela cessação das práticas dos ouvintes, pela cessação das práticas dos iluminados individuais.

Os bodisatvas não agem nem se dedicam sequer aos elementos da budeidade com as ideias “Estes são os elementos da budeidade”, “Aqui estão os elementos da budeidade”, “Por este meio são os elementos da budeidade” ou “Os elementos da budeidade pertencem a isto”. Um bodisatva não age nem sequer assim. Tudo isto é agir com base em imaginação falsa, ou pensamento dissociado. Um bodisatva não age sobre o pensamento nem sobre a ausência de pensamento, pois a prática do bodisatva está isenta de todo o pensamento dissociado. “Pensamento” é imaginar falsamente todas as coisas.

Pois as coisas não podem ser pensadas; todas as coisas são não-pensadas, por isso quem pensa numa coisa está a imaginar falsamente. Um fenómeno não é nem um pensamento formal nem uma imaginação dissociada. “Pensamento formal” é um extremo, “imaginação dissociada” é outro extremo; e um bodisatva não age sobre um extremo, nem sobre o ilimitado. Quem não age sobre um extremo nem sobre o ilimitado não observa o meio-termo. Agir sobre o meio-termo observando o meio-termo equivale a agir sobre um extremo. Pois o centro não tem prática, nem visão, nem demonstração.

Comentário

Sendo os extremos o pensamento formal e a imaginação dissociada, agir sobre o ilimitado é permanecer na abstração ou permanecer na consciência reflexa sem pensamento. O mestre zen Baizhang explica que mesmo isto não deve ser um ponto de fixação: «Se continuares a permanecer na consciência reflexa imediata, isto também equivale a ilusão.» O mestre zen Hakuin escreveu sobre esta experiência: «Se os praticantes se fixarem no grau do absoluto relativo, a sua cognição é sempre afetada pela atração e repulsa, e o seu ponto de vista é tendencioso.» (Kensho).

O centro não tem prática, visão ou demonstração formalmente definidas, porque é relativo aos extremos. Os extremos de pensamento, imaginação e emoção de uma pessoa não são os de outra, por isso não existe um ponto universal no qual se possa praticar, perceber ou demonstrar equilíbrio. Moderação para um glutão não é praticada ou vista da mesma forma que moderação para um disciplinador rígido; em ambos os casos é moderação, mas os extremos moderados não são os mesmos, por isso o centro de equilíbrio não é o mesmo.

33

O centro, o meio-termo ou o caminho do meio refere-se ao nobre caminho óctuplo. O nobre caminho óctuplo, no entanto, não é estabelecido com base em nada, nem por força da observação de nada.

Comentário

O nobre caminho óctuplo é dito ter sido uma formulação usada pelo Buda para descrever o caminho para a cessação do sofrimento. O caminho óctuplo

consiste em visão correta, pensamento correto, fala correta, ação correta, modo de vida correto, esforço correto, recordação correta e concentração correta. Um aspeto interessante desta formulação é que o significado exato de “correto” não é geralmente definido; isto deve-se sem dúvida ao facto de a prescrição exata ter de se basear nas condições individuais.

Esta passagem das escrituras, ao definir o nobre caminho óctuplo em termos de centro ou via do meio, fornece habilmente um parâmetro prático sem comprometer a necessidade de determinar o que é correto para cada pessoa segundo as circunstâncias. É evidente, pelos textos sobre a perfeita visão, que havia aqueles que criaram edifícios intelectuais e dogmáticos a partir das relíquias do ensinamento do Buda.

É por isso que um dos textos mais famosos sobre a perfeita visão diz: «O budismo não é budismo.» Para desencorajar atitudes rigidamente doutrinárias em relação aos ensinamentos budistas, a presente escritura afirma que o nobre caminho óctuplo não é estabelecido com base em nada, nem pela observação de nada. Isto significa que os sofrimentos e as origens do sofrimento, dos quais o caminho óctuplo foi concebido para libertar as pessoas, não são encarados como realidades inevitáveis.

34

Quando um bodisatva não constrói nem desconstrói nada, isso é chamado o caminho perfeitamente pacífico. Nem construindo nem desconstruindo todas as coisas, tendo transcendido a prática, realiza-se a igualdade das coisas, pela virtude da qual não se tem sequer a noção de um caminho, quanto mais ver o caminho.

Comentário

Construir coisas é o hábito transmitido do realismo ingénuo, enquanto desconstruir coisas por análise penetrante é a prática cultivada do estágio elementar do budismo chamado estágio dos ouvintes. O bodisatva é aquele que transcendeu o hábito enraizado de construir coisas em conformidade com o condicionamento convencional e que já passou pelo processo de descondicionamento da desconstrução, através do qual as conceções absorvidas inconscientemente sobre a identidade e integridade intrínsecas das coisas e do eu são analisadas e desfeitas.

35

O “caminho perfeitamente pacífico” refere-se à santidade inteiramente livre de corrupção. Porquê? Esse caminho está separado do que é causado a existir; não é nem causado a existir nem causado a não existir. Portanto, diz-se que está separado do que é causado a existir. Não há manifestação nele, por isso diz-se que está separado do que é causado a existir. A sua manifestação está ausente, por isso é chamado não-manifesto.

Comentário

O caminho perfeitamente pacífico não é um estado cultivado, nem é o nada. Não tem forma fixa, nem é algo totalmente amorfo. Não é alcançado criando algo, nem destruindo algo, nem revelando algo, nem ocultando algo. Não é um conjunto particular de ações, nem a inação em si. É não-manifesto na medida em que não há nada concreto a apontar como sendo o caminho perfeitamente pacífico, ou o início do caminho, ou o percurso do caminho. É isso que o torna perfeitamente pacífico.

36

Se houvesse qualquer manifestação ou desaparecimento, isso seria apreendido, e portanto não seria não-manifesto. “Não-manifestação” significa que a sua manifestação está ausente, daí não-manifesto. Significa que a sua ocorrência está ausente, por isso é chamado não-manifestante, mas não é como é falado. Porquê? Porque a não-manifestação não tem articulação; a ausência é não-manifestação. Ausência em que sentido? Não surgindo do erro ou da irrealidade, não surgindo do inexistente ou do falso.

Comentário

Aqueles que se vangloriam da sua modéstia, exibem a sua humildade, se comprazem nas privações ou, de outras formas, fingem ostensivamente praticar o que pregam — impostores bem conhecidos em todas as religiões — ilustram o tipo de “manifestação” que é “não-manifestação” no caminho da paz perfeita.

37

A irrealidade não produz irrealidade; a irrealidade não ocorreu; não há ocorrência nela. Enquanto não houver ocorrência nela, não se deve dizer que, como surge do que é inexistente, por isso se chama irrealidade, ou erro. Assim, um bodisatva está consciente de todas as coisas sem irrealidade. Porquê? Sabe-se que a irrealidade é inexistente; não há irrealidade a encontrar na irrealidade. Quem sabe que a irrealidade é inexistente não encontra irrealidade na irrealidade, e assim está consciente de todas as coisas sem irrealidade.

Comentário

Estar consciente de todas as coisas sem irrealidade significa ver as coisas diretamente, sem projetar suposições falsas e conceções arbitrárias. Não encontrar irrealidade na irrealidade significa conhecer a irrealidade pelo que ela é, e portanto não ter ilusões sobre o que é irreal nem ser distraído da visão direta por pensamentos sobre o irreal.

38

Na realização da ausência de irrealidade, já não há irrealidade; e quando não há irrealidade, não há prática. Pois toda a prática é irreal, porque a execução da prática provém de ideias falsas sobre prática. Mas um bodisatva não imagina falsamente a prática, por isso tudo se diz estabelecido sem irrealidade. E quem está alienado da realidade pratica algo mais; por isso a prática do bodisatva é chamada não-prática.

Comentário

A palavra para irrealidade, ou erro, significa literalmente “contrário ao ser”. Como as práticas são instituídas para remediar erros, quando a irrealidade do erro é penetrada, já não há “prática” a realizar. O mestre zen Baizhang explica isto em termos da ordem pragmática do ensinamento incompleto e completo: «Dizer que é possível alcançar a budeidade pelo cultivo, que há prática e realização, que esta mente é iluminada, que a própria mente é buda — isto é ensinamento do Buda, mas são expressões do ensinamento incompleto... São expressões destinadas a remover coisas impuras... São palavras para pessoas comuns.

Dizer que não se pode alcançar a budeidade pelo cultivo, que não há cultivo nem realização, que não é nem mente nem buda — isto também é ensinamento do Buda, mas são expressões do ensinamento completo... São palavras para além dos ensinamentos dos Três Veículos, palavras de instrução negativa, palavras destinadas a remover coisas puras. Estas são palavras para alguém de grau na Via.»

39

“Não-prática” ou não-execução significa que não se atua sobre qualquer doutrina nem se pratica qualquer doutrina, nem se mostra qualquer sinal exterior de prática; isto é chamado prática do bodisatva. Quem age assim está a agir segundo a perfeita visão.

Comentário

Escritos zen antigos falam de manter “prática subliminar e aplicação interior” enquanto exteriormente se aparenta ser simples e discreto. Um provérbio zen chinês sobre este assunto diz: «Um bom comerciante esconde as suas mercadorias e finge não ter nada.» Um provérbio zen japonês diz: «Missô que cheira a missô não é missô verdadeiro.»

40

Um bodisatva não está a agir segundo a perfeita visão quando age com base na forma material; não está a agir segundo a perfeita visão quando age com base na sensação, na cognição, nos condicionamentos ou na consciência. Porquê? Todos os objetos são conhecidos pelo bodisatva como inacessíveis; e não há ação sobre o que é inacessível. Portanto, a prática do bodisatva é chamada não-prática.

Comentário

Os objetos são inacessíveis na sua essência, porque só podemos interpretar dados sensoriais e não podemos apreender os objetos em si mesmos. A visão não atua sobre suposições, conceções ou compulsões, reconhecendo que estas são projeções da mente subjetiva que não fornecem meio de acesso à realidade objetiva.

41

Um bodisatva não pratica a perfeita visão tratando o olho como objeto. Não pratica a perfeita visão tratando o ouvido, o nariz, a língua, o corpo ou a mente como objeto. Porquê? Todos os objetos são conhecidos pelo bodisatva como inexistentes. E quem sabe que todos os objetos são inexistentes não age sobre eles. Portanto, a prática do bodisatva é dita ser inação.

Comentário

Ao nível do realismo ingénuo, tratar o olho, o ouvido e assim por diante como objetos pode significar estimulá-los compulsivamente; no nível de “ouvinte” do budismo elementar, tratar estes órgãos como objetos significa analisá-los. O exercício da perfeita visão já está para além do antigo hábito e da prática posterior.

42

Um bodisatva não pratica a perfeita visão tratando ou agindo sobre forma, som, aroma, sabor, textura ou fenómenos como objetos. Porquê? Todos os objetos são conhecidos pelo bodisatva como tendo surgido da irrealidade. E quem sabe que a irrealidade é inexistente não age sobre qualquer objeto; por isso, a prática do bodisatva é chamada não-prática.

Comentário

Aqui, novamente, tratar ou agir sobre forma, som e assim por diante como objetos significa fixar a atenção em experiências sensoriais. No estágio infantil do realismo ingénuo, esta fixação assume a forma de desejos e aversões; no estágio de ouvir e escutar do budismo elementar, assume a forma de análise. Quando a perfeita visão é exercida, a própria fixação da atenção dissolve-se, de modo que as faculdades sensoriais podem operar normalmente sem que a

faculdade intelectual se engane a si mesma com as suas interpretações dos dados.

43

Um bodisatva não pratica a perfeita visão agindo sobre nome e forma como objetos. Porquê? Todos os objetos são compreendidos pelo bodisatva como infundados, não-objetivos, por isso a prática do bodisatva é chamada não-ação.

Comentário

Nome e forma são os rótulos e descrições atribuídos convencionalmente a imagens mentais normalizadas das coisas e projetados sobre o mundo em geral.

Como estas imagens mentais e os seus nomes e formas associados podem ser manipulados de forma a manipular aqueles que as sustentam, não são tomadas como realidades por aqueles cuja mente está liberta. Um exemplo simples e familiar é o facto de um movimento ou organização poder ser chamado religião em nome e ter liturgia formal e uma igreja física, mas isso não significa que seja necessariamente espiritual na sua natureza. É por isso que não há paradoxo na realidade histórica da violência e opressão cometidas sob os auspícios de religiões que reivindicam bondade. Não há motivo para assumir que nome e forma correspondam à realidade. Quando isto é, no entanto, assumido inconscientemente, deve-se a um certo tipo de hábito, não ao senso comum ou ao pensamento racional.

44

Os bodisatvas-mahasatvas não praticam a perfeita visão tratando o ser ou o eu como objetos. Porquê? A noção de ser e a noção de eu são conhecidas por eles como falsas, e quem sabe que as ideias de ser e de eu são falsas não age sobre nada. Por isso, a prática do bodisatva é chamada não-ação. Aqueles que não agem sobre nada afastaram-se da execução, por isso a prática do bodisatva é chamada não-execução.

Comentário

Quando a mente está fixada no eu ou nos outros como objetos, a perceção e a consciência são formuladas pelas imagens do eu e dos outros mantidas na mente, enquanto a energia mental é continuamente gasta na manutenção do controlo mental dessas imagens e dos pensamentos e sentimentos associados. O exercício da perfeita visão, baseado em conhecimento certo já realizado, liberta-se destas limitações não retendo estas imagens, pensamentos e sentimentos e não agindo sob a sua compulsão. Sendo baseado em conhecimento certo, este “largar” não está associado a ansiedade, arrependimento ou outras formas de apego residual, mas restaura a fluidez, a

leveza e a transparência naturais da mente para revelar a sua “natureza de buda”.

45

Um bodisatva não pratica a perfeita visão mantendo as noções de vida, crescimento, pessoa, personalidade, ser humano, juventude, animador, instigador, criador, causador, dado, percebedor, conhecedor ou informação. Porquê? Todas as noções foram superadas pelo bodisatva, e quem superou todas as noções já não age sobre nenhuma noção. Nesse sentido, diz-se que a prática do bodisatva é inação.

Comentário

As várias noções enumeradas aqui são elaborações e especificações da autoconsciência. A imersão nestas formas de definir a si mesmo e a sua experiência de vida solidifica um sentido rígido de identidade e uma relação autocentrada com o mundo. Esta rigidez e viés não só impedem o testemunho direto da verdadeira realidade como também prejudicam a busca de objetivos comuns. No domínio da religião formal, as noções de vida, crescimento, pessoa, personalidade e assim por diante são características do carreirismo e da vaidade disfarçados de piedade e espiritualidade.

O mestre zen Muso disse: «Mesmo após a morte do Buda, todos os que praticaram o ensinamento de forma adequada obtiveram algum benefício. Isto porque seguiram o budismo apenas para a libertação e para a salvação de todos os seres, não para estatuto social e lucro material. Em tempos posteriores, muitas pessoas, tanto leigos como clérigos, seguiram e estudaram o budismo em busca de reputação e lucro material. Por isso, não avançaram no verdadeiro cultivo e refinamento pessoal.

Pensavam que bastava aprender as doutrinas das várias escolas. Como resultado, quanto mais instruídos se tornavam, mais vaidosos ficavam. Consequentemente, enquanto as pessoas comuns têm apenas o ego pessoal habitual, os estudantes de budismo acrescentaram a isso um ego religioso.» (Conversas de Sonho). Isto aplica-se também a outros campos de atividade, onde o carreirismo competitivo e a busca oportunista de proveito próprio podem comprometer a qualidade e até a autenticidade do trabalho produzido por profissionais.

46

Os bodisatvas não praticam a perfeita visão agindo sobre irrealidades, ou sobre opiniões, ou sobre obstáculos. Nem praticam a perfeita visão tratando irrealidades, opiniões ou obstáculos como objetos. Porquê? As objetivações de irrealidades, opiniões e obstáculos são plenamente conhecidas por eles; e o conhecimento perfeito não é uma execução, por isso, nesse sentido, diz-se que a prática do bodisatva é não-execução.

Comentário

As irrealidades são erros de suposição, as opiniões formadas são erros de interpretação e os obstáculos são complicações da emoção e do intelecto que interferem com uma consciência clara e objetiva. O conhecimento profundo destes fenómenos implica um exame rigoroso de si próprio e a discernimento das ações distorcidas e dos efeitos distorcedores das suposições, opiniões e outras cargas psicológicas.

Com conhecimento profundo, compreende-se que objetivar e agir sobre irrealidades, opiniões ou obstáculos — seja por obediência inconsciente ou por desafio deliberado às suas compulsões — confere-lhes uma sensação de solidez e realidade que, por si próprios, não possuem quando não são alimentados pela fixação da atenção e executados sob a influência hipnótica da preocupação.

47

Os bodhisattvas não praticam a visão perfeita agindo com base na ocorrência interdependente. Porquê? Porque conhecem profundamente a ocorrência interdependente; conhecem profundamente a base da ocorrência interdependente. No conhecimento perfeito da ocorrência interdependente e da sua base, não há atuação. Por isso, diz-se que a prática do bodhisattva é a não-atuação.

Comentário

Agir com base na ocorrência interdependente implica atuar sobre um objeto para produzir uma causa. Pela sua natureza, enquanto modo de consciência, a visão perfeita não executa, não causa, nem produz nada. A visão perfeita “penetra” tudo sem destruir ou alterar qualquer coisa objetiva. Pode dizer-se que desfaz fixações de visão e pensamento, mas isto acontece através da realização da não-objetividade dessas visões e pensamentos.

Assim, a visão não “faz” nada e não é, em si mesma, algo que possa ser executado como um ato. Os hábitos culturais de associar sabedoria a desempenhos específicos, como ritualismo religioso, intelectualismo académico, poder político ou astúcia comercial, pertencem, portanto, ao domínio da convenção mundana e, pela sua própria formulação, estão radicalmente dissociados da visão perfeita no sentido budista do termo.

48

Os bodhisattvas não praticam a visão perfeita agindo com base na objetivação do reino do desejo. Nem praticam a visão perfeita agindo com base na objetivação do reino da forma ou do reino da ausência de forma. Porquê? Porque as objetivações dos reinos do desejo, da forma e da ausência de forma

foram desconstruídas, e não há ação na desconstrução destas objetivações; por isso, diz-se que a prática do bodhisattva é a não-prática.

Comentário

O reino do desejo é o mundo comum das paixões e dos anseios. O reino da forma é um nível de consciência em que as formas são percebidas sem desejo. Muitas práticas meditativas decorrem neste reino. O reino da ausência de forma é um nível de consciência em que não há nem desejo nem forma, apenas uma sucessão de experiências abstratas — infinitude do espaço, infinitude da consciência, infinitude do nada, e nem perceção nem não-perceção.

Os bodhisattvas já percorreram estes níveis de consciência, penetraram a sua relatividade e desconstruíram-nos no sentido em que sabem que não são realidades objetivas absolutas; por isso, não se fixam neles nem se deixam obcecar por eles, mesmo ao nível da experiência, quanto mais da descrição. Esta desconstrução não "faz" nada, pois não desmonta literalmente nada, mental ou de outra forma; apenas abandona suposições e ilusões. Assim, não é uma prática em si, mas uma não-prática de hábitos mentais desnecessários.

49

Os bodhisattvas não praticam a visão perfeita agindo sobre objetivações de generosidade ou inveja, moralidade ou imoralidade. Porquê? Porque conhecem profundamente as objetivações de generosidade, inveja, moralidade e imoralidade. Neste conhecimento profundo, não há ação; por isso, diz-se que a prática do bodhisattva é a não-prática.

Comentário

Imagens ideológicas de virtudes e vícios baseadas nas aparências exteriores podem induzir as pessoas em erro quanto à realidade. Como foi ilustrado num texto anterior, alguém que aparenta ser generoso pode agir de forma caritativa com fins egoístas. Alguém pode ser chamado invejoso apenas por expressar uma crítica legítima aos que detêm riqueza e poder. Aqueles que se apresentam como moralistas agressivos podem adotar uma postura de piedade pomposa para encobrir ou distrair da atenção aos seus próprios excessos; quem é benevolente com uns pode ser cruel com outros.

Pessoas pouco convencionais e excêntricas podem ser rotuladas de loucas ou imorais, enquanto homens considerados moralistas por uma sociedade podem ter respondido pelos seus atos apenas até aos limites das suas comunidades ou países.

Ao ver tudo o que estes termos podem significar, incluindo as contradições entre nome e realidade, a visão perfeita não requer treino em crenças morais nem cultivo de virtudes estereotipadas, pois vê as coisas tal como são. Não é

necessário esforço para aderir ao bem e evitar o mal, porque não há confusão sobre o que é bom ou mau. Isto nunca se consegue apenas por regras — a história comprova amplamente este aspeto do ensinamento budista — pelo que as objetivações ou definições fixas de virtudes e vícios não podem ser base para ação iluminada.

50

Os bodhisattvas não praticam a visão perfeita agindo sobre objetivações de tolerância, intolerância, diligência, preguiça, meditação, distração, sabedoria ou loucura. Porquê? Porque todas as objetivações são profundamente conhecidas por eles, e no conhecimento profundo de todas as objetivações não há ação. Por isso, diz-se que a prática do bodhisattva é a não-prática.

Comentário

O que parece tolerância pode ser submissão forçada ou aceitação fingida, escondendo ódio ou ressentimento. O que parece intolerância pode ser a revelação direta de uma previsão dos efeitos negativos de tendências de pensamento e comportamento atualmente aceites. O que parece diligência pode ser encenação calculada, compulsão ou perda de tempo em caprichos. O que parece preguiça pode ser desatenção a trivialidades. O que se pensa ser meditação pode ser anestesia, hipnose ou fantasia. O que se pensa ser distração pode ser desprendimento de superficialidades, ou capacidade de gerir várias atividades mentais em simultâneo.

O que passa por sabedoria pode ser um conjunto de lugares-comuns. O que as pessoas consideram loucura pode ser algo que nunca lhes ocorreu antes, ou uma ação cujo propósito final não percebem de imediato. Aqui também, a visão não estabelece definições fixas de virtudes e vícios para depois tentar “praticá-las”.

51

Os bodhisattvas não praticam a visão perfeita agindo sobre objetivações de isenção de erro, esforços corretos, pontos de atenção ou os incomensuráveis. Porquê? Porque sabem que todas as objetivações são dependentes, e o conhecimento profundo da dependência das objetivações não comporta prática ou ação; por isso, diz-se que a prática do bodhisattva é a não-prática.

Comentário

Os esforços corretos são: eliminar factores mentais negativos já surgidos, prevenir factores negativos que ainda não surgiram, fomentar factores positivos que ainda não surgiram e reforçar factores positivos já presentes. Os pontos de atenção já foram mencionados. “Os incomensuráveis” são a bondade, compaixão, alegria e equanimidade ilimitadas. Todas estas são práticas preliminares e preparatórias, concebidas para corrigir defeitos de carácter,

dependentes de certas condições para a sua necessidade e concretização. A sua aplicação pragmática na experiência de vida não é o mesmo que aprender as suas definições, celebrá-las como princípios ou ideais religiosos em si, ou publicitar a presunção pessoal de praticar ou aperfeiçoar estes exercícios.

52

Os bodhisattvas não praticam a visão perfeita agindo sobre objetivações de faculdades, poderes, ramos da iluminação, meditações, absorções ou realizações. Porquê? Porque as objetivações destas faculdades, poderes, ramos da iluminação, meditações, absorções e realizações foram desconstruídas por eles; e não há prática na desconstrução; por isso, diz-se que a prática do bodhisattva é a não-prática.

Comentário

As faculdades e poderes aqui referidos são fé, energia, recordação, concentração e discernimento; são chamados faculdades quando ainda são potenciais latentes e poderes quando totalmente desenvolvidos. Os ramos da iluminação são discernimento, energia, alegria, conforto, recordação, concentração e equanimidade. “Meditações, absorções e realizações” refere-se a um sistema de quatro estágios de meditação e quatro concentrações e realizações sem forma.

O primeiro estágio de meditação caracteriza-se por atenção focada, pensamento preciso, alegria, bem-aventurança e unicidade de mente. O segundo estágio caracteriza-se por pureza interior, alegria, bem-aventurança e unicidade de mente. O terceiro estágio caracteriza-se por equanimidade, atenção plena, conhecimento preciso, bem-aventurança e unicidade de mente. O quarto estágio caracteriza-se por ausência de dor e prazer, equanimidade, atenção plena e unicidade de mente.

As quatro absorções e realizações sem forma são: absorção na infinitude do espaço, absorção na infinitude da consciência, absorção na infinitude do nada e absorção no estado de nem perceção nem não-perceção.

A palavra usada no sânscrito budista para “desconstruir” significa “tornar manifesto” no sânscrito clássico. A manifestação está implícita na desconstrução, na medida em que o que é desconstruído é o que foi tornado manifesto; sem manifestação, que haveria para desconstruir? Em termos práticos, isto significa que o bodhisattva já cultivou as faculdades, poderes, ramos da iluminação e assim por diante, e depois desconstruiu-os, ou seja, desabsolutizou-os e desobjetivou-os, penetrando a sua relatividade e largando as imagens mentais sobre eles.

Como a visão não objetifica, o bodhisattva que pratica a visão perfeita não pensa: “Estas são as faculdades e os poderes, etc.”, ou “Tenho as faculdades e os poderes, etc.”, ou “Estou a praticar as faculdades e os poderes, etc.”, ou

“Realizei as faculdades e os poderes, etc.”. Do ponto de vista da visão perfeita, toda essa atividade mental é conversa interna, vanglória e presunção, não visão sem esforço.

53

Os bodhisattvas não praticam a visão perfeita agindo sobre sofrimento, a sua origem, a sua extinção ou o caminho para a extinção. Porquê? Porque a objetivação do sofrimento, da sua origem, da sua extinção e do caminho foi desconstruída por eles. Não há cultivo na desconstrução, nem qualquer atuação subsequente; por isso, diz-se que a prática do bodhisattva é a não-prática.

Comentário

O sofrimento, a sua origem, a sua extinção e o caminho para a extinção representam o método pedagógico das quatro nobres verdades atribuídas ao Buda. Este nível de compreensão das quatro nobres verdades é tecnicamente denominado as quatro verdades não-nascidas ou sem nascimento. O grande mestre do Budismo Tiantai, cujos métodos de meditação se baseavam largamente nos ensinamentos sobre a visão perfeita, explica:

“Nas quatro verdades sem nascimento, não há opressão no sofrimento; tudo é vazio. Como pode haver vazio que elimine o vazio? A matéria é, em si mesma, vazia, tal como o são as sensações, perceções, condicionamentos e a consciência; por isso, não há sinal de opressão. A causa não apresenta sinal de combinação; causa e efeito são ambos vazios.

Como pode haver vazio de causa e vazio de efeito a combinarem-se? Isto aplica-se a todo o desejo, raiva e ilusão. O Caminho não tem dualidade; não há ninguém no vazio, por isso como poderia haver dois? Como as coisas originalmente não são assim, não deixam agora de o ser. Não sendo assim, não há extinção; a isto chamam-se as quatro verdades sem nascimento.” (Parar e Ver)

54

Os bodhisattvas não praticam a visão perfeita agindo sobre a objetivação do conhecimento espiritual ou da libertação. Porquê? Porque a objetivação do conhecimento espiritual e da libertação é desconstruída por eles, e não há prática na desconstrução; por isso, diz-se que a prática do bodhisattva é a não-prática.

Comentário

As objetivações de conhecimento espiritual e libertação são imagens mentais ou ideias sobre conhecimento espiritual e libertação, não a experiência da consciência espiritual e da liberdade mental.

55

Os bodhisattvas não praticam a visão perfeita agindo sobre a objetivação de não-origem, ou sobre a objetificação de extinção, ou sobre a objetivação de não-construção. Porquê? Porque a objetivação de não-origem, de extinção e de não-construção é desconstruída por eles, e não há ação subsequente na desconstrução; por isso, diz-se que a prática dos bodhisattvas é a não-prática.

Comentário

Não-origem, extinção e não-construção, todos termos técnicos budistas, são considerados dos mais difíceis de compreender precisamente por causa do hábito mental de objetificar. Como não-origem, extinção e não-construção não podem ser nada em si mesmos, mas referem-se à não-produção de fixações mentais, lutar com definições intelectuais ou tentar cultivar a ausência de mente só afastará ainda mais da experiência do que estes termos realmente significam.

56

Os bodhisattvas não praticam a visão perfeita agindo sobre a objetivação de água, fogo, ar ou espaço. Porquê? Porque a objetivação de água, fogo, ar e espaço foi desconstruída por eles, e na desconstrução não há prática; por isso, diz-se que a prática dos bodhisattvas é a não-prática.

Comentário

A visualização dos elementos água, fogo, ar e espaço é uma prática antiga destinada a desenvolver a concentração mental e proporcionar acesso a uma visão impessoal da existência. Praticada pelo seu próprio valor, torna-se uma armadilha sem saída. A visão penetra a relatividade das experiências que esta prática proporciona, desfazendo assim a base da obsessão.

57

Os bodhisattvas não praticam a visão perfeita agindo sobre a objetivação dos estados de ouvintes e iluminados individuais. Porquê? Porque as objetivações dos estados de ouvintes e iluminados individuais foram desconstruídas por eles, e não há prática na desconstrução; por isso, diz-se que a prática dos bodhisattvas é a não-prática.

Comentário

Um antigo mestre Zen disse: “O ensinamento não tem forma fixa; o que quer que encontres é a fonte.” Citando isto, um mestre Zen posterior afirmou: “Os métodos de ensinamento usados pelos sábios para guiar os aprendizes não têm forma nem aparência fixas.” (Conversas de Sonho)

58

Os bodhisattvas não praticam a visão perfeita tratando o nirvana como objeto. Porquê? Porque o nirvana como objeto, ou a objetivação do nirvana, é profundamente conhecido por eles, e no conhecimento profundo não há prática; por isso, diz-se que a prática do bodhisattva é a não-prática.

Comentário

O Sutra do Lótus chama ao nirvana uma cidadela ilusória, um refúgio temporário para os fatigados de espírito que, de outro modo, não poderiam enfrentar a eternidade infinita do caminho do completo despertar. O Sutra da Abertura dos Mistérios refere-se ao "nirvana quiescente" como "o mais elevado expediente". A natureza expedita do nirvana implica que não é um fim em si, mas um meio.

O mestre Zen Muso disse: "É axiomático em todas as escolas budistas do Mahayana que não há discrepância entre o budismo e os fenómenos mundanos; nenhum mestre genuíno poderia dizer que há prática do budismo fora dos eventos e atividades. Contudo, pessoas que não compreendem isto alimentam ideias erradas sobre as coisas do mundo, e assim os mestres Zen dizem-lhes, como expediente, para largar temporariamente as coisas a fim de se libertarem das fixações." (Conversas de Sonho)

59

Os bodhisattvas não praticam a visão perfeita tratando a purificação dos atributos como objeto, ou tratando a purificação das terras de buda como objeto, ou tratando a realização de ouvintes como objeto, ou tratando a realização da qualidade de bodisatva como objeto. Porquê? Porque o objeto da purificação dos atributos, o objeto da purificação das terras de buda, o objeto da realização dos ouvintes e o objeto da realização dos bodhisattvas foram desconstruídos por eles. E não há prática na desconstrução; por isso, diz-se que a prática do bodhisattva é a não-prática.

Comentário

A visão perfeita é por vezes chamada a base fundamental no Zen, por ser central para a libertação; a purificação de atributos, terras de buda e patamares espirituais é frequentemente "desconstruída" em ditos zen destinados a ilustrar a base fundamental da visão penetrante. O mestre Zen Muso explicou: "A base fundamental é um termo provisório aplicado ao ponto onde ilusão e iluminação são indistintas, ao qual não se aplicam nomes ou descrições mundanas, e que nem mesmo os ensinamentos transmundanos alcançam." (Conversas de Sonho)

60

Praticando assim, os bodhisattvas praticam a visão perfeita. Esta é a prática dos bodhisattvas que praticam a visão perfeita, a prática do conhecimento profundo de todos os objetos, a prática da desconstrução de todos os objetos — a chamada prática da visão perfeita.

Comentário

Muso disse: “Alcançar a base fundamental não é como ir do campo para a cidade, ou de uma terra para outra. Na realidade é como acordar de um sonho. Todas as perguntas sobre onde está a base fundamental e como chegar lá fazem parte do sonho, surgindo de pensamentos sonhados sobre um sonho.” (Conversas de Sonho)

61

O bodhisattva que pratica assim não se ocupa sequer da purificação da matéria objetivada, nem da purificação da objetivação do sentido, da cognição, dos padrões de condicionamento ou da consciência. Porquê? Porque a matéria objetivada é profundamente conhecida pelo bodhisattva como sendo perfeitamente pura por natureza, e assim também o são o sentido, a cognição, o condicionamento e a consciência, conhecimento este que constitui a prática do bodhisattva da visão perfeita.

Praticando assim, o bodhisattva não se ocupa da purificação do olho objetivado, nem do ouvido, nariz, língua, corpo ou mente objetivados. Porquê? Porque tudo isto é profundamente conhecido pelo bodhisattva como sendo perfeitamente puro por natureza, conhecimento este que constitui a prática do bodhisattva da visão perfeita.

Praticando assim, o bodhisattva não se ocupa sequer da purificação da objetivação de forma, som, aroma, sabor, textura e fenómeno. Porquê? Porque tudo isto é profundamente conhecido pelo bodhisattva como sendo perfeitamente puro por natureza, incluindo a objetivação dos fenómenos, ou fenómenos como objetos, prática esta que é precisamente a prática do bodhisattva da visão perfeita.

Praticando assim, o bodhisattva não se ocupa sequer da purificação da objetivação de nome e forma. Porquê? Porque a objetivação de nome e forma é profundamente conhecida pelo bodhisattva como sendo perfeitamente pura por natureza, prática esta que é precisamente a prática do bodhisattva da visão perfeita.

Praticando assim, o bodhisattva não se ocupa sequer da purificação da objetivação de eu e ser. Porquê? Porque a objetivação de eu e ser é profundamente conhecida pelo bodhisattva como sendo perfeitamente pura por

natureza, prática esta que é precisamente a prática do bodhisattva da visão perfeita.

Praticando assim, o bodhisattva não se ocupa sequer da purificação da objetivação de vida, existência, personalidade, agência, instigação, animação, estímulo, informação, comunicação ou opinião. Porquê? Porque as objetivações de vida, existência, personalidade, agência, instigação, animação, estímulo, informação, comunicação e opinião são conhecidas pelo bodhisattva como sendo perfeitamente puras por natureza, prática esta que é precisamente a prática do bodhisattva da visão perfeita.

Praticando assim, o bodhisattva não se ocupa sequer da purificação da objetivação de erro e de opinião. Porquê? Porque a objetivação de erro e de opinião é profundamente conhecida pelo bodhisattva como sendo perfeitamente pura por natureza.

Praticando assim, o bodhisattva não se ocupa sequer da purificação das objetivações da ocorrência interdependente; dos reinos do desejo, da forma e da ausência de forma; de generosidade ou inveja, moralidade ou imoralidade; de tolerância ou intolerância, diligência ou preguiça, meditação ou distração, sabedoria ou loucura; de passado, futuro ou presente; de desapego; de superconhecimento; ou de omnisciência.

Praticando assim, o bodhisattva pratica a visão perfeita sem se ocupar da purificação de qualquer objetivação. Porquê? Por causa da pureza perfeita natural de todos os objetos.

Comentário

Se tentamos purificar algo, isso significa que já o reificámos e julgámos impuro. Isto é necessário no estado infantil, quando precisamos de aprender a não comer lascas de tinta, a não magoar os nossos companheiros e outras questões de senso comum. Posteriormente, diferentes contextos de vida e fases de desenvolvimento social apresentam diferentes quadros para perceber a pureza e a impureza relativas. Ao nível de maturidade em que as pessoas estão prontas para praticar a visão perfeita, a pureza tem um significado diferente da oposição à impureza. A pureza perfeita natural de todos os objetos é uma expressão técnica para o vazio, referindo-se à desconexão entre a realidade objetiva em si e as experiências subjetivas construídas como realidades.

Em termos práticos, isto implica que as coisas, em si mesmas, não são nem boas nem más, nem puras nem impuras, exceto nos termos da nossa relação com elas e do nosso uso delas. Os mestres zen dizem que é bom ser capaz de ver o que há de mau naquilo de que gostamos e o que há de bom naquilo de que não gostamos. Este é um exemplo de aplicação da visão sobre a pureza natural, usando conceitos e juízos deliberadamente para olhar para além dos

limites desses conceitos e juízos. A metáfora zen chama a isto “o dedo que aponta para a lua” — não olhes para o dedo, contempla a lua.

62

Praticando assim, um bodhisattva não observa “Isto é forma”, não observa “A forma é assim”, não observa “A forma pertence a isto”, não observa “A forma vem disto”. Ao não observar a forma desta maneira, não se estabelece nem se rejeita a forma, não se produz nem se destrói a forma, não se rumina sobre a forma nem se dissocia dela, não se lida com nem se dissocia da objetivação da forma. Praticando assim é que um bodhisattva pratica a visão perfeita.

Do mesmo modo, não se observa “Isto é sensação, cognição, condicionamentos; isto é consciência”. Não se observa “A consciência é assim”, não se observa “A consciência pertence a isto”, não se observa “A consciência vem disto”. Ao não observar a consciência desta maneira, não se estabelece nem se rejeita a consciência, não se produz nem se destrói a consciência, não se atua sobre a consciência nem se dela se dissocia, não se atua sobre nem se dissocia da objetivação da consciência. Assim é que um bodhisattva pratica a visão perfeita.

Comentário

Estas são definições operacionais do caminho do meio de equilíbrio centrado em relação a formas, sensações, cognições, condicionamentos e consciência — nem estabelecer nem rejeitar, nem produzir nem destruir, nem ruminar nem evitar. Desta forma, a atitude mental não é nem obsessiva nem evasiva, nem afirmativa nem negativa.

63

Um bodhisattva que pratica assim não considera a forma como passada, nem como ainda por vir, nem como presente. Do mesmo modo, não considera a sensação, a cognição, os condicionamentos ou a consciência como passados, ainda por vir ou presentes.

Comentário

O que é passado não pode ser agarrado porque já passou. O que ainda há de vir não pode ser agarrado porque ainda não aconteceu. O que é presente não pode ser agarrado porque está em fluxo.

64

Um bodhisattva não considera a forma como o eu, nem como pertencente ou relativa ao eu. Do mesmo modo, não considera a sensação, a cognição, os condicionamentos ou a consciência como sendo o eu ou pertencentes ou relativos ao eu.

Comentário

Isto é experienciar a experiência sem se identificar com ela nem ser possessivo em relação a ela.

65

Não se considera a forma como dolorosa, nem se considera a sensação, a cognição, os condicionamentos ou a consciência como dolorosos.

Comentário

A dor, tal como a experienciamos, está na natureza da nossa relação com a forma, a sensação, a cognição, os condicionamentos e a consciência. Resolver o problema da dor existencial exige atenção à qualidade dessas relações, e não a repetição do pensamento destes fenómenos como dolorosos.

66

Não se considera a forma como própria ou de outros. Não se considera a sensação, a cognição, os condicionamentos ou a consciência como próprios ou de outros. Assim é que um bodhisattva pratica a visão perfeita.

Comentário

Nenhuma destas coisas poderia, em última análise, pertencer-nos, dado que temos de morrer, e esta forma de contemplação pode ser usada para nos desapegar desses pensamentos.

Se pensarmos em experiências de certo tipo como nossas e não comuns a outros, ou como características de outros e não nossas, isso tende a gerar orgulho e a limitar a compaixão.

67

Um bodhisattva que pratica a visão perfeita não lida com a origem da forma nem com a destruição da forma, não considera a forma profunda, nem superficial, nem vazia, nem não-vazia, nem aparência, nem ausência de aparência, nem com propósito, nem sem propósito, nem como formada, nem como sem formação.

Do mesmo modo, não lida com a origem da sensação, da cognição, dos condicionamentos ou da consciência, nem com a destruição da consciência, não considera a consciência profunda, nem superficial, nem vazia, nem não-vazia, nem como aparência, nem como ausência de aparência, nem com propósito, nem sem propósito, nem como formada, nem como sem formação.

Comentário

A prática da visão não é o mesmo que criar certas formas ou destruir todas as formas, nem produzir certas sensações, cognições, condicionamentos ou estados de consciência, nem eliminar estes modos de experiência.

Considerar os fenómenos profundos ou superficiais depende de uma avaliação separada da sua natureza metafísica e das suas características concretas. De acordo com o caminho do meio de equilíbrio centrado, os fenómenos não são nem tomados demasiado a sério nem ignorados de forma excessiva.

Os fenómenos não são vazios no sentido de que nada existe, por isso a visão não os considera vazios nesse sentido; mas são dependentes e não têm existência absoluta em si mesmos, por isso a visão também não os considera não-vazios nesse sentido.
As aparências não são realidades absolutas, mas também não são absolutamente inexistentes.

Os fenómenos não têm, por si mesmos, os propósitos ou fins para os quais tentamos utilizá-los ou que projetamos sobre eles quando somos compelidos ou frustrados, mas as leis manifestas da causalidade que regem a sua existência relativa significam que também não podem ser considerados, de forma eficaz, como aleatórios ou sem propósito.

A matéria, a sensação, a cognição, os condicionamentos e a consciência não podem ser considerados formados porque são maleáveis, mutáveis e sem formas permanentes e inalienáveis. No entanto, também não podem ser considerados sem forma, pois as suas manifestações e operações específicas não são um nada amorfo nem dados indefinidos.

68

Porquê? Porque tudo isto é imaginado, suposto, projetado, falsificado, fantasiado. “Eu considero” é projetado; “Assim procedo” é falsificado; “Eu lido com isto” é fantasiado; “Aqui realizo a prática” é imaginado.

Comentário

Um provérbio zen diz: “Se souberes que tipo de sonho é, o sonho será despertado.” Quando a visão deteta as agendas ocultas da imaginação, suposição, projeção, falsificação e fantasia, o feitiço que lançam sobre a mente é quebrado.

69

Sabendo que tudo isto é imaginado, projetado, falsificado e fantasiado, os bodhisattvas não pensam em nada que destrua o conhecimento total; não pensando, não praticam nada nem dependem de nada. São independentes, nem apegados nem desapegados; não estabelecem nada, nem constroem

nada. Esta é a destruição de todo o pensamento pelo bodhisattva que pratica a visão perfeita.

Comentário

Algumas pessoas confundem destruição do pensamento com ausência de pensamento, ou com manter a mente o mais imóvel possível. Estas são objetivações do não-pensar, não a experiência real. O Sexto Grande Mestre do Zen explicou: “Quando a mente não é influenciada por objetos, chama-se a isto liberdade de pensamento. Está-se sempre desapegado dos objetos nos próprios pensamentos e não se agita a mente por causa deles. Se simplesmente não pensares em nada e te desfizeres de todos os pensamentos por completo, uma vez que todos os pensamentos terminem, morres e renas noutro lugar. Isto é um grande erro; quem estuda o Caminho deve refletir sobre isto.” (O Sutra de Hui-neng, Grande Mestre do Zen) “Renascer noutro lugar” após “morrer” quando os pensamentos cessam significa que os hábitos mentais reprimidos e as propensões inconscientes acabam por se reafirmar. É por isso que a concentração sem visão não pode conduzir à libertação.

70

Além disso, o bodhisattva que pratica a visão perfeita não considera a forma permanente ou impermanente, não a considera vazia ou não-vazia, nem como ilusão, nem como sonho, nem como reflexo, nem como eco; e o mesmo se aplica à sensação, à cognição, ao condicionamento e à consciência. Não se considera a consciência permanente ou impermanente, nem vazia ou não-vazia, nem como ilusão, nem como sonho, nem como reflexo, nem como eco.

Porquê? Porque tudo isto é inventado, conjeturado, falsamente construído pelo hábito. O bodhisattva, sabendo que tudo isto é inventado, conjeturado e falsamente construído pelo hábito, pratica então a visão perfeita para eliminar todos os cursos de ação, para conhecer profundamente todos os cursos de ação.

Comentário

O mestre Zen Muso diz: “Se pessoas que ainda não estão em comunhão com a mente inerente da iluminação considerarem a devoção incansável à prática religiosa como prova de firmeza de vontade para a iluminação e de poder na prática, certamente ficarão obcecadas por causa do seu orgulho. Depois, há também a ansiedade de que, se essa determinação enfraquecer e forem distraídas pelas condições mundanas, então não alcançarão a salvação. Assim, a iluminação inerente fica cada vez mais obstruída e obscurecida por este orgulho e este medo.” (Conversas de Sonho)

71

Esta prática de visão perfeita do bodhisattva é inconcebível por causa da qualidade inconcebível da forma. Da mesma forma, esta prática de visão perfeita do bodhisattva é inconcebível por causa da qualidade inconcebível da sensação, da cognição, dos condicionamentos e da consciência.

Esta prática de visão perfeita do bodhisattva é inconcebível por causa da qualidade inconcebível do nome e forma; da ocorrência interdependente; da aflição; da fruição das ações; da substância; da irrealidade; da opinião; dos reinos do desejo, da forma e da ausência de forma; do eu; do ser; da generosidade; da mesquinhez; da moralidade; da imoralidade; da tolerância; da hostilidade; da diligência; da preguiça; da meditação; da distração; da sabedoria; da loucura; da ganância, do ódio e da ilusão; dos pontos de atenção; dos esforços corretos, anulações de erros e bases de poderes espirituais; das faculdades, poderes e ramos da iluminação; da concentração; da realização; dos percursos mundanos da vida; do sofrimento, origem, extinção e caminho; do conhecimento e libertação; do conhecimento da extinção, do conhecimento da não-origem e do conhecimento da não-construção; das etapas dos ouvintes, etapas dos iluminados individuais; estados de ouvintes e de iluminados individuais; do superconhecimento; do passado, futuro e presente; do conhecimento desapegado; do nirvana; e da budidade.

Porquê? Porque a prática de visão perfeita de um bodhisattva não produz pensamento; por isso, diz-se que é inconcebível.

Comentário

Inconcebível implica inacessível à conceptualização. A visão perfeita não usa a conceptualização para compreender seja o que for.

O Avatamsaka-sutra diz: “Se as pessoas querem realmente conhecer todos os budas de todos os tempos, devem contemplar a natureza do cosmos — tudo não é senão construção mental.” Diz também: “O apreendido não pode ser apreendido, o visto não pode ser visto, o ouvido não pode ser ouvido; a única mente é inconcebível.” (A Escritura da Guirlanda de Flores)

Como a visão não produz pensamento, alguns imaginaram que suprimir o pensamento é visão, ou conduz à visão. O mestre Zen Mi-an disse: “As pessoas interrompem temporariamente a perceção de objetos e tomam o pequeno clarão que aparece diante dos olhos como sendo o supremo. Esta doença é das mais miseráveis.” (Zen Instantâneo)

72

O despertar do pensamento é irrealismo. “Pensamento a produzir pensamento” é uma contradição no pensar, porque a natureza do pensamento em si não surge e não nasce. O pensamento surge em ligação com a irrealidade; aí, o pensamento é aparente, e a irrealidade ou erro de que surge também é aparente.

Comentário

O mestre Zen Mazu disse: “Um único pensamento da mente errante é a raiz do nascimento e morte no mundo.” Dizer que o pensamento ligado à irrealidade é aparente, e que a irrealidade do erro em que se baseia também é aparente, implica que é possível testemunhar este processo sem ser arrastado ou enganado por ele. É assim que se diz que a visão vê o verdadeiro aspeto das coisas sem obliterar as suas aparências.

73

No entanto, as pessoas ignorantes não sabem que o aparente é pensamento; e sempre que surge, isso é o aparente, e como quer que surja, isso é o aparente. Sem saber da desconexão do pensamento, sem saber da desconexão da objetivação, ficam totalmente presas às noções “Estou a pensar”, “O meu pensamento”, “Pensamento disto” e “Pensamento derivado disto”.

Ao ficarem presas ao pensamento, fixam-se nas noções de bom, mau; agradável, doloroso; finito, infinito; opinião; interferência; generosidade e mesquinhez; moralidade e imoralidade; o reino das realidades, o reino dos desejos, o reino das formas, o reino da ausência de forma; ocorrência interdependente; nome e forma; ganância, ódio e ilusão; inveja e ciúme; egoísmo; sofrimento, a sua origem, a sua extinção e o caminho para a extinção; e assim por diante.

Um bodhisattva, ao ver pessoas com tais fixações, a produzirem pensamentos erróneos, não gera qualquer pensamento sobre o erro. Porquê? Porque a visão perfeita está separada do pensamento, e na clareza natural e pureza natural do pensamento não há despertar de pensamento.

Comentário

O mestre Zen Mazu disse: “As ilusões humanas desde tempos imemoriais — engano, orgulho, astúcia, presunção — estão condensadas num único corpo. É por isso que a escritura diz que este corpo é apenas feito de elementos, e o seu aparecimento e desaparecimento é apenas o desses elementos, que não têm identidade. Quando os pensamentos sucessivos não esperam uns pelos outros, e cada pensamento se extingue pacificamente, chama-se a isto absorção na reflexão oceânica.” (A Essência do Zen)

74

As pessoas ignorantes produzem pensamento em referência à existência de um objeto. Assim, um bodhisattva, ao discernir também um objeto, discerne o surgimento do pensamento. Porque surge o pensamento? Um bodhisattva observa que este pensamento é naturalmente claro, e assim ocorre-lhe que o pensamento surge em relação ao objeto. Conhecendo profundamente o objeto, não produz pensamento nem o extingue. Esse pensamento ocorre ao bodhisattva como claro, sem aflição, agradável, perfeitamente puro.

Comentário

A clareza natural é uma visão da equação relatividade = vazio, em que as características dos pensamentos são evidentes mas não têm opacidade ofuscante porque a visão consegue ver através da sua relatividade e da vacuidade da objetividade. Esta penetração é sem esforço porque é realizada sem obliterar as aparências dos pensamentos ou dos fenómenos.

75

O bodhisattva estabilizado na não-produção de pensamento não produz nada nem destrói nada. Este é o conhecimento profundo da não-produção de pensamento do bodhisattva que pratica a visão perfeita. Não lhe ocorre, ao praticar assim, “Estou a praticar a visão perfeita”, “Aqui pratico a visão perfeita”, “Assim pratico a visão perfeita” ou “Por isso pratico a visão perfeita”. Pois, se se concebe “Isto é visão perfeita”, ou “A visão perfeita é assim”, ou “A visão perfeita pertence a isto”, então não se está a praticar a visão perfeita. Portanto, nem se observa nem se agarra essa visão perfeita, nem se pensa “Estou a praticar a visão perfeita”, mas aplica-se efetivamente a visão perfeita.

Comentário

Pode-se saber que não se está a aplicar a visão quando se pensa que se está a praticá-la ou quando se pensa que os próprios pensamentos são visões.

76

Esta prática do bodhisattva, ou seja, a prática da visão perfeita, é inigualável, clara, insuperável, transcendente. É inacessível à morbidez, aos factores de morbidez, a todos os que seguem aparências, que seguem a realização, que têm visões de eu, de ser, de vida, de personalidade, de existência, de inexistência, de niilismo, de permanência, do próprio corpo, dos agregados, dos elementos, dos meios sensoriais, de Buda, de Dharma, de Sangha, de nirvana, que têm um sentido de realização, ou que são presunçosos, ou que agem com ganância, ódio ou ilusão, ou que agem com irrealidade, ou que estão num caminho errado. Esta prática do bodhisattva, nomeadamente a prática da visão perfeita, é a prática de elevar-se acima de todos os mundos.

Comentário

Esta passagem é demasiado eloquente para precisar de mais comentários.

77

Um bodhisattva que pratica a visão perfeita penetra a causa, a origem, o fim e a extinção de todas as coisas; nada é irrelevante para a visão perfeita. Conhece o carácter da causa, origem, extinção e curso de todas as coisas; mas, ao conhecer a causa, origem, extinção e curso de todas as coisas, não cultiva nem desconstrói a forma, a sensação, a cognição ou os condicionamentos; não cultiva nem desconstrói a consciência, o nome e forma; nem a aflição ou purificação; nem o erro, opinião ou obstruções; nem a ganância, ódio ou ilusão; nem os reinos do desejo, da forma ou da ausência de forma; nem o reino dos seres ou o reino do eu; nem a noção de aniquilação ou a noção de permanência; a generosidade ou a mesquinhez; a moralidade ou a imoralidade; a tolerância ou a intolerância; a diligência ou a preguiça; a meditação ou a distração; a sabedoria ou a ignorância; os pontos de atenção, esforços corretos, anulação de erros ou bases de poderes espirituais; as faculdades, poderes, ramos da iluminação, concentrações ou realizações; a ocorrência interdependente; o mal-estar, a sua origem, a sua extinção ou o caminho; o conhecimento da não-origem, o conhecimento do fim, o conhecimento da não-criação; o estágio das pessoas comuns, o estágio dos aprendizes, o estágio dos iluminados individuais, o estágio dos seres iluminantes; os princípios das pessoas comuns, dos aprendizes, dos iluminados individuais; o parar e ver; o nirvana; o conhecimento e visão do passado, presente e futuro; o apego; o desapego; o conhecimento de buda; as confianças dos budas.

Porquê? Porque a forma, a sensação, a cognição, os condicionamentos e a consciência não podem ser cultivados; o nome e forma, a irrealidade e a opinião, os pontos de atenção, os esforços corretos, as bases de poderes espirituais, a anulação de erros; os incomensuráveis; as faculdades, poderes e ramos da iluminação; as absorções, realizações e superconhecimentos; o conhecimento do fim; e o conhecimento da não-criação não podem ser cultivados nem trazidos à existência.

O estágio das pessoas comuns não pode ser cultivado; os estágios dos ouvintes, iluminados individuais e seres iluminantes não podem ser cultivados. Os princípios das pessoas comuns, ouvintes e iluminados individuais não podem ser cultivados. O conhecimento e visão do passado, futuro e presente não podem ser cultivados. O conhecimento e visão desapegados não podem ser cultivados. O conhecimento e visão não focados não podem ser cultivados. O conhecimento perfeitamente iluminado não pode ser cultivado.

Porquê? Porque não há conclusão última para o tornar-se; nenhuma destas convenções ou usos é realmente existente; não há ser intrínseco neles.

Pois todas as coisas estão vazias de ser intrínseco, não tendo vindo a ser, não existindo de facto.

Porquê? O que é irreal não existe, e todas as coisas se estabelecem com base na irrealidade.

A irrealidade não tem vir-a-ser, e todas as coisas estão vazias de vir-a-ser; o vir-a-ser não é apreendido por causa da inexistência de ser intrínseco. Aquilo que não tem vir-a-ser não veio a existir, por isso não existe de facto.

Comentário

Nada é irrelevante para a visão, no sentido de que esta se aplica a tudo. A observação de que não há conclusão última no vir-a-ser é feita tendo em vista o facto de que o processo de tornar-se nunca termina com a estabilização permanente de um estado de ser, porque tudo está em fluxo. O objetivo desta observação é dissipar a ilusão de realidades objetivas que correspondam exatamente às nossas definições subjetivas de coisas e eventos.

Assim, diz-se que os usos convencionais — as coisas como as pensamos e falamos delas — não são realmente realidades correspondentes à forma como as concebemos. Esta prática é usada para cultivar a capacidade de compreender descrições conceptuais sem ser inconscientemente hipnotizado por elas, caindo em atitudes e crenças erróneas.

78

O “não-ser” expressa a irrealidade ou falsidade. E no não-ser não há cultivo nem desconstrução. É por causa da irrealidade que os seres cultivam e desconstroem; não há nada que possa ser trazido à existência.

Porquê? Todas as coisas não têm ser intrínseco existente; estão vazias de ser, em termos de substância ou essência. Não há nelas nada que possa ser cultivado ou trazido à existência.

Quando um bodhisattva pratica a visão perfeita observando as coisas desta maneira, não cultiva nem desconstrói nada. A isto se chama cultivo da visão perfeita. Praticando assim, permanecendo assim, alcança-se o cumprimento completo da visão perfeita de um bodhisattva-mahasattva.

Nenhum pensamento com fixação na forma ocorre a um bodhisattva-mahasattva que pratica a visão perfeita; nem ocorre qualquer pensamento com fixação na sensação, cognição, condicionamentos ou consciência. Não ocorre qualquer pensamento com rigidez severa. Não ocorre qualquer pensamento com intolerância. Não ocorre qualquer pensamento com ciúme. Não ocorre qualquer pensamento com aflição. Não ocorre qualquer pensamento com preguiça. Não ocorre qualquer pensamento com distração. Não ocorre qualquer pensamento com estupidez. Não ocorre qualquer pensamento com desejo. Não ocorre qualquer pensamento com fixação na objetivação da forma.

Não ocorre qualquer pensamento com anseio. Não ocorre qualquer pensamento com divisibilidade. Não ocorre qualquer pensamento com visões falsas. Não ocorre qualquer pensamento com obsessão pelo prazer. Não ocorre qualquer pensamento com apego ao poder ou autoridade. Não ocorre qualquer pensamento com apego ao nascimento numa grande família. Não ocorre qualquer pensamento com apego ao renascimento divino.

Não ocorre qualquer pensamento com apego ao reino do desejo. Não ocorre qualquer pensamento com apego aos reinos da forma e da ausência de forma. Não ocorre qualquer pensamento sobre o estágio dos ouvintes. Não ocorre qualquer pensamento sobre o estágio dos iluminados individuais. Não ocorre qualquer pensamento com obsessão ou apego à prática de bodhisattva. Nem sequer ocorre qualquer pensamento com uma noção de nirvana.

Comentário

O mestre Zen Guishan (Kuei-shan) disse: “Os sábios, desde tempos imemoriais, só explicaram os problemas da poluição. Se alguém não tiver toda aquela falsa consciência, opinião emocional e intelectual e hábitos conceptuais, então é claro como a água de outono, puro e não-forçado, sereno e sem restrições. A tais pessoas chama-se viajantes do Caminho, ou pessoas livres.” (As Cinco Casas do Zen)

79

Aquele que tem esta pureza de pensamento permeia os seres com benevolência, compaixão, alegria e equanimidade; e o conceito de um ser é assim desconstruído, e não se permanece sobre o conceito de um ser nem se fica obcecado ao praticar estes quatro estados de expansão espiritual, e a visão torna-se dotada de perícia nos meios. Quem, dotado destas qualidades, pratica a visão perfeita chegará rapidamente à realização plena do cultivo da visão perfeita.

Comentário

O uso metódico da negação nas escrituras da visão perfeita (e também na literatura zen) tem sido alvo de interpretações negativas ou niilistas ao longo da história. As próprias escrituras notam isto explicitamente (ver, por exemplo, o capítulo sobre a “ausência de essência” no Sandhinirmocana-sutra, traduzido em Ioga Budista) e tal está muito presente nos escritos e registos das escolas Huayan e Zen.

Esta passagem em particular do Sutra das Perguntas de Suvikrantavikramin sobre a visão perfeita, sobre a “permeação consciente de todos os seres” com benevolência, compaixão, alegria e equanimidade, é sem dúvida uma das mais eloquentes ilustrações de que a via negativa da metodologia da visão perfeita não conduz a qualquer tipo de negatividade moral, mental ou social.

A desconstrução do “ser” por meio dos estados de expansão espiritual significa que as fronteiras do ego são penetradas e sente-se o ser de todos os seres como um único grande corpo, imbuído de benevolência, compaixão, alegria e equanimidade. É a visão penetrante que permite “permeiar” todos os seres sem fronteiras de “eu”. No processo de usar a clareza penetrante da visão para permeiar todos os seres com benevolência, compaixão, alegria e equanimidade, desenvolvem-se as perícias nos meios — isto é, formas de ajudar outros à libertação e à iluminação — através da intimidade empática com as condições de todos os estados de ser.

80

Quem cultiva a visão perfeita não chega à forma nem a agarra; nem chega nem agarra a sensação, cognição, condicionamentos ou consciência. Não chega nem agarra a irrealidade, o nirvana ou o conteúdo das visões. Não chega nem agarra o reino do desejo, o reino da forma ou o reino da ausência de forma; a aniquilação ou a eternidade; a ocorrência interdependente; os elementos terra, água, fogo e ar; a ganância, o ódio ou a ilusão; a generosidade, a mesquinhez, a moralidade ou a imoralidade; a tolerância, a hostilidade, a diligência, a preguiça, a meditação, a distração, a sabedoria ou a estupidez; os pontos de atenção, os esforços corretos, a anulação de erros, os incomensuráveis ou as bases de poderes espirituais; as faculdades, poderes, ramos da iluminação, meditação, libertação, realização, superconhecimento; o sofrimento, a sua origem, a sua extinção ou o caminho para a sua extinção; o conhecimento da não-origem, o conhecimento do fim ou o conhecimento da não-construção; o reino do eu, o reino dos seres ou o reino dos fenómenos; o estágio das pessoas comuns, o estágio dos ouvintes, o estágio dos iluminados individuais ou a completa budidade perfeita; os princípios e estados das pessoas comuns, ouvintes ou iluminados individuais; o conhecimento e visão do passado, presente e futuro; o conhecimento e visão desapegados; o conhecimento, poderes e confianças dos budas; ou interferências ou obstáculos.

Porquê? Porque todas as coisas são inatingidas, não alcançadas, não agarradas, não obtidas por ninguém. Pois nada é apreensível, nem nada é apreendido por alguém. Porquê? Porque não há nada nelas que possa ser agarrado ou que agarre. Porquê? Todas as coisas não têm cerne, sendo como ilusões. Todas as coisas são dependentes, a sua essência não se encontra. Todas as coisas são como reflexos, sendo inapreensíveis. Todas as coisas são vazias, na medida em que o seu ser intrínseco não existe. Todas as coisas são como espuma, desaparecendo sem rebentar. Todas as coisas são como bolhas, pois surgem, rebentam e desaparecem.

Todas as coisas são como miragens, por serem baseadas em equívocos. Todas as coisas são como o miolo da bananeira, por não terem cerne. Todas as coisas são como a lua refletida na água, por serem inapreensíveis. Todas as

coisas são como as cores do arco-íris, por serem baseadas apenas na conceptualização. Todas as coisas são indiferentes, por não iniciarem nada. Todas as coisas são como sem pega, não tendo existência intrínseca própria.

Observando todas as coisas assim, um bodhisattva não alcança nem chega a nada, não agarra nada, não domina nada, nem faz prática de devoção ou apego a nada. Esta é a prática da visão perfeita de um bodhisattva por descrença em todas as coisas, por não-possessividade, por não-apego, por não-obsessão. O cultivo da visão perfeita por um bodhisattva que pratica assim alcança realização plena.

Comentário

A inapreensibilidade é realizada como experiência direta ao tentar agarrar mentalmente a essência das coisas. Observar as coisas como inapreensíveis e sem nada a que se agarrar ou obter, nada em que acreditar ou manter, não se faz pensando sobre a noção de inapreensibilidade, mas trazendo os fenómenos à mente e examinando-os mentalmente em busca de realidades irreduzíveis. Deste modo, a inapreensibilidade não é simplesmente aceite como ideia, mas descoberta em primeira mão como facto da vida nos níveis mais profundos da realidade experiencial.

Além disso, um bodhisattva que aprende assim não aprende sobre a forma, não aprende sobre a transcendência da forma; não aprende sobre a sensação, a cognição, os condicionamentos ou a consciência; não aprende sobre a transcendência da consciência. Não aprende sobre o surgimento da forma, não aprende sobre a cessação da forma; do mesmo modo, não aprende sobre o surgimento ou cessação da sensação, cognição, condicionamentos ou consciência. Não aprende disciplina da forma, nem indisciplina; do mesmo modo, não aprende disciplina nem indisciplina da sensação, cognição, condicionamentos ou consciência. Não aprende a transmissão da forma nem a conceção da forma; não aprende continuidade nem descontinuidade. Do mesmo modo, não aprende a passagem, conceção, continuidade ou descontinuidade da sensação, cognição, condicionamentos ou consciência.

Um bodhisattva que aprende desta maneira não aprende a permanência da forma, não aprende a agradabilidade da forma, não aprende a dor da forma, não aprende a pureza da forma, não aprende a ausência de eu da forma; não aprende a permanência da sensação, cognição, condicionamentos ou consciência; não aprende a dor da consciência, a pureza da consciência ou a ausência de eu da consciência.
Neste estágio de compreensão, todas estas visões já foram examinadas e penetradas.

81

Um bodhisattva que aprende assim não lida com a objetivação do passado da forma, não lida com a objetivação do futuro da forma, não lida com a objetivação do presente da forma; não lida com a objetivação do passado da sensação, cognição, condicionamentos ou consciência, não lida com a objetivação do futuro e não lida com a objetivação do presente.

Comentário

Uma das limitações da nossa eficácia é o nosso acesso limitado ao passado e ao futuro. A memória e a previsão são limitadas não só quantitativamente, por preocupações e preconceitos, mas também qualitativamente. Pode haver informação potencialmente valiosa em experiências passadas que não utilizamos porque a memória atua de forma seletiva com base emocional, inadequada para identificar elementos mais subtis da experiência. Pode também haver perceções essenciais das consequências futuras dos nossos atos presentes que não vemos porque estamos demasiado absorvidos pelas sensações subjetivas associadas ao que estamos a fazer.

Se objetivarmos passado, futuro e presente, sem reconhecer a continuidade, a nossa relação mental com os acontecimentos não será suficientemente flexível e livre para agir de forma objetiva e genuína, por mais sinceros e inteligentes que queiramos acreditar que somos.

82

Um bodhisattva que pratica assim vê o passado como vazio, cessado e sem eu, sem sequer pensar que o que é passado é vazio, cessado e sem eu.
Vê o futuro como vazio, nulo e sem eu, sem sequer pensar que o que está por vir é vazio, nulo e sem eu.

Vê o presente como vazio, nulo e sem eu, sem sequer pensar que o que é presente é vazio, nulo e sem eu.

O passado é vazio e nulo; não se considera sequer que seja sem eu, que não pertença ao eu, impermanente, insubstancial, inconstante ou mutável.
O futuro é vazio e nulo; não se considera sequer que seja sem eu, que não pertença ao eu, impermanente, insubstancial, inconstante ou mutável.
O presente é vazio e nulo; não se considera sequer que seja sem eu, que não pertença ao eu, impermanente, insubstancial, inconstante ou mutável.

Comentário

O mestre Zen Muso disse: “Essencialmente, pode dizer-se que há dois tipos de aspiração à iluminação, a superficial e a verdadeira. Compreender que tudo o que nasce deve morrer, que tudo o que floresce deve declinar, esquecendo as ambições mundanas e apenas buscando o caminho para a emancipação — isto chama-se a aspiração superficial à iluminação.” (Conversas de Sonho)

Como lida com “estudos de graduação”, o ensinamento da visão perfeita pressupõe que o praticante já passou por este estágio de “aspiração superficial” e penetra depois intuitivamente, sem processo linear.

83

Além disso, um bodhisattva que pratica assim não se apega à forma, à sensação, à cognição, aos condicionamentos ou à consciência. Não se apega ao nome e forma, não se apega ao erro e opinião, não se apega a uma falsa ideia de eu, não se apega a uma falsa ideia de ser, não se apega à aniquilação ou à permanência, não se apega ao finito ou ao infinito.

Não se apega à forma ou cor, som, aroma, sabor, textura ou fenómeno; aos reinos do desejo, da forma e da ausência de forma; à ocorrência interdependente; aos elementos terra, água, fogo, ar e espaço; à verdade ou falsidade; ao apego ou desapego; à ganância, ódio ou ilusão; ao abandono da ganância, ódio e ilusão; à generosidade, mesquinhez, moralidade ou imoralidade; à tolerância ou hostilidade; à diligência ou preguiça; à meditação ou distração; à sabedoria ou estupidez; aos pontos de atenção, aos esforços corretos, às bases de poderes espirituais ou à anulação de erros; às faculdades, poderes ou ramos da iluminação; às concentrações ou realizações; à benevolência, compaixão, alegria, equanimidade; ao conhecimento da não-origem, ao conhecimento do fim ou ao conhecimento da não-criação; aos estágios de pessoas comuns, ouvintes ou iluminados individuais; às práticas de pessoas comuns, ouvintes ou iluminados individuais; ao sofrimento, à sua origem, à sua extinção ou ao caminho para a extinção; ao superconhecimento ou ao conhecimento e visão; à libertação, ou ao conhecimento e visão da libertação; ao nirvana; ao conhecimento e visão do passado, futuro e presente; ao conhecimento sem apegos; ao conhecimento de Buda; aos poderes e confianças dos budas; à purificação das terras de buda; à purificação das aparências externas; às realizações de ouvintes, iluminados individuais ou bodhisattvas.

Porquê? Porque todas as coisas são sem fundamento. Pois não há nada em nada que se possa agarrar, que constitua fundamento. Enquanto houver apego, haverá esforço, haverá agarrar. Enquanto houver agarrar e apego, haverá desconforto e aflição, haverá certamente tristeza, dor, inquietação e lamento.

Comentário

Pessoas sem autonomia, imersas em hábitos intelectuais, psicológicos e comportamentais que dificultam e prejudicam, podem ser induzidas a mergulhar em hábitos mais saudáveis para se melhorarem. A prática da visão perfeita vem depois desta etapa do desenvolvimento humano e não se agarra obsessivamente a nada, nem sequer ao bom e saudável.
Um exemplo da relação entre estas duas etapas foi dado antes, quando a

escritura diz que as primeiras cinco perfeições — caridade, moralidade, tolerância, diligência e meditação — suavizam o coração para prepará-lo para a visão perfeita.

A presente passagem também explica uma afirmação anterior de que é, no entanto, a perfeição da visão que aperfeiçoa as outras práticas, e é a perfeição da visão que penetra na libertação. Sem visão, as práticas religiosas ou espirituais ainda estão infetadas de apego, esforço e agarrar, e nessas condições produzem desconforto e aflição, tristeza e lamento. Isto pode ser testemunhado e confirmado na prática por quem se disponha a investigar a questão a partir desta perspetiva.

84

Na medida em que há apego, há escravidão. Na medida em que há apego, não há caminho — e tudo é desconforto e aflição. Enquanto houver apego, haverá imaginação vã, projeção e complicação conceptual.
Enquanto houver apego, haverá contenda, dissensão e argumentação.
Enquanto houver apego, haverá ignorância, escuridão e tolice.
Enquanto houver apego, haverá medos, haverá horrores.
Enquanto houver apego, haverá a armadilha da morbidez e o carácter destrutivo da morbidez.

Enquanto houver apego, haverá assédio pelo desconforto e busca de conforto. O bodhisattva, vendo isto e tudo o mais, não se apega a nada. Não se apegando, não agarra nada, e não faz prática de pegar ou manter seja o que for, e nem sequer pensa em nada como sem fundamento ou não-independente.

Comentário

Um provérbio zen diz: “Mesmo que o pó de ouro seja precioso, quando preso nos olhos, obstrui a visão.”

POSFÁCIO

ADVERTÊNCIAS NO RÓTULO

Como professor, o Buda é tradicionalmente comparado a um médico, que prescreve medicamentos específicos consoante as doenças particulares. É por isso que se diz, até mesmo nas escrituras, que não há ensinamento fixo.

Assim como os medicamentos comuns têm as suas indicações e contraindicações — para que servem e quando devem ser evitados —, também os "medicamentos" espirituais do budismo as têm. O mestre Zen Baizhang disse: "Se não tens a doença, não tomes o remédio."

Não é apenas uma questão de saber se o remédio convém à doença, mas também de saber se a constituição debilitada consegue responder positivamente ao tratamento. Um sistema radicalmente enfraquecido pela doença pode não aguentar um tratamento intensivo. O mestre Zen Baizhang disse: "O ensinamento universal do budismo é como um elixir, mas também é como um veneno. Se o podes digerir, é como um elixir; se não o podes digerir, é como um veneno."

Há uma extensa lista de contraindicações para os ensinamentos sobre a perfeição da visão no Suvikrantavikrami-pariprccha Prajnaparamita-sutra. Embora estejam no início do documento original, em tradução são mais facilmente compreendidos na perspetiva das exposições sobre a visão e o vazio no corpo do texto. O grau mais elementar de visão torna claro porque certas mentalidades se excluem, na prática, da experiência, e como seria prejudicial para elas "provar" o vazio.

Isto não é, claro, uma exclusão absoluta, pois nenhum destes estados é permanente por natureza e, em certas condições, podem ser mudados para melhor. Os vários ensinamentos apresentados para esse fim também são mencionados na literatura sobre a visão, em referência aos caminhos de cultivo pelos quais os praticantes de visão já passaram. Isto dá aos imaturos uma forma de se aproximarem dos ensinamentos de forma gradual e também amortece e equilibra os próprios ensinamentos da visão.

Neste sentido, a lista de contraindicações — pessoas com mentalidades para as quais os ensinamentos não são recomendados — fornece também uma estrutura para o auto-exame preliminar, através do qual se pode abordar a visão por meio de uma "limpeza da casa" psicológica. Seguem-se aqueles que, segundo a escritura, não podem, no seu estado atual, beneficiar dos ensinamentos da visão:

Pessoas com baixas aspirações; no contexto do budismo Mahayana, isto refere-se geralmente a pessoas que cobiçam a paz pessoal pelo seu próprio valor, como objeto de desejo. Esta mentalidade tende a interpretar os ensinamentos sobre o vazio em termos de escapismo, niilismo e esquecimento.

Pessoas com mentalidade de mendigo, ou seja, uma mente atormentada por um desejo constante e insegurança permanente. Nesse estado, a mente está sempre, de forma subconsciente, a tentar agarrar-se a algo sólido, a tentar apoiar-se em algo, a tentar “instalar-se”, pelo que os métodos de “não-apego” da prática de visão perfeita provocam grande ansiedade e não podem ser tolerados.

A mentalidade de mendigo pode também significar a tendência para valorizar em demasia coisas de pouca importância. Neste contexto, refere-se à pressa subconsciente de tomar uma interpretação superficial dos ensinamentos como se fosse o seu significado total. O “estômago” enche-se temporariamente com essa ingestão, mas não há nutrição real, apenas uma sensação ilusória de saciedade.

Pessoas preguiçosas, vencidas pela indolência e pela apatia, também estão excluídas. Este hábito de carácter tende igualmente a inclinar a mente para a superficialidade. Aqui, superficialidade na receção dos ensinamentos sobre o vazio pode significar literalismo e/ou escapismo niilista, ambos formas de irrelevância estudada.

Pessoas atoladas no lodo das opiniões não conseguem atravessar as formulações externas dos ensinamentos para chegar ao seu verdadeiro sentido, porque tudo o que consideram é transformado numa opinião. Quem está completamente imerso nas suas próprias visões do mundo normalmente não tem interesse num ensinamento que lhes diga que as suas opiniões não são realmente verdadeiras e que o seu mundo não é verdadeiramente real. Para essas pessoas, tudo acaba por ser interpretado de modo a refletir as suas opiniões, mesmo que pareça ser por oposição. Não há saída deste ciclo fechado, precisamente porque está rodeado por uma muralha de visões subjetivas.

Pessoas presas pelo laço da tentação, cujas mentes subconscientes são constantemente importunadas por impulsos, fantasias e caprichos. Se, neste estado, utilizarem as técnicas de desconstrução dos ensinamentos da visão para relaxar a razão, em vez de alcançarem libertação, podem inconscientemente entregar-se aos sussurros interiores e imaginar que estão livres.

Pessoas sem vergonha, que interpretam os ensinamentos sobre o vazio de forma pseudo-intelectual para justificar toda a espécie de permissividade, e que podem também concentrar-se na objetivação do vazio como uma espécie de “nada” para alcançar o esquecimento, permitindo-lhes ignorar a maior parte das consequências das suas ações.

Enumeram-se ainda outras características análogas ou relacionadas com a falta de vergonha, que igualmente predispõem as pessoas a reagir de forma insalubre aos ensinamentos da visão e do vazio, ou que os tornam inacessíveis

ou prejudiciais para elas. Tal como os sem vergonha, também os insaciáveis, os mergulhados na luxúria e no desejo, os importunos, os ingratos, os imorais e os inclinados para o mal tendem a apropriar-se inconscientemente dos ensinamentos para justificar licenças morais e mentais.

Pessoas distraídas, irrefletidas e desatentas também não podem beneficiar dos ensinamentos sobre a visão perfeita, pois carecem de foco, concentração e capacidade de perceção para suportar a dissolução das construções e convenções convencionais e ainda manter a integridade psicológica.

Enganadores, trapaceiros, charlatães, palradores, adivinhos e afins tendem a empregar os ensinamentos sobre o vazio para convencer as suas vítimas de que, sendo as conceções e os usos convencionais todos "vazios" e, em última análise, falsos, então qualquer coisa incompreensível ou irracional poderia ser verdadeira. Esta forma de abuso pode parecer primitiva, mas continua ativa em todo o mundo, incluindo no Ocidente, onde a refutação científica de ideias tradicionais não erradicou, de todo, as velhas superstições.

Pelo contrário, a "descoberta" científica do não-absoluto em muitas áreas onde estamos habituados a tomar a nossa noção convencional da realidade como garantida tem sido utilizada, em certos sectores da cultura ocidental, para criar um clima no qual ilusões sobre realidades menos familiares, como a espiritualidade, podem ser protegidas da análise crítica.

O cerne deste problema é a confusão sobre os significados da negação no ensinamento budista, que pode ser utilizada para enganar-se a si próprio, mesmo inconscientemente, e para enganar e defraudar outros, seja consciente ou inconscientemente, deliberadamente ou de forma compulsiva. Como comentou o mestre Zen Bunan, no século XVII: "As pessoas ouvem que não há bem nem mal e pensam que isso significa que o mal é bom."

Partido, partido, partido para além, partido para além do além.

Fontes do Texto

Escritura sobre a Visão Perfeita e o Despertar da Essência, traduzida para chinês por Weijing da dinastia Song (960–1279). Possivelmente uma retradução do original ou uma reelaboração de uma tradução mais antiga, contém alguma terminologia não-padrão útil e liga habilmente os ensinamentos Prajnaparamita e Yogachara do budismo.

Essenciais da Grande Escritura sobre a Visão Perfeita, tratado do grande autor budista coreano do século VII, Won Hyol. Segundo a tradição, Won Hyol planeava viajar para a China, então em pleno florescimento cultural sob a dinastia Tang, para estudar budismo. Numa noite, numa gruta de montanha a caminho da China, acordou com muita sede. Apalpando no escuro, encontrou

uma tigela com líquido. Como era comum que peregrinos utilizassem grutas, não estranhou. Bebeu o líquido e achou-o doce e refrescante.

Saciada a sede, voltou a dormir. De manhã, à luz do dia, viu que tinha bebido matéria pútrida de um crânio humano. Horrorizado, vomitou. Mas logo refletiu que, na noite anterior, quando pensava beber de uma tigela, tinha achado o líquido doce. Esta experiência ensinou-lhe a verdade de vijnaptimatrata ("apenas representação"), e naquele momento iluminou-se. Já sem necessidade de estudar mais budismo, voltou para a Coreia.

Tratado sobre a Grande Escritura da Visão Perfeita, atribuído ao grande mestre indiano Nagarjuna (tradicionalmente séc. I a.C.–séc. I d.C.), famoso pelas suas obras sobre shunyata (vazio). Considerado "o segundo Buda", é tido como antepassado de todas as grandes escolas budistas, incluindo Zen, Tantra e Terra Pura. A lenda atribui-lhe a recuperação de todo o corpo dos Sutras Prajnaparamita sobre a visão perfeita, preservados no reino dos Nagas ("dragões"), um povo indígena da Índia cuja cultura era pouco conhecida pelo bramanismo ortodoxo. A associação com o "dragão" é por vezes interpretada como referência à força psíquica kundalini, utilizada para aceder a um conhecimento não discursivo.

Escritura sobre a Visão Perfeita para Governantes Benevolentes, atribuída a Kumarajiva (c. 400 d.C.), célebre tradutor e génio budista.

Ensinamentos-Chave da Grande Escritura sobre a Visão Perfeita, síntese sistemática da enorme tradução de Xuanzang (600 rolos), feita por Dayin da dinastia Song, que condensou as repetições formulaicas para destacar os princípios essenciais.

As Perguntas de Suvikrantavikramin, um dos Sutras Prajnaparamita ainda existentes em sânscrito, traduzido aqui a partir da edição de Ryusho Hikata (1958, Rinsen Book Company, Kyoto, 1983), mantendo os jogos de palavras e a flexibilidade semântica próprios do chamado Sânscrito Híbrido Budista.